UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LUÍS MICHEL FRANÇOSO

A MODERNIDADE É UMA SERPENTE

ARARAQUARA – S.P.
2015

LUÍS MICHEL FRANÇOSO

A MODERNIDADE É UMA SERPENTE

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Diversidade, identidades e direito

Orientadora: Prof.ª Dra. Renata Medeiros Paoliello (FCLAR- UNESP)

Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

ARARAQUARA – S.P.
2015

[VERSO DA FOLHA DE ROSTO]

Françoso, Luís Michel
A modernidade é uma serpente / Luís Michel Françoso – 2015
140 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Renata Medeiros Paoliello

1. Mito. 2. Civilização moderna. 3. Araraquara (SP). 4. Poder (Ciências sociais). 5. Espaço urbano. I. Título.

LUÍS MICHEL FRANÇOSO

A MODERNIDADE É UMA SERPENTE

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Diversidade, identidades e direito
Orientadora: Prof.ª Dra. Renata Medeiros Paoliello (FCLAR- UNESP)
Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Data da defesa: ___/___/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: **Prof.ª Drª Renata Medeiros Paoliello**
Universidade Estadual Paulista - Unesp/Araraquara.

Membro Titular: **Prof.ª Drª Ana Lucia de Castro**
Universidade Estadual Paulista - Unesp/Araraquara.

Membro Titular: **Prof.ª Drª Maria Cristina Pompa**
Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho aos meus antepassados

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Maria José Trintin Andrade, por me criar, acreditar em mim e por tudo que me ensina.

Ao meu pai Luís do Carmo Françoso por me criar e pelo apoio sempre amigo.

A Washington Lúcio Andrade pelo apoio.

Aos meus irmãos e irmãs pelo carinho sempre atencioso.

A minha companheira Julia Michelutti Cheliz por me conceder a ideia desta pesquisa e por estar sempre ao meu lado. Você me inspira e me faz feliz.

Aos meus avós por nunca esmorecerem.

A minha orientadora Renata Medeiros Paoliello pela paciência, zelo e insubstituível apoio.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio institucional.

Aos funcionários públicos que trabalham nos órgãos ao qual recorri durante esta pesquisa.

“Hino do padroeiro

Oração de São Bento, patrono da paróquia e da cidade de Araraquara

Ó meu glorioso padroeiro – São Bento – servo fidelíssimo de meu Senhor Jesus Cristo, olhai com ternura e solicitude para as necessidades desta paróquia da qual sois guarda e pai e intercedei junto a Deus perenemente por minhas necessidades e por aquelas de todo o povo araraquarense, pois és patrono desta paróquia e cidade.
Ó glorioso patriarca, que vos mostrastes sempre compassivo com os necessitados, fazei que, também nós, recorrendo a vossa poderosa intercessão, obtenhamos auxilio em todas nossas aflições.
Que nas famílias reine a paz e a tranquilidade; se afastem todas as desgraças, tanto corporais como espirituais, especialmente o pecado.
Alcançai, do Senhor, a graça que vos suplicamos (fazer o pedido); obtendo-nos finalmente que, ao terminar nossa vida terrena, possamos louvar a Deus convosco no Paraíso.
Rogai por nós, ó glorioso patriarca São Bento,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.
Amém!”
Padre Marcelo Aparecido de Souza e Comissão de festas paroquial (2014, p.13, destaque do autor)

Oração a São Bento

Senhor São Bento,
Água Benta,
Jesus Cristo
Está no altar,
Cobra má abaixa,
Arrede a cabeça,
Deixa eu e a minha
Companhia passar,
Amém (LIMA, 1950)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o mito da serpente do município de Araraquara - SP através da fórmula canônica do antropólogo Lévi-Strauss e, a partir daí, apontar possíveis articulações entre os usos de um discurso mítico e as relações políticas da cidade de Araraquara. A construção da cidade é um projeto de disputa político pela definição do espaço. Constitui-se assim um campo de sensibilidade a partir do mito, que produz intensos conflitos discursivos, impondo um *ethos* à cidade. O referido "mito da serpente" narra uma praga rogada, pelo padre da Matriz na época, enunciando que Araraquara, por 100 anos, não teria progresso, que uma enorme serpente ficaria em baixo da igreja, e que, se um dia o município progredisse, ela sairia e destruiria toda a cidade. Caso saia, uma águia localizada no chafariz, no centro do largo da Matriz, irá enfrentá-la para proteger a cidade. Assim, este projeto tem por objeto os usos do mito e sobre como é apropriada sua narrativa em favor da produção de novos conteúdos sobre a cidade, na tentativa de obter exclusividade da enunciação da modernidade como valor. A modernidade aqui é pensada em sua dimensão conflituosa, interventora na urbe, buscando instaurar novas centralidades de poder. Por fim, busca-se através desta pesquisa contribuir para a compreensão da dimensão tensa e negociada que permeia o processo de formação das cidades médias brasileiras.

Palavras-chave: Fórmula canônica do mito. Modernidade. Araraquara. Poder. Espaço urbano. Cidades médias.

ABSTRACT

This paper's objective is to analyze the serpent myth from the municipality of Araraquara, SP, through the use of anthropologist Lévi-Strauss' canonic formula and, from there, point out possible articulations between the uses of a mythical discourse and the political relations in the city of Araraquara. The construction of a city is a project of political dispute for the definition of the space. Thus, a field of sensibility is constituted from the myth, which generates intense discursive conflicts, imposing an ethos to the city. The referred "serpent myth" narrates a curse cast by the Matriz priest at the time, stating that Araraquara would not have progress for a 100 years, that an enormous serpent would stay beneath the church, and that, should the city ever develop, the serpent would come out and destroy all of it. If the serpent does come out, an eagle, located at the fountain at the center of the Matriz's plaza, would face it in order to protect the city. Therefore, this project's object is the uses of the myth and how its narrative is appropriated in favor of the production of new contents about the city, in an attempt to obtain exclusivity in the enunciation of modernity as a value. Modernity is thought of here in its contentious dimension, inventor of the urbis, seeking to establish new centers of power. Lastly, this research aims to contribute to the comprehension of the tense and negotiated dimension which permeates the formation process of Brazilian middle-sized towns.

Keywords: Canonical formula of myth. Modernity. Araraquara. Power. Urban space. Middle-sized towns.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS

Foto 1	Vista panorâmica da cidade de Araraquara no início do século XX	22
Foto 2	Igreja Matriz de São Bento – construída em 1875 e demolida em 1886	30
Foto 3	Entorno da Igreja Matriz em 1891	33
Foto 4	Inauguração do monumento público em 1917	34
Foto 5	Segunda versão da Matriz construída em 1817	35
Foto 6	Terceira versão da Igreja Matriz (com duas torres)	35
Foto 7	Quarta versão da Igreja Matriz inaugurada em 1891 (uma torre)	36
Foto 8	Quinta versão da Igreja Matriz em 1978	36
Foto 9	Vista da cidade de Araraquara.	37
Foto 10	Rosendo de Brito e Manoel de Souza Brito	39
Foto 11	Coronel Antônio Joaquim de Carvalho	40
Foto 12	Prédio da cadeia pública de Araraquara em 1897	42
Foto 13	Inauguração da Capela das Almas em 1952	48
Foto 14	Panorama do Cemitério das Cruzes em 1952	48
Foto 15	Entrada do Cemitério São Bento em 1978	49
Foto 16	Padre Antonio Cesarino	65
Foto 17	Largo da Matriz em 1956	65

MAPAS

Mapa 1	Representação dos Sertões de Araraquara	25
Mapa 2	Localização de Araraquara no Estado de São Paulo	38

IMAGENS

Imagem 1	Representação da serpente da Igreja Matriz	64
Imagem 2	Reprodução da medalha de São Bento	93
Imagem 3	O Brasão de armas de Araraquara	115
Imagem 4	Bandeira do México e Nossa Senhora Imaculada Conceição	121
Imagem 5	Nossa Senhora dos Prazeres	122

Imagem 6 Águia da Matriz de Araraquara 123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Representação dos principais elementos que constituem o mito 82
Quadro 2 Representação da fórmula canônica do mito 85
Quadro 3 Método estruturalista em seis passos 87
Quadro 4 As seis versões do mito 88
Quadro 5 Primeiras aproximações dos mitemas 90
Quadro 6 Mitemas em 4 feixes de relações 94
Quadro 7 Resumo das relações dos feixes 95
Quadro 8 Grupo de Klein 96
Quadro 9 Comparativo dos períodos de recorrência do mito 139

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 SOBRE COMO SE FAZ UMA CIDADE 22
2.1 Os sertões de Araraquara 23
2.2 Freguesia de São Bento: a fixação de um lugar no espaço 25
2.3 A ocupação do espaço como fonte de poder 27
2.4 O surgimento do espaço urbano 29
2.5 O largo da Matriz de São Bento 33
2.6 Araraquara - século XXI 36

3 PRAGA DE PADRE 39
3.1 A morte do coronel 40
3.2 O assassinato dos Brito 42
3.3 Linchaquara 44
3.4 Narrativas atuais sobre o crime 46

4 A MATERIALIDADE DO SIMBÓLICO 50
4.1 Estrutura e evento 50
4.1.a O método estruturalista 50
4.1.b A noção de sistema 51
4.1.c Crítica epistemológica 52
4.1.d Mudar o referencial 55
4.2 A questão da materialidade 57

5 O CORPO VIVO DA SERPENTE 64
5.1 O mito 64
5.2 Versões da narrativa 67
5.2.1 Primeira versão 67
5.2.2 Segunda versão 68
5.2.3 Terceira versão 68
5.2.4 Quarta versão 68
5.2.5 Quinta versão 69
5.2.6 Sexta-versão 69
5.3 Interdito 70
5.4 Presença do mito em outras cidades 71
5.5 Dizível 73
5.6 Reforma da Matriz 75
5.7 Vida social da serpente 77

6 O MITO NO LABORATÓRIO 79
6.1 Análise estrutural do mito da serpente 79
6.2 Do mito para a fórmula 80
6.3 Método de análise estruturalista em seis passos 87
6.3.1 Passo 1 88
6.3.2 Passo 2 88
6.3.3 Passo 3 91
6.3.4 Passo 4 95

6.3.5 Passo 5 ..... *97*
6.3.6 Tríades *99*
6.3.7 Passo 6 ..... *100*
6.4 Do laboratório para as ruas 102
6.4.1 Narrativas da modernidade como valor: substituição do poder do signo do abuso pelo signo da modernidade *102*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 119

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 125
8.1 OBRAS CONSULTADAS 128
8.2 FONTE DE INFORMAÇÃO - ARQUIVOS PÚBLICOS 129
8.3 FONTE DE INFORMAÇÃO – IMPRENSA 130
8.4 FONTE DE INFORMAÇÃO - DOCUMENTOS VIRTUAIS 133

9 ANEXOS 135
9.1 Cronologia sobre a história de Araraquara 135
9.2 Breve quadro da conjuntura de forças políticas de Araraquara 139

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a partir da lógica de um mito, o mito da serpente, podem-se pensar as relações de poder na cidade de Araraquara-SP. Para tal análise toma-se como suporte o método estrutural, especificadamente, a fórmula canônica do mito. A hipótese, por sua vez, é bem simples: a de que um esquema simbólico precede e organiza a experiência do homem com os elementos do mundo material.

Desde Kant confirmamos que o conhecimento não é gerado apenas a partir da experiência, mas inversamente, muito da experiência é determinada a partir do conhecimento. Ou seja, nem tudo que sabemos está fora de nós, mas também há algo em nós que organiza nossa experiência com o mundo. Princípio este que, na primeira metade do século XX, irá inspirar uma inovação profunda promovida pelo antropólogo Lévi-Strauss. Aliando os avanços científicos da lingüística, da filosofia e da matemática, o antropólogo francês funda o chamado estruturalismo na antropologia.

Lévi-Strauss definiu o mito como uma ferramenta muito útil para momentos de crise. O mito nos ajuda a operar mediações diante de relações de contradição. O mito não é a verdade íntima da sociedade, tampouco a ausência da verdade. Ele é a pista para um caminho que nos revela *ligações* entre culturas aparentemente distintas.

O mito nos guia na direção de um *modo de pensar*. Se concordarmos com a proposta de que o conhecimento orienta a experiência, temos de admitir que haja algo em nós que interfere no modo como vemos as coisas. Mas, o que o mito da serpente poderia então dizer sobre a cidade de Araraquara?

Vejamos um exemplo: Araraquara tem um prédio histórico denominado atualmente de *Casa da Cultura*, que se localiza na Rua São Bento, entre as avenidas Duque de Caxias e Espanha. Tal prédio foi inaugurado em 1914. Os araraquarenses o herdaram de seus ancestrais, que o edificaram na pujança dos lucros do café. Mas, não herdaram apenas os tijolos do prédio, foi todo um pensamento sobre um modelo de cidade que veio junto com ele. Um modelo de espaço urbano, de uso e função. Decerto que atualmente pode-se usá-lo para qualquer função, diferente da original, inclusive. Mas, com a condição de adaptar-se tal nova função à estrutura espacial que este prédio tem.

Na cidade, herdam-se arquiteturas físicas e mentais. O mito da serpente é uma espécie de arquitetura do pensamento, um modo de pensar organizado através de uma lógica. Criado no final do século XIX, continua presente na vida cotidiana. Os usos deste discurso mítico são vários e atravessam a história da cidade, ainda que continuem a obedecer uma determinada lógica de organização.

A fórmula canônica nos permite obter a lógica do mito através de uma tradução das variações da narrativa mítica em termos da abstração matemática. Uma equação, portanto, que revela um modo geral de operação do pensamento, e um modo particular de pensar. É exatamente este *modo de pensar* de Araraquara que se pretende encontrar através da análise do mito da serpente.

Foi possível verificar, através deste trabalho, que este *modo de pensar* age em momentos decisivos da vida da cidade. E que, enquanto um esquema simbólico, precede e organiza a experiência.

Conforme demonstrou o historiador Maurice Halbwachs a manutenção da ordem dos elementos no mundo material fixa pensamentos, a organização das coisas é uma forma de discurso. O mundo urbano e seus elementos são organizados por uma lógica, esta lógica não é arbitrária, ela é resultado de um processo de disputa política entre as forças presentes naquela sociedade. Logo, se admitimos que o homem organiza o mundo material a partir de um esquema simbólico, descobrir o esquema simbólico deve nos dizer algo sobre as relações de poder que incidem sobre o espaço da cidade. Desta forma, o espaço da cidade pode ser visto como uma expressão do modo de pensar da cidade.

Ou ainda, como apontou Bourdieu: "(...) a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política" (BOURDIEU, 2011, p.69). Ler a ordem política de Araraquara pela ordem simbólica do mito da serpente, eis aqui a tarefa proposta.

Três períodos foram escolhidos para implementar esta tarefa: 1908-1930; 1960-1970; 2000-2015. Em cada um destes momentos, surgiu um novo projeto político sustentado pelo princípio da modernidade como valor. Cada novo projeto de poder parecia ter a necessidade de expressar sua força pela recomposição dos monumentos no tabuleiro urbano.

Como afirma Augé (2007), a política, por excelência, tende a constituir centralidades, construir unidades através de uma linguagem espacial.

Assim, o primeiro capítulo aborda o processo histórico de formação da cidade de Araraquara, tendo por panorama o processo de ocupação e construção do oeste paulista. O primeiro momento deste processo, de 1620 a 1820, diz respeito a uma redução de espacialidades: de uma sesmaria chamada Sertões de Araraquara, espaço amplo e difuso, para

a formação de um lugar circunscrito. De rota de passagem para as minas de metais preciosos, em Goiás e Minas Gerais, para um ponto fixo no espaço. A formação da freguesia de São Bento é o marco desta redução e, no centro desta, se ergue a primeira versão da Matriz de São Bento. A partir daí, no século XIX, chegam novos elementos desta história: imigrantes, República, ferrovia, a febre amarela e o café. Têm início a formação do espaço urbano, e com ele o fato trágico do assassinato dos Brito.

O segundo capítulo discorre sobre os elementos que constituem este trágico acontecimento que foi o assassinato dos irmãos Brito, e que marcou a história da cidade.

O terceiro capítulo aborda o problema teórico da relação entre estrutura e história. E apresenta um panorama sobre as reflexões de Saussure, as mudanças propostas por Lévi-Strauss (2008), e as atuais reflexões sobre o tema a partir do antropólogo Marshall Sahlins (2008).

O quarto capítulo apresenta uma etnografia histórica sobre as versões do mito da serpente, mostrando os momentos de recorrência do uso do mito em diferentes períodos da história de Araraquara.

O quinto capítulo trata do exercício de análise estruturalista do mito da serpente a partir da fórmula canônica desenvolvida por Lévi-Strauss (2008). Na primeira parte do capítulo se obtém a lógica do mito a partir da fórmula. Na segunda, se analisam as possibilidades de compreender as relações de poder da cidade de Araraquara a partir da lógica do mito obtida.

Antes da leitura deste trabalho, cabem aqui dois esclarecimentos:

01. Dado o uso de vários textos antigos, nesta pesquisa foi dispensado o uso do recurso *sic* que indica a presença de uso não formal da língua. As diferenças históricas de grafia são muitas em certos casos, o que tornaria o uso do *sic* enfadonho.
02. Algumas citações no texto, tiradas de trechos de jornais, seguem sem paginação; explico: há materiais disponíveis no arquivo público que são recortes de uma página de jornal. Neste recorte encontra-se, por vezes, o nome do jornal, mas a parte da página foi recortada ou rasgada, tornando praticamente inviável a busca do jornal original, já que os arquivos públicos não contam com as edições sequenciadas de edições antigas dos jornais da cidade. Resulta daí que algumas citações ficaram sem paginação.

Recomendações aos pesquisadores sobre Araraquara

Na oportunidade desta pesquisa, vários documentos puderam ser consultados. Pretendo aqui fazer uma breve exposição sobre o estado de conservação e organização dos referidos documentos, procurando contribuir com aqueles que tenham interesse em realizar uma pesquisa sobre a história da cidade, conhecer a formação do Oeste Paulista ou saber mais sobre a cidade em que vive. Longe de pretender esgotar aqui as possibilidades de fontes de pesquisa, traço apenas um caminho que pode economizar tempo e trabalho.

Os estudos sobre a cidade de Araraquara não são poucos, estão em crescimento e são produzidos, na sua maioria, por jornalistas e acadêmicos. Infelizmente um baixo número destes estudos compartilham informações e dados entre si. . Talvez esta situação ocorra pela falta de um reconhecimento do tema *Araraquara* como eixo de pesquisa. Ao contrário deste tipo de postura, pode-se verificar a longa tradição de se tomar a cidade de Araraquara enquanto objeto de estudo. No início do século XX, as primeiras tentativas de compilar dados, fotos, e apresentar uma visão sobre a cidade, ficaram a cargo de publicações denominadas *Almanaques, s*endo o primeiro deles publicado em 1915.

Durante as décadas de 1950 e 1960, as Revistas do Jornal *O Imparcial* cumpriram também importante papel de construir um retrato da cidade desta época. Neste período, surgiram ainda obras sobre a história da cidade, produzidas por pesquisadores como Anna Maria Martinez Corrêa, Alberto Lemos e Rodolpho Telarolli. Na mesma época, na literatura, temos Ignácio de Loyola Brandão. A Escola de Belas Artes também cumpriu importante papel do campo da representação iconográfica da cidade.

Atualmente o tema pareceu crescer dentro do campo acadêmico e jornalístico: surgem obras sobre a chegada da ferrovia[1], o surgimento do TECA (Teatro Experimental de Comédia de Araraquara) [2], implementação do Plano Diretor[3], dentre outras. Poder-se-ia ganhar muito com uma maior intensidade de troca de informações entre esses autores, aprofundar leituras compartilhadas e atualizar dados obtidos. Além do mais, pensar a formação de Araraquara

---

[1] BERGAMIM, Francisco de Assis; MARTINS, Felipe Turioni. 2012. **Máquina Estranha que Consumia Água e Carvão e Cuspia Fumaça** – Contribuições para a História da Ferrovia em Araraquara“. Araraquara. (Monografia de conclusão do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara – Uniara).

[2] MEDINA, Clodoaldo Jr. 2012. **Histórias do Teca –** Teatro Experimental de Comédia de Araraquara. Araraquara: DBA.

[3] TOLEDO, Rodrigo Alberto. 2013. Trajetórias do Planejamento Urbano no Município de Araraquara: Centralismo Decisório ou Participação? Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, sob orientação da Prof Drª Maria Teresa Miceli Kerbauy. Araraquara, SP.

pode ser uma forma de derivar reflexões sobre outras cidades, de descobrir conexões históricas regionais, e de pensar os processos políticos em cidades médias.

Enfim, quanto à disponibilidade de material para pesquisa tem-se: sobre o Arquivo Histórico do município de Araraquara, é necessário enaltecer o trabalho de compilação e conservação realizado pelo historiador Rodolpho Telarolli. Graças ao seu esforço, boa parte do material, disponível no Arquivo Público para pesquisa, está disponível. Em artigo publicado no jornal *O Imparcial* , em 24 de dezembro de 1995, Telarolli apresentou um relatório sobre as primeiras medidas para a criação do Arquivo Municipal, realizadas entre 1994 e 1995.

No ano de 1994, foi formada a comissão responsável pela criação do Arquivo Municipal através da portaria nº 7.907, assinada pelo então prefeito Roberto Massafera, em 05 de julho de 1994. Tal comissão era composta por Rodolpho Telarolli (presidente), Dayse de Oliveira, José Ênio Casalechi, Heloísa Michetti, Francisco José Santoro e Léa Trindade. Após sete anos de luta, o Arquivo Histórico Municipal é inaugurado, no ano de 2001. Telarolli faleceu dois meses depois.

No ano de 2002, um ano após a inauguração, o Arquivo contava com acervo de 172 mil documentos, que datam dos anos de 1877 a 1984. Atualmente o número já deve ter sido alterado, dado o acréscimo de materiais antigos e atuais, e a criação de outros espaços institucionais voltados à preservação da memória da cidade.

Alguns anos antes, em 1987, a cidade conseguia realizar um tombamento de uma edificação histórica pela primeira vez, o que contribuiu para a conservação dos monumentos em que se inscreve sua história, a primeira edificação tombada foi a casa do comendador José Pinto Ferraz, construída por volta de 1880, localizada na Rua Padre Duarte, nº 1425. Por iniciativa do arquiteto Francisco Santoro, junto a demais colaboradores, se conseguiu o tombamento junto ao CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) do Governo do Estado de São Paulo, de um total de 11 obras. Outras obras na época foram tombadas por legislações municipais[4].

Outra ação importantíssima para a preservação da documentação da cidade foi realizada através da publicação, em 1998, do relatório denominado *Imagens de Araraquara,*

---

[4] Para uma lista das obras tombadas conferir: *Bens tombados, pelo Condephaat, em Araraquara.* Disponível em: http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/patrimonio/Leis/Municipais/Araraquara/documentos%20araraquara/bens%20tombados.pdf.

pela UFRRJ/CPDA[5]. Tal pesquisa contribuiu para a preservação do material iconográfico da cidade. Deste trabalho de conservação, feito nos Arquivos do Museu Histórico Voluntários da Pátria, resultou coleção de mais de mil fotografias, datadas, na sua maioria, do final do século XIX e início do XX.

Dentre estas fotos, uma é de grande importância para esta pesquisa: aquela em que são retratados Rosendo e Manoel de Brito, tirada pelo fotógrafo F. Perez e que até hoje nos permite conhecer os rostos dos "irmãos" Brito:

> Essas fotografias de Manuel e Rosendo de Brito são raridades conservadas no Museu de Araraquara e, muito sugestivamente, mostram o rosto de um acontecimento marcante. São fotos do tipo carte de visite ou carte cabinet – um retrato posado (6x9, 5 cm, no caso do cartão de visita), montado sobre cartolina um pouco maior, comumente usado como presente e para satisfazer o desejo de representação. O seu autor é F. Pérez, uma figura emblemática da fotografia na cidade do final do século. A obra deste fotógrafo significa uma contribuição única à iconografia mais antiga de Araraquara, quer pelo número e qualidade dos registros conservados, quer pela sua abrangência. Em 1895, Pérez já tinha um estúdio em Araraquara, a Photographia Pérez, situado na Rua São Bento, bem em frente ao Largo da Matriz (COSTA, 1998, p. 211).

Em outro projeto, datado de 1999, foram lançados dois CD-ROM apresentando uma coleção de fotografias sobre a cidade, denominada *100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara*. O material, assinado por Eduardo Luiz Veiga, contou com o apoio da Prefeitura do Município de Araraquara, e foi publicado em comemoração aos 190 anos da cidade.

Enfim, este breve panorama mostra alguns marcos da conservação de documentos na cidade que propiciam a disponibilidade de material de pesquisa atualmente. Agora se pode abordar a situação de organização dos documentos nos espaços públicos disponíveis à pesquisa.

O Arquivo Histórico Municipal apresenta, como citado acima, vasto conteúdo. As atas da Câmara Municipal são ótimas fontes diretas para verificação de atos públicos. O problema é que o poder público não oferece as condições ideais para sua conservação; durante a pesquisa, pude verificar o desbotamento da tinta de alguns livros de atas. Outro problema é a

[5] A referida pesquisa foi desenvolvida pelo pesquisador Luiz Flávio de Carvalho Costa, financiada pelo Pronex, integrada ao grupo de pesquisa Historiografia e Memória Agrária, sendo realizada em parceria com o pesquisador Clodoaldo Medina Jr., dentre outras.

baixa digitalização do acervo, que dificulta tanto a pesquisa quanto a conservação do material. No mais, o material é rico e ainda segue inexplorado, e devendo receber a atenção de novos pesquisadores.

A Biblioteca Municipal de Araraquara oferece ótima compilação de jornais antigos, na sua maioria recortes realizados periodicamente por seus funcionários. O que se destaca é o arquivo de jornais de datas de aniversário da cidade. A datação dos jornais disponíveis para pesquisa é mais recente do que as do Arquivo Público. No setor de empréstimos de livro, encontra-se uma seção especial sobre títulos que têm como tema a cidade de Araraquara. Todas as obras estão disponíveis para empréstimo.

A Câmara Municipal de Araraquara recentemente reestruturou seu arquivo, oferecendo um setor de patrimônio. Fora isto, o site da instituição oferece a possibilidade de consultar projetos de lei antigos sobre temas variados.

O Museu de Imagem e Som (MIS) localizado na Casa da Cultura recebeu todo o material fotográfico e sonoro, sendo ótimo lugar para obter fotos históricas do município.

A Mitra Diocesana localizada em São Carlos, instituição à qual a Matriz de Araraquara é subordinada, conserva um arquivo com documentos antigos.

A Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara oferece cópia da coletânea de fotografias acima citada (*100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara)* e ainda pesquisas acadêmicas que têm Araraquara como objeto de estudo. Ela dispõe de um interessante material, distribuído em trabalhos que vão de monografias a teses de doutorado. O SESC (unidade Araraquara) também apresenta importantes contribuições ao desenvolver e disponibilizar materiais especiais de pesquisa sobre a história da cidade, entre estes, vale destacar: pesquisa sobre o surgimento da cama-patente [6]e sobre a realização do longa-metragem *Santo Antônio e a vaca*[7].

Enfim, longe de esgotar o tema, este breve relato pretende estimular o quanto possível o reconhecimento de uma vasta literatura que tem por objeto a reflexão sobre a cidade de Araraquara e região, expondo em poucas palavras a situação e disposição da documentação existente.

---

[6] A cama-patente foi a primeira cama com design patenteado no Brasil. Seu criador foi Celso Martínez Carrera (1883-1955, avô do araraquarense e ator José Celso Martinez Corrêa.

[7] O filme *Santo Antônio e a Vaca* foi importante realização cinematográfica , rodado em 1958 em Araraquara e idealizado pelo araraquarense Wallace Leal Valentin Rodrigues (1924-1988)

2 SOBRE COMO SE FAZ UMA CIDADE

Foto 1 - Vista panorâmica da cidade de Araraquara no início do século XX. Na centro-direita, a quarta versão da Igreja Matriz de São Bento (inaugurada em 1891). Em torno da igreja as vias formam retilínea geometria. Na parte inferior a estrada de ferro. Linha horizontal que atravessa a cidade[8]

O mito da serpente é narrativa conhecida pelas ruas da cidade de Araraquara. Caminhando por ela se obtêm facilmente relatos sobre a presença de uma serpente embaixo da Igreja Matriz de São Bento. A serpente é corpo vivo. E sua presença discursiva é objeto deste trabalho.

Mas, para compreender a presença do mito, é preciso entender sua relação com a história de Araraquara. E o papel central que o largo da Matriz tem no processo de construção desta cidade.

[8] LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. CD-ROM - II. Pasta Vistas. Foto nº 002.

A história de Araraquara foi objeto de estudo de vários autores, tais como Alberto Lemos[9] (1962), Anna Maria Martinez Corrêa[10] (1968), Rodolpho Telarolli[11] (1977; 1997; 2003), José Maria Vianna Souza[12] (2003) e Oswaldo Truzzi[13] e Fransérgio Follis[14] (2012). Mas, fora do campo disciplinar da história, foi possível encontrar também ricas fontes sobre a história da cidade através do trabalho de cronistas, jornalistas, políticos e artistas.

Os almanaques são outras importantes fontes de pesquisa, documentos históricos que compilavam dados sobre os principais setores que envolveram a vida na cidade. Proclamavam as conquistas que a comunidade havia alcançado até aquele momento através de relatos e das mais recentes edificações da urbe. Cumpriram papel relevante ao instituir narrativas sobre a história da cidade, repetidas a cada nova edição[15]. .Abaixo segue breve histórico de formação da cidade de Araraquara.

2.1 Os sertões de Araraquara

A ocupação pelo litoral caracterizou o Brasil colônia durante os séculos XVI e XVII. No século XVIII a ocupação se interioriza graças à descoberta de ouro em Minas Gerais e mais tarde em Mato Grosso e Goiás. A partir daí a ocupação do Oeste Paulista ganha maior amplitude (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.21).

---

[9] Nasceu no dia 04 de junho de 1911. Foi diretor da Ferroviária (time de futebol de Araraquara) em 1957. Autor do livro a *História de Araraquara* de 1962. A obra se tornou referência pelo pioneirismo (PIRES, 2011)

[10] Formada em História e Geografia no ano de 1954 pelo Instituto Sedes Sapientiae, da Pontíficia Universidade Católica, em São Paulo. Lecionou no curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis a partir de 1967. Em 1987 passou a se dedicar ao Centro de Documentação e Memória da UNESP (CORRÊA, 2008). Concluiu dissertação de mestrado denominada: *Araraquara: 1720 -1930 – Um capítulo do café em São Paulo* em 1968. O referido trabalho foi publicado em livro no ano de 2008.

[11]Nasceu em 10 de setembro de 1933. Foi o segundo filho de um total de sete irmãos. Seu pai era pedreiro e se chamava Paulino João Telarolli. A mãe, Anna Maria Apparecida Biffi. Atuou como funcionário público na Prefeitura de Araraquara (setor da Fazenda). Como professor se aposentou pela UNESP em 1983. Faleceu aos 67 anos em 05 de junho de 2001. Dados obtidos no Arquivo Público Histórico de Araraquara. Pasta 2 – denominada: *Araraquara: História*. Em 1977 concluiu dissertação de mestrado denominada: *Poder local na República Velha*. O referido trabalho foi publicado no ano de 1977. Sendo relançado em 1997 com o título: *Britos: República de sangue.* Em 2003 publica o livro *Para uma história de Araraquara: 1800 a 2000*.

[12]Nasceu em Humaitá, em Rondônia, em 17.11.1959. Sociólogo e jornalista. Em 2003 publica obra denominada: *Araraquara 212 anos de história*

[13] Professor associado da Universidade Federal de São Carlos, atuando nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Engenharia da Produção. Em 2012 publica como co-autor a obra *A ocupação dos Sertões de Araraquara: das Sesmarias e Apossamentos à Lei de Terras de 1850*.

[14] Desde 2000 é professor no Centro Universitário Central Paulista na cidade de São Carlos. Historiador mestre em História pela Unesp/Franca-SP e doutor em Sociologia pela Unesp/Araraquara. Em 2012 publica como co-autor a obra *A ocupação dos Sertões de Araraquara: das Sesmarias e Apossamentos à Lei de Terras de 1850*.

[15] Para um compilado dos almanaques, conferir: FRANÇA, Antonio (Org). 1915. **Álbum de Araraquara: 1915**. São Paulo: João Silveira Editor; CINTRA, A. 1928. MonographiaIllustrada de Araraquara. São Paulo: Duprat-Mauença; ALMEIDA, Nelson Martins de. 1948. **Album de Araraquara**. Organização e edição Nelson Martins de Almeida. São Paulo, Composto e impresso pela Empreza "O papel" Ltdta; ANÚARIO DE ARARAQUARA. **1952**. Nº1.Araraquara. Com ilustrações na capa de Sidney Schiavon. Disponível no Arquivo Público da Biblioteca Municipal de Araraquara "Mario de Andrade". Pasta: 121-C.

> Assim os núcleos que se formam em torno das explorações do centro de Minas Gerais, que são cronologicamente as primeiras e ficarão sendo definitivamente as principais, aqueles núcleos se destacam da origem donde tinham partido os descobridores e as primeiras levas de povoadores, e que é São Paulo (PRADO Jr., 2000, p.47).

Neste período as *sesmarias* são as unidades espaciais de ocupação territorial, denominação para uma *concessão* de grandes extensões de terra (PRADO Jr., 2000, p.118). Esta unidade sem forma definida que dispensava limites claros de terra e tendia a ocupar grandes dimensões, foi eficaz para o processo de formação de grandes latifúndios. Foram motivo para constantes disputas com posseiros, indivíduos pobres e livres, que buscavam obter porções de terras para desenvolver atividades produtivas. No período colonial será através da agricultura que o campo econômico se organiza, tendo no engenho e na fazenda as figuras centrais de uso do espaço (PRADO Jr., 2000, p.117).

É numa destas sesmarias que a história de Araraquara tem início. Especificadamente na sesmaria conhecida como *sertões de* Araraquara[16]. Em 1602 surgem os primeiros relatos de presença de viajantes na região dos sertões de Araraquara[17]. O motivo foi promover expedições em busca de metais preciosos. (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.24). Os sertões de Araraquara se tornaram, nos anos posteriores, rota de tráfico de mão-de–obra indígena escravizada. Foram constituídos por vias de passagem para aqueles que pretendiam alcançar as minas de metais preciosos em Minas Gerais e Goiás.

> Na primeira metade do século XVIII, os Sertões de Araraquara passaram a ser um pouco mais conhecidos em razão da intensificação do tráfego pela via fluvial do Tietê, utilizada pelos viajantes que partiam de Piratininga ou Itu em direção às minas de ouro de Mato Grosso, descobertas em 1718. Dessa forma, a partir da década de 1720, a denominação Sertões ou Campos de Araraquara começa a aparecer nos relatos de viajantes, aventureiros e em

---

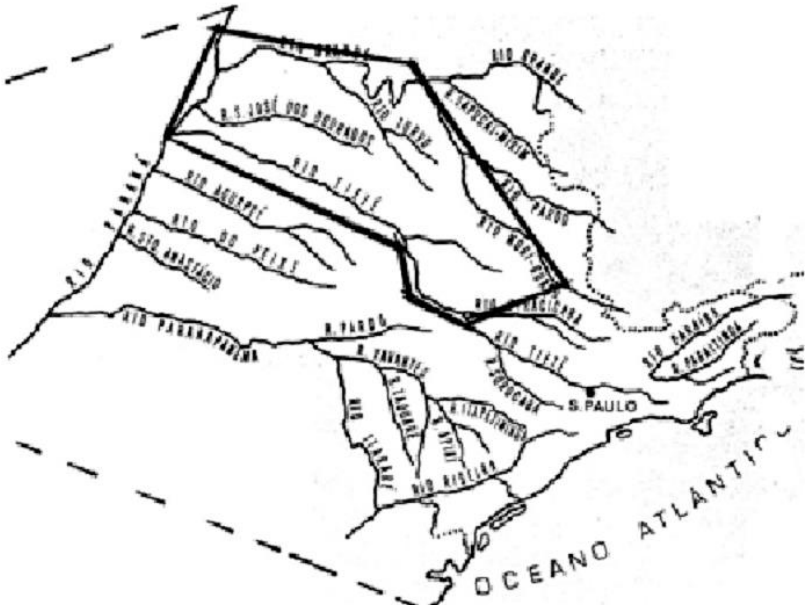
[16] Importante destacar o fato de que o nome Araraquara neste caso não se refere ao espaço geográfico ocupado pelo atual município de Araraquara: "O território dos Sertões de Araraquara herdou o seu nome dos Morros ou Montes de Araraquara, cadeia de montanhas localizada ao longo da margem direita dos rios Tietê e Piracicaba (no atual município de Itirapina) e que servia de ponto de referência para os monçoneiros e bandeirantes que se aventuravam pelo Rio Tietê ou por terra sertão adentro. O topônimo Araraquara é de origem indígena e significa toca de araras" (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.21). Para mais informações sobre a designação Araraquara, conferir: CORRÊA, P. L**. Monografia da palavra "Araraquara": um pouco de história e um pouco de tupi.** 4. ed. rev. São Paulo: [s.n], 1952.

[17] Primeiros relatos do ponto de vista da citação do nome *Sertões de Araraquara*, não tomando como referencial a presença indígena no interior do Estado de São Paulo. Para mais informações sobre a presença indígena no interior paulista conferir: MANO, M. 2006. **Os campos de Araraquara: um estudo de história indígena no interior paulista**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: http//www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000377352&fd=y.

documentos oficiais (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.24).

Desta forma, o atual município de Araraquara foi parte integrante desta grande extensão de terra chamada sertões de Araraquara. Esta espacialidade extensa e difusa foi a primeira geometria territorial onde mais tarde foi estabelecido o referido município.

> A expressão Sertões ou Campos de Araraquara servia para designar uma extensa área que se principiava na margem direita do Rio Piracicaba, nas proximidades da sua confluência com o Rio Tietê, e se estendia ao longo da grande faixa compreendida entre os rios Tietê e Mogi-Guaçu até atingir o Rio Grande no sentido norte (divisa com o atual Estado de Minas Gerais) e o Rio Paraná no sentido noroeste (divisa com o atual Estado de Mato Grosso do Sul) (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.21).



Mapa 1 - Representação dos Sertões de Araraquara. Sua extensão está delimitada pela linha em negrito sobre o mapa do Estado de São Paulo. Ao sul da dos Sertões de Araraquara o Rio Piracicaba. Ao oeste o Rio Tietê. Ao norte o Rio Grande. Ao leste o Rio Mogi-Guaçu[18].

2.2 Freguesia de São Bento: a fixação de um lugar no espaço

Em 22 de agosto de 1817 foi criada a freguesia de São Bento de Araraquara, nesta época uma região fronteiriça, que foi emancipada do município de Piracicaba. A principal atividade econômica na época era a pecuária (TRUZZI; FOLLI, 2012, p.27). A formação das cidades desta região compartilhava elementos em comum referentes à produção econômica e

[18] Disponível em: http://colinaspaulo.blogspot.com.br/2011/05/o-sertao-de-araraquara.html. Acessado em 14 de maio de 2014.

ao modo de ocupação territorial, ainda que o ritmo de formação dos municípios não ocorresse ao mesmo tempo[19].

Após a criação da freguesia em 1817, têm-se a doação de área denominada sesmaria das Cruzes. É nesta área que foi construída a Igreja Matriz de São Bento[20]. Ali se inicia a povoação de Araraquara:

> (...) a primeira capela era um simples rancho de palha localizado no alto de uma pequena elevação limitada por um córrego[21]. Em torno dessa primeira capela foram construídas as primeiras casas dos paroquianos que deveriam ter as mesmas características (CORRÊA, 2008, p.41).

A economia até então se organizou em torno da pecuária. A partir de 1825 tiveram início experiências com o cultivo da cana-de-açúcar (CORRÊA, 2008, p.49). O café, por sua vez, ganhou relevância comercial apenas no final da década de 60 do século XIX. (CORRÊA, 2008, p.60).

Mas algo de fundamental acontece neste período. Antes esta região era apenas área transitória, uma via de acesso às minas de metais preciosos. Agora, era ponto de fixação, não mais um caminho, mas um lugar. Assim, será a partir de 1820 que os sesmeiros residentes nos entornos da Freguesia de São Bento começarão a se identificar enquanto moradores (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.41). Começa o processo de formação dos homens locais:

> A maior parte dos donatários pertencia à classe dominante de São Paulo, Campinas (que à época chamava-se São Carlos), Sorocaba, Itu, Jundiaí, Piracicaba e Porto Feliz. A partir de 1820, passaram a ser concedidas sesmarias também para requerentes que se identificaram como moradores da recém-fundada Freguesia de São Bento de Araraquara. Muitos destes, entretanto, eram migrantes provenientes das localidades anteriormente

---

[19] Sobre o avanço da ocupação nos Sertões de Araraquara: "Na sua maior parte, as primeiras sesmarias foram concedidas na região compreendida entre o Rio Piracicaba e os Morros de Araraquara, ou seja, em terras mais próximas do território povoado. Portanto, é bem provável que as primeiras sesmarias tenham ocupado boa parte das terras que hoje constituem os atuais municípios de Piracicaba, São Pedro, Cordeirópolis, Santa Gertrudes, Rio Claro, Araras, Corumbataí, Leme, Analândia, Itirapina e Pirassununga" (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.41). E segue: "Posteriormente, a distribuição de sesmarias avançou mais para o noroeste, passando a ocupar o território atualmente pertencente aos municípios de Descalvado, Dourado, Nova Europa, Porto Ferreira, Torrinha, Brotas, São Carlos, Ibaté, Araraquara, Américo Brasiliense, Gavião Peixoto, Rincão, Matão e outros"(TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.41).

[20] Conferir: "Para construir a capela, o local escolhido foi a sesmaria das Cruzes, de propriedade do Pe. Joaquim Duarte Novais, onde havia maior concentração de moradores. O Padre Duarte fez a doação de 400 braças em quadra dessa sesmaria (...)" (CORRÊA, 2008, p.40)

[21] A referida capela diz respeito à primeira versão da Igreja Matriz. O córrego citado no texto pode ser visualizado na figura 3 deste capítulo

> citadas (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.41).

Deste modo, a presença de moradores, a ocupação das terras e a realização de atividades econômicas começam a consolidar a vida em comunidade. A terra, por sua vez, assume papel central neste período. Pois é através desta que se participa das atividades econômicas. "A introdução da cana em Araraquara provocou mudanças do quadro primitivo. O fator de riqueza no período de 1830 a 1860 foi, sem dúvida a terra" (CORRÊA, 2008, p.50). Assim, passadas estas primeiras transformações, Araraquara passa à condição de Vila em 10 de julho de 1832.

> Durante o período de 1830 a 1869, havia se delineado de modo geral o traçado da vila. Acomodando-se às ondulações do terreno foram abertas as principais ruas. Assim, o aspecto inicial do núcleo urbano era de algumas ruas mais ou menos paralelas ao ribeirão da Servidão[22], conforme o sentido do rego d'água, afluente daquele ribeirão, estando o ajuntamento maior de casas nas proximidades da Igreja Matriz (CORRÊA, 2008, p.133)

2.3 A ocupação do espaço como fonte de poder

Durante o século XIX, porém, o sistema de sesmarias foi substituído pela Lei de Terras de 1850[23]. Foi durante este período, como vimos, que a região dos sertões de Araraquara estava organizando a ocupação de suas terras, ao passo que, no Brasil, o dispositivo legal que disciplinava a ocupação territorial estava em suspenso:

> Durante os 28 anos compreendidos entre a extinção do sistema de sesmarias em 1822 e a aprovação da Lei de Terras de 1850, o Brasil ficou sem nenhuma lei de regulamentação da apropriação da terra. Em razão disso, o apossamento se tornou a única forma de aquisição de domínio sobre a terra, ainda que apenas de fato (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.17)

---

[22] Atualmente o referido Ribeirão da Servidão está canalizado. Sobre ele foi construída a chamada Via Expressa, localizada próxima ao centro da cidade.

[23] A Lei de Terras de 1850 surge como medida para constituir um novo dispositivo legal que ordene a ocupação do território. Para um panorama sobre seu trâmite institucional antes de sua aprovação: "Suspensa a concessão de terras, o assunto ficara para ser debatido na Constituinte de 1824, o que entretanto não ocorreu. Em 1835, um projeto sobre sesmarias foi apresentado à Câmara, porém não teve andamento. Somente em 1842, a Câmara debateu a questão, evidenciando a diversidade de interesses da classe proprietária e, sobretudo, a resistência de setores desta em arcar com os custos de implementação da política proposta (por meio da arrecadação de impostos) e com as penas que poderiam levar inclusive à perda da propriedade, em caso de inadimplência. De qualquer modo, o projeto foi enviado ao Senado no ano seguinte, onde permaneceu até 1850. Aprovado neste e, em seguida na Câmara, foi expurgado dos elementos considerados mais nocivos à classe proprietária: justamente o imposto territorial e a perda da propriedade por falta do registro no devido prazo. Essa lei ficou conhecida como Lei de Terras de 1850" (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.17)

A introdução da Lei de Terras veio antecipar medidas frente às mudanças que seriam causadas pela abolição da escravatura (1888) e pela expansão da presença de imigrantes que vinham compor a massa trabalhadora do país. A Lei de 1850, assim, dificultou o acesso à terra ao escravo liberto e ao imigrante, transformando a terra, por assim dizer, em mercadoria (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.17). Ao instituir a passagem da *propriedade condicional* (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.17) - marcada pela figura do sesmeiro que concede e mantém terras na medida em que obedece certas prerrogativas impostas - para a da propriedade na forma *burguesa contratual* (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.17), converte-se aí a figura do sesmeiro na do proprietário particular absoluto da terra.

Porém, algumas medidas nesta época, que previam maior rigor na composição e ordenamento no sistema de ocupação territorial, não foram aprovadas quando da regulamentação da Lei de Terras de 1850, por exemplo: "(...) imposto territorial e a perda da propriedade por falta do registro no devido prazo" (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.17), estimulando desta forma a composição de grandes latifúndios[24].

Com isso não há que minimizar a importância dos posseiros na composição territorial do interior de São Paulo. Recentes pesquisas sobre a ocupação dos Sertões de Araraquara atentam para a importância dos pequenos posseiros na constituição fundiária do Oeste Paulista: "Livres mas pobres, situados entre os escravos e grandes fazendeiros, tais frações, que incluem posseiros, arrendatários e agregados, lutaram para fazer valer os direitos de posse que a ocupação e cultivo efetivo de terras lhes poderia outorgar". (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p.18)

Por outro lado, em pouco tempo, mas com um corte importante, a República. É a figura do *coronel* [25]que emerge, fazendo da submissão econômica de seus empregados a fonte da segurança de seu poder político (LEAL, 2012, p.74), através dos chamados *votos de cabresto.* Assim, além do poder político, ou através dele, o *coronel* submete as instituições locais aos seus interesses:

> Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal, o elemento primário desse

[24] Sobre a presença dos latifúndios no Brasil:"(...) a abundância de terras e a rarefação da população livre não só permitiu a implantação da *plantation* escravista, mas também um histórico processo de alta concentração da propriedade fundiária, que seria ainda mais incentivado pela instituição da Lei de Terras a partir de 1850 e, depois disso, permanentemente chancelada pela mais conhecida de nossas instituições, o cartório" (CANO, 2002, p.118, grifo do autor)

[25] Embora a figura do chefe político com seus agregados tenha se desenvolvido ao longo do século 19, o "coronel" é termo que diz respeito à patente da guarda nacional.

> tipo de liderança é o ‘coronel’, (...) A força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. “Dentro da esfera própria de influência, o ‘coronel’ como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais” (LEAL, 2012, p.45)

O poder do coronel funcionou em níveis locais, fazendo uso do seguinte mecanismo: primeiro tomava de seus empregados sua força eleitoral, para depois poder atuar como intermediador entre o município e os governos estaduais. Estava garantida a construção da imagem do *provedor* através da prática de coação aos trabalhadores do campo e inimigos políticos no município:

> (...) é nos Municípios que o fenômeno ‘coronelismo’ se exercita -, carentes de autonomia financeira, em tudo dependiam do governo do Estado quem por sua vez, em nada beneficiava o Município a não ser pelas mãos do chefe político governista local que, freqüentemente (sic) era o ‘coronel’ ou um seu aliado e dependente (TELAROLLI, 1977, p.15)

É importante ressaltar que o poder do coronel não emana de sua própria força, e sim de uma extração. Foi através da condição instável de seus empregados que o coronel legitimava sua posição política:

> A primeira observação de quem estuda o ‘coronelismo’ é, natural e acertadamente, atribuí-lo à hegemonia social do dono de terras. Mas é preciso entender essa hegemonia apenas em relação aos dependentes da sua propriedade, que constituem o seu maço de *votos de cabresto*. Não é possível compreender essa hegemonia apenas em relação a todo o município. Um município divide-se em distritos: o distrito da sede – urbano – escapa à influência do ‘coronel’ que não seja ao mesmo tempo chefe político municipal; e cada um dos distritos rurais se compõe de diversas fazendas (LEAL, 2012, p.72)

Por sua vez, o surgimento do espaço urbano no Oeste Paulista, na passagem do século XIX para o XX, coloca novos elementos neste contexto. A configuração da vida em comunidade no espaço urbano não se fez sem conflitos com a figura política do coronel.

2.4 O surgimento do espaço urbano

Foto 2 - Segundo dados do arquivo foto do entorno da Igreja Matriz no ano de 1891. Sobre os números indicados na foto: 01) redação do jornal "O Popular" em 26 de março de 1899; 2) Tipografia Gravina, padaria Palamone; 3) Residência do Padre Luciano, que juntamente com a Padaria Palamone transformou-se no atual prédio do Banco do Brasil; 04) O primeiro sobrado construído em Araraquara no ano de 1861; 05) Caixa comercial de Joaquim Vieira dos Santos, depois, prédio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

Finalmente, Araraquara é alçada à condição de cidade em 06 de fevereiro 1889 através do decreto Provincial nº7 (1936, p.31) [26]. Será este o período de constituição da narrativa do mito da serpente, na passagem do século XIX para o XX. Período emblemático de expansão populacional e crescimento urbano para diversas cidades do interior do Estado de São Paulo. O oeste paulista então experimenta forte crescimento graças à expansão do cultivo de café na região:

> Com o café e pelo café, já algumas décadas antes do fim do século, membros de tradicionais famílias vinham se fixando no Município, provindos principalmente de regiões mais antigas como Capivari, Tietê, Porto Feliz, mesmo de Minas Gerais e de outras partes, dinamizando a economia local, à medida que as feições do território do Município iam sendo alteradas, com a ocupação dos espaços, divididos entre as atividades tradicionais (cana, cereais e criação) e o café; a princípio, divididos os espaços, para, na década dos 90, ocorrer a supremacia absoluta da nova lavoura (TELAROLLI, 1977, p.22)

[26] Este texto está inserido no documento: Discurso pronunciado pelo Deputado Bento A. Sampaio Vidal, no banquete em sua homenagem, no Hotel Municipal, de Araraquara, em 22 de Agosto de 1936. Disponível no Arquivo Público Municipal de Araraquara “Rodolpho Telarolli”

Nesta época, Araraquara viveu ainda a recente instauração do regime republicano. Abrigou ampla população de imigrantes, principalmente italianos, portugueses e espanhóis. Ampliou suas riquezas econômicas através da produção de café e ampliou seus limites urbanos, estimulada pela chegada da ferrovia à cidade, em 1885[27].

Mas a constituição do espaço urbano foi uma das mais significativas mudanças deste período, sendo o café um dos principais motivos de sua concretização[28]. Seu cultivo presente no campo teve impacto decisivo na formação da urbes.

> (...) transformavam-se as relações sociais; expandiam-se os núcleos urbanos e investia-se em melhoramentos ou seja, infra-estrutura e equipamentos públicos; priorizava-se a vida em cidades. Em poucas palavras, a implantação do café engendrava uma cultura especificamente urbana, além de provocar a formação de uma elite social, composta por uma aristocracia rural e uma burguesia citadina (MASSERAN, 1998, p.120)

Surge assim a necessidade de especialização dos espaços a serem construídos na cidade, de disciplinar e ordenar seus usos (SOUZA, 2005). Como aponta, Souza, o espaço urbano nem sempre é constituído de forma harmônica. É passível de segregações, disputas políticas e violência.

Deste modo, o primeiro código de postura de Araraquara é aprovado pela Câmara em 1890[29]. Através dele, representantes do poder local buscam cercear hábitos rurais e introduzir um conjunto de dispositivos disciplinares tendo por objetivo moldar comportamentos, tornando-os condizentes ao que consideravam um ambiente urbano ideal.

Todas estas mudanças culminam em transformações que vão desde a inauguração de novo prédio da Igreja Matriz em 31 de outubro de 1891 – transformando sua arquitetura para melhor se adequar aos novos padrões de urbanização – ao lançamento, pela Câmara de Vereadores, das Posturas Municipais no ano de 1890.

As Posturas tinham por objetivo introduzir um conjunto de regras e medidas disciplinares - criando a possibilidade de aplicação de multas aos que as desrespeitassem -

---

27 Sobre a expansão da ferrovia: “Em 1867 a ferrovia atingia Jundiaí, ligando-a a Santos; em 1872 chegava a Campinas; em 1875 a Mogi-Mirim e a Amparo; em 1876 a Rio Claro; em 1878 a Casa Branca e em 1883 a Ribeirão Preto” (CANO, 2002, p.64). Através de dados disponíveis nos arquivos sabemos que em 1885 passou a funcionar a Estrada de Ferro Araraquara que garantia o escoamento da produção até o Porto de Santos. Há certo tempo os produtores de café intermediavam a vinda da Companhia Paulista de Estradas de Ferro para a cidade.

[28]Conferir: “Como sabemos, o ritmo e o vulto dos melhoramentos urbanos eram ditados pela prosperidade da lavoura cafeeira. O núcleo urbano existia em função da economia agrícola, das fazendas, e a maior ou menor circulação de dinheiro oscilava conforme as alternâncias entre prosperidade e crise da produção e comércio do café" (TELAROLLI, 2003, p.145)

[29] Conferir: CORRÊA, 2008, p.138 - 143

visando organizar as funções e as responsabilidades de cada um dentro da cidade. Como bem mostra Corrêa (2008), este é um momento de definição do espaço de cada um dentro do urbano, aonde um novo conjunto de relações vai se desenhando, procurando adaptar a vida das pessoas, alterando hábitos e práticas.

A proibição de circulação de certos animais em vias públicas era uma das disposições do código. Em 20 de janeiro de 1911 foi publicado edital sobre o tema, assinado pelo fiscal Angelo Fagá:

> EDITAL. De ordem do cidadão major Dario Alves de Carvalho, Prefeito Municipal etc. Faço saber a todos que o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem que se acha recolhida no deposito publico uma besta nova, brava, de côr baia com marca na anca, por ter sido encontrada vagando pelas ruas em contravenção ao art. 74 do Codigo de Posturas municipaes. Araraquara, 20 de janeiro de 1911. Angelo Fágá. O Fiscal,. (1911, p.3) [30]

A formação do espaço urbano era o grande objeto de interesse das disposições do código, abrangendo disposições que vão da higiene pública à dimensão frontal de uma residência[31]. Encontra-se no projeto de lei nº230 de 15 de janeiro de 1915 "estabelece diversas condições sobre a construção de predios no perimetro urbano da cidade" (Dario Alves de Carvalho – prefeito) (1911, p.122). O descumprimento das normas estabelecidas nesta lei previa a aplicação de multa de cinquenta mil réis, sendo o proprietário obrigado a desmanchar a parte incorretamente construída e refazê-la. Para uma dimensão do nível de detalhamento, conferir um artigo da referida lei: "Art. VI – As saliências das molduras até dois metros de altura sobre o passeio não deverão exceder de 12 cm e a parte superior das molduras e platibandas deverão ser completadas com um revestimento de cimento e areia na proporção de um por dois" (1911, p.122) [32]

---

[30] Livro 330. Recortes de jornais com documentos oficiais da Câmara Municipal de Araraquara. Arquivo Público Histórico "Profº. Rodolpho Telarolli".

[31] Para mais exemplos de editais da época, conferir: "EDITAL – De ordem do cidadão Dario Alves de Carvalho, prefeito municipal, etc. Faço saber que, no prazo de dez dias a contar, desta data, deve ser feita a limpeza dos quintaes de casas situadas no perímetro urbano. De acordo com o art.40, do Codigo de Posturas, será aplicada aos infractores a multa de rs 30$. E para constar mandou lavrar o presente edital que vae afixado no lugar de costume e publicado pela imprensa local. Secretaria Geral da Camara Municipal de Araraquara, em 19 de janeiro de 1911. O secretario, *João Silveira*"(1911, p.3, grifo do autor); EDITAL: "(...) determinam que, a bem da hygiene e para regularidade do serviço a retirada do lixo das casas da cidade se está effectuando o mais cedo possível, devendo os srs. Moradores depositarem no em vasilhas apropriadas às portas de suas casas, das 6 ás 8 horas da manhã. Dessa última hora em diante é expressamente prohibido, sob pena de 20$500 de multa, colocar o lixo na rua ou nas portas das casas" (1911, p.3). Disponíveis no Livro 330. Recortes de jornais com documentos oficiais da Câmara Municipal de Araraquara. Arquivo Público Histórico "Profº. Rodolpho Telarolli".

[32] Livro 330. Recortes de jornais com documentos oficiais da Câmara Municipal de Araraquara. Arquivo Público Histórico "Profº. Rodolpho Telarolli".

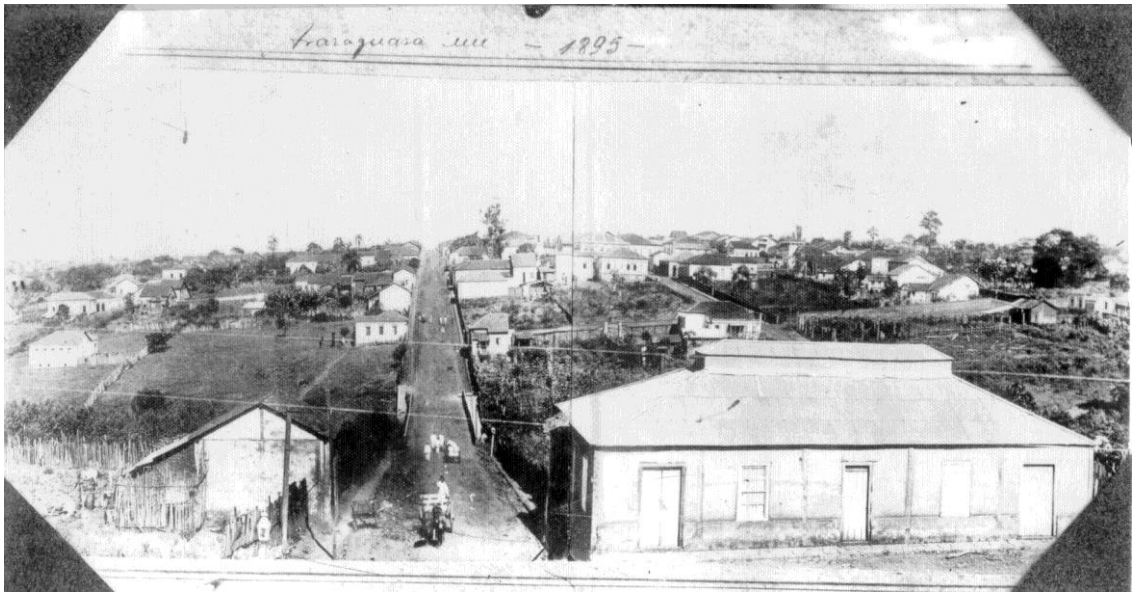


Foto 3 – Segundo dados do arquivo, Araraquara na década de 90 do século XIX. Vista a partir da Avenida Brasil (Avenida um na época). Ao fundo encontra-se a quarta construção da Igreja Matriz inaugurada em 1891[33].

2.5 O largo da Matriz de São Bento

Neste contexto de urbanização o Largo da Matriz exerce papel de centralidade. Sua localização no centro do nascente espaço urbano faz dele palco do assassinato dos irmãos Brito e do mito da serpente. Assim, sobre este início do século XX:

> Duas partes da cidade mereceram as atenções dos homens públicos durante esse período: a estação da Estrada de Ferro e a Praça da Matriz. A Estrada de Ferro representava o ponto de Embarque da mercadoria produzida, o café, e garantia a ligação da cidade com outras regiões. A Praça da Matriz, como antigo núcleo, comandava o crescimento urbano (CORRÊA, 2008, p.207)

A posição central da Matriz na formação da urbe pode ser verificada através dos elementos que a constituem. A praça da Matriz abriga o primeiro monumento público da cidade (foto abaixo).

[33] LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do Município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta Aérea. Foto nº 736.

Foto 4 - Segundo dados do arquivo a foto é de 1917. O local é o Largo da Matriz. Ao fundo, no canto direito, o chafariz. A foto retrata a inauguração do monumento público que comemora o centenário do primeiro batizado realizado em Araraquara no ano de 1817[34]

Outro elemento central para a vida urbana foi a chegada da luz elétrica. Seu uso será inaugurado em Araraquara em 1909 no Largo da Matriz:

> A instalação da energia elétrica veio mudar a fisionomia da cidade, além de oferecer novas oportunidades no setor industrial. A substituição dos postes de madeira por postes de metal contribuiu para compor a paisagem urbana da segunda década do século (CORRÊA, 2008, p.210)

Por sua vez, incorporado enquanto elemento urbano, o prédio da Igreja Matriz acompanha as transformações que a cidade atravessou. Uma breve digressão pode mostrar as várias formas que a igreja assumiu ao longo do tempo[35]. É consenso que a Igreja Matriz passa

---

[34]LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta Praças. Foto nº 474.

[35] Sobre as construções da Igreja Matriz foram verificadas algumas contradições de data nas fontes consultadas. Especialmente na primeira capela da igreja. Para fontes consultadas, conferir: CIDADANIA EM NOTÍCIA. Novembro de 2006. Igreja Matriz: testemunha da nossa história. Papel da Arte. Araraquara. Arquivo da Biblioteca Municipal de Araraquara "Mario de Andrade"; PARÓQUIA DE SÃO BENTO – Informativo Preimara. 17 de agosto de 2003. A Matriz de São Bento e suas transformações. Edição Especial: Facira. Araraquara: impressão Jornal Folha da Cidade; DURANTE, Beto. 22 de agosto de 2000. E a história de todas as Matrizes. Jornal Tribuna Impressa. Caderno -TôLigado!Especial. Araraquara; FERNANDES, Andressa. 19.08.2013. Sim, a serpente da Matriz existe – A serpente da Matriz de São Bento segue viva no comportamento do araraquarense. Ano 3. Edição nº 71. Nº 22. p.40-44

atualmente pela reforma de sua quinta versão, que se encontra inacabada desde 1958. A partir das fotos abaixo podemos observar as alterações pelas quais a referida igreja passou.

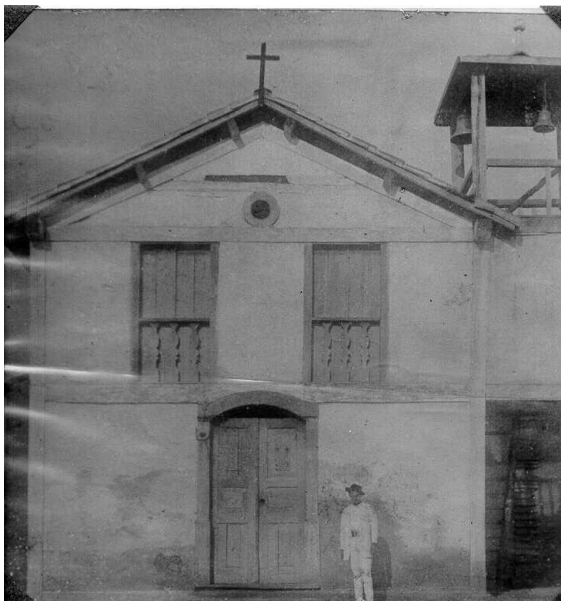


Foto 5 - Segundo dados do arquivo a primeira versão da Matriz foi construída em 1805. Era um casebre de taipa e sapé. Esta foto representa a segunda versão referente à capela construída em 1817

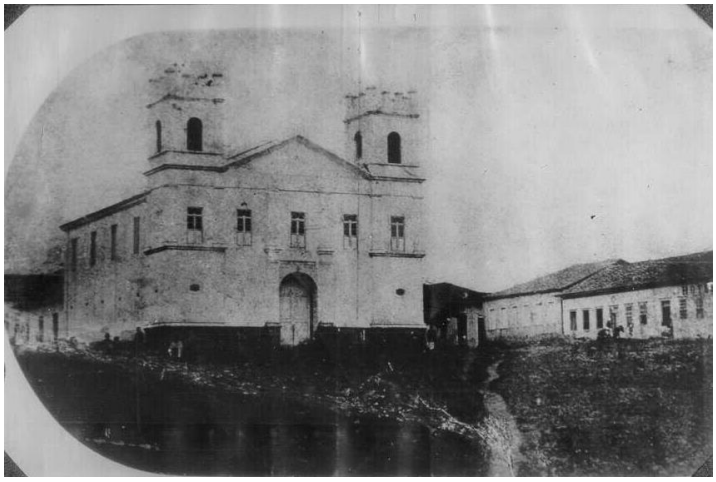


Foto 6 - Terceira versão da Igreja Matriz (com duas torres). Na frente da igreja corria o chamado rêgo d'água (posteriormente retirado). Segundo dados do arquivo a terceira versão foi concluída em 1875 e demolida em 1888

Foto 7 – Foto de 1925. Quarta versão da Igreja Matriz inaugurada em 1891 (com apenas uma torre). Sofre reforma no ano de 1908, sendo demolida em 1956.

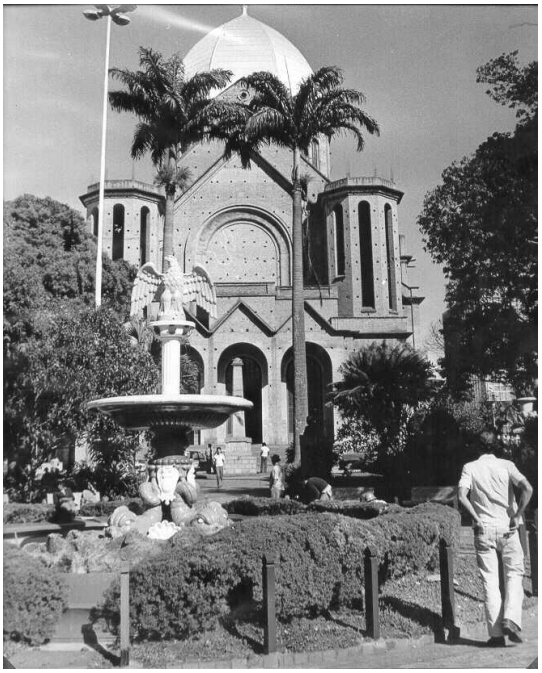


Foto 8 - Foto de 1978 referente à quinta versão da Igreja Matriz, construída em 1958 e ainda inacabada.

2.6 Araraquara - século XXI

Foto 9 - Vista da cidade de Araraquara. No campo superior da foto a Igreja Matriz [36]

Atualmente, Araraquara se constitui enquanto uma cidade média, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [37] a população estimada é de 222.036 habitantes em uma área territorial de 1.003,625 Km². Em 2010 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Araraquara atingiu 0,815. Já o PIB per capita chegou, em 2011, a R$ 24.836,51.

Ainda segundo o IBGE, o PIB interno de Araraquara em 2011 atingiu a quantia de R$ 5.232.382 mil reais. Deste montante o setor agropecuário adicionou o valor de 86.210 mil reais; o setor da indústria, o valor de R$ 1.058.063 mil reais; o setor de serviços, o valor de R$ 3.476.513 mil reais.

Circunscrita em região de crescente expansão do setor sulcroalcooleiro, atraindo empresas motivadas pela localização central da cidade no interior do estado de São Paulo, sua economia, em crescimento, e a expansão populacional constante, sempre estão a recolocar a questão da intervenção no espaço urbano, a busca pela modernidade e a relação de ambos com a narrativa do mito.

---

[36] LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. CD-ROM - II. Pasta Vistas. Foto nº 035.

[37] Fonte: http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=350320&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es

Mapa 2 – O mapa mostra (destaque em vermelho) a posição central de Araraquara no Estado de São Paulo[38].

[38]http://pt.wikipedia.org/wiki/Araraquara#mediaviewer/Ficheiro:SaoPaulo_Municip_Araraquara.svg

3 PRAGA DE PADRE

Este capítulo tem por objetivo apresentar breve histórico sobre o caso conhecido como assassinato dos Brito, crime que ocorreu na cidade de Araraquara na passagem do século XIX para o XX. Fato trágico que marcou a história do município de e fez parte do contexto em que foi gerada a narrativa do mito da serpente.

Esta história tem início no dia 30 de janeiro de 1897, dia em que foi assassinado o coronel Antônio Joaquim de Carvalho, chefe político da cidade na época, por tiros do revólver do jornalista Rosendo de Brito. Naquele momento o Coronel tinha 59 anos. Rosendo, 24 anos. Manoel, seu tio, 49.

Foto 10 - Rosendo de Brito (esquerda) e Manoel de Souza Brito (direita) [39]

O assassinato do coronel Carvalho e o dos Brito ganharam repercussão nacional, sendo tema de diversos trabalhos já publicados[40]. Sobre o contexto histórico que permeia o assassinato ocorrido em 1897, temos:

> A cidade reestabelecia-se da forte epidemia de Febre Amarela de que fora vítima nos anos anteriores. Contava com 12 ruas dispostas no sentido N-S,

[39] Fonte: http://www.portalk3.com.br/Content/Media/Images/Site/15596_conteudo.jpg

[40]Um dos materiais mais antigos sobre o tema é de 1898: o livro denominado *Crime de Araraquara: echos da imprensa*. A obra traz compilação de matérias que demonstram a dimensão nacional que o tema ganhou através da imprensa. Posteriormente, no ano de 1968, o tema do crime foi resgatado pela historiadora Anna Maria Martinez Corrêa em sua dissertação de mestrado. Em 1975, o historiador Rodolpho Telarolli aborda o crime como tema central de sua dissertação de mestrado. Em 2003, o sociólogo e historiador José Maria Vianna de Souza publica livro em que também aborda o tema.

> 24 avenidas no sentido L-O e cinco praças: da Matriz ou Municipal, José Bonifácio, Liberdade, Santa Cruz e São José. Havia na cidade 4 igrejas: Matriz de São Bento, Santa Cruz, São José e a Protestante. Possuía 162 negociantes, 6 médicos, 9 advogados, 10 dentistas, 73 homens de ofício; duas casas bancárias; 10 fábricas de cerveja e licores e 3 de macarrão. Circulavam três jornais. Foi nesse ambiente que ocorreram os trágicos acontecimentos conhecidos sob a designação de *O crime de Araraquara* (CORRÊA, 2008, p.164, grifo do autor)

Até então, na cidade, vigorava a divisão política entre dois grandes grupos: monarquistas e republicanos. Afloram as figuras do monarquista tenente-coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz[41] e do republicano coronel Antônio Joaquim de Carvalho[42] (TELAROLLI, 1977, p.28-29), ambos ligados à produção do café. Em 1889, com a passagem do regime monárquico para o republicano, ocorre a ascensão política do coronel Carvalho.

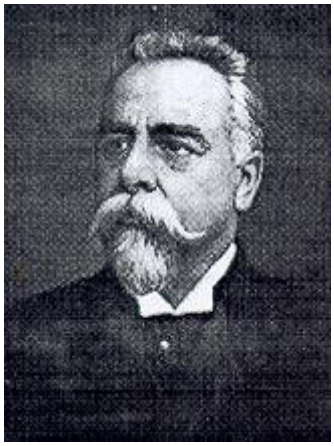


Foto 11 - Coronel Antônio Joaquim de Carvalho [43]

3.1 A morte do coronel

Neste contexto o jornalista Rosendo de Souza Brito[44] publicava nos jornais suas críticas sobre o modo como se conduzia a cidade, causando desagrado ao coronel Carvalho. O estopim ocorre por conta de queixa contra caso de violência policial ligado ao tenente João

---

[41] Segundo Telarolli (1977, p.29) o tenente-coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz nasceu em São Paulo em 1837, chegando em Araraquara no ano de 1869. Era membro do Partido Conservador.

[42] Segundo Corrêa (1998, p.164) o coronel Antônio Joaquim de Carvalho nasceu em Porto Feliz no dia 07 de julho de 1838. Cursou a Faculdade de Direito de São Paulo tendo como companheiros Prudente de Morais e Campos Sales. Era membro do Partido Republicano Paulista.

[43] Fonte: http://www.infonet.com.br/sysinfonet/images/secretarias/Not%C3%ADcias/lab_120705_001.jpg

[44] Importante esclarecer que adotamos neste trabalho o nome *Rosendo* com a letra s e não com a letra z. Porém é possível encontrar o nome com a letra z, como por exemplo: Barretos (2005). Já o nome com s pode ser encontrado em: Corrêa (2008); Telarolli (1977); Jornal O Diário Popular (05.08.1987)

Batista Soares[45]. "Os maus tratos de que foi alvo o cocheiro na cadeia logo se transformaram em motivo para especulações da oposição. Os fatos vieram para as páginas da imprensa local pela pena de Rosendo" (TELAROLLI, 1977, p.52)

A tensão em torno da queixa de violência permeou o encontro entre o coronel e Rosendo na farmácia, de propriedade de Francisco do Amaral[46]. Nela trabalhava Manoel de Souza Brito, tio de Rosendo. Tinha aí início o conflito.

> No sábado, 30 de janeiro, por volta das 5 horas da tarde, o 'coronel' acabara de ler o último ataque que brotara da pena de Rosendo, em exemplar pressurosamente trazido pelo delegado civil, dr. Doria. Da janela de sua casa viu Rosendo atravessar o largo da Matriz e entrar na farmácia São Bento, de propriedade de Francisco do Amaral Barros. O 'coronel', bengala em punho, contendo um estoque saiu de imediato também rumo à farmácia. Sua vida teria a duração de mais uma hora somente (TELAROLLI, 1977, p.58)

Uma carta da mãe de Rosendo, publicada em 13 de fevereiro de 1897 no jornal *O Comércio de São Paulo*, narra os acontecimentos que resultaram no assassinato do coronel[47]. Todo o ocorrido se deu no quadrangular do largo da Matriz e está descrito pela mãe de Rosendo no trecho abaixo:

> (...) estava meu filho em nossa casa e no seu trabalho, quando o referido Amaral mandou chamal-o para o negocio supra citado, sendo o portador o farmacêutico Manoel Joaquim de Souza Brito, tio de meu filho, homem incapaz de ofender a qualquer um. Sahiram, tio e sobrinho. Chegados á 'Pharmacia S. Bento', situada no largo da matriz desta cidade, de propriedade do referido Francisco do Amaral, este fez-lhe nova proposta e conversaram amigavelmente, quando de súbito entrou todo tremendo e colérico o dr. Carvalho, dirigindo-se ao mesmo Amaral da seguinte forma:
> - "O que faz este canalhinha aqui?"
> Com a resposta do Amaral, cuja ignoramos, dissera ele Carvalho:
> - "Espere ahi que já o aprompto"; dito isto, encaminhou-se do meu filho e, chegado ao pè deste, segurou-o pelo peito, descendo sobre ele muitas bengalladas, das quaes resultou abrir-lhe a cabeça, havendo também lucta e sucedendo cahir meu filho por baixo. Vendo-se assim aggredido e em perigo

[45]João Batista Soares ocupava nesta época o cargo de comandante do destacamento policial, indicado pelo Partido Republicano Federal. No dia 08 de dezembro de 1896, prende o cocheiro Francisco da Cunha Oliveira, conhecido como Chico Viola. Soares é acusado de abuso de violência contra Chico Viola quando este se encontrava retido na delegacia. O caso ganha projeção na disputa entre monarquistas e republicanos na cidade (TELAROLLI, 1977, p. 51-52).

[46] Francisco do Amaral Barros era dono na Farmácia São Bento, localizada próxima ao Largo da Matriz. Tinha 22 anos de idade na época. Foi convocado como testemunha pela defesa de Tenente Soares no caso de queixa de violência contra Chico Viola. O coronel Carvalho ao ver Amaral em diálogo com Rosendo temeu pelo bom andamento do caso que envolvia o tenente Soares, seu aliado político (TELAROLLI, 1977, p.55).

[47] Dispensamos aqui a utilização da nomenclatura *sic*. A carta da mãe de Rosendo data de 1897 e está repleta de palavras em desuso em relação à língua portuguesa contemporânea, tornando assim o uso do *sic* repetitivo por demasia. Esta postura é utilizada em outros casos deste trabalho quando julgado coerente.

> de vida, visto como o dr. Carvalho procurava uma faca que comsigo tinha, meu filho, em legitima defesa, tirando de um revólver com o qual se achava, desfechou-lhe os tiros precisos para salvar-se do enorme perigo que via deante de si! Eis ahi, meu caro senhor e bom Patricio, o assassino que dizem! Si tivesse sido um paulista, ficaria sendo um homem valoroso, de sentimentos nobres e cheio de virtudes, mas como se trata de um sergipano... (PINA, 1897 In: LIMA. p. 203-204)

Rosendo e Manoel são presos e levados para a cadeia pública logo após o assassinato do coronel Carvalho. A cadeia na época ficava em frente à Igreja Matriz:

> O largo da Matriz ou Praça Municipal era o ponto central da cidade. A nova igreja, inaugurada em 1891; em frente à igreja, com os fundos voltados para a Rua 3 (atual São Bento), a cerca de 50 metros, a cadeia, o velho edifício em precárias condições, com dois andares, funcionando no segundo pavimento o Salão do Júri (TELAROLLI, 1977, p.25)

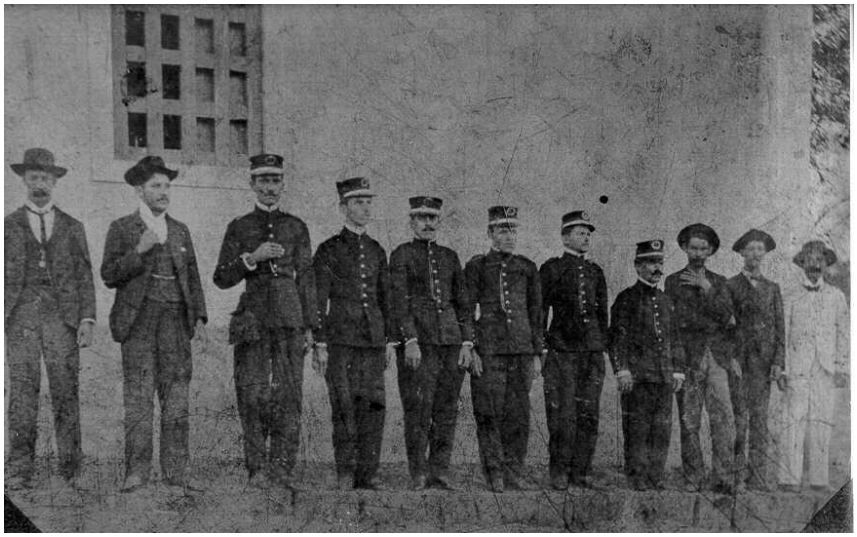


Foto 12 - Segundo dados do documento: foto de 1897 do prédio da cadeia pública de Araraquara, local onde os Brito ficaram presos [48]

3.2 O assassinato dos Brito

A missa de sétimo dia do coronel Carvalho acontece na Igreja Matriz, contando com a presença de correligionários e parentes. Das fazendas de café dos Carvalho são convocados os empregados para comparecerem. Grande público foi formado para o evento. Na cidade era de

[48] LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. CD – ROW- I. Pasta: Caixa 4 - Cadeia. Foto nº 604.

conhecimento que existia a intenção de se realizar o assassinato dos Brito (CORRÊA, 2008, p.173; TELAROLLI, 1977, p.67)

O grande público da missa do coronel retorna durante a noite para o Largo da Matriz. Alguns ficam responsáveis por formar cordão em torno da delegacia, estratégia utilizada para proteger a identidade dos agressores. É noite de 07 de fevereiro de 1897 quando a delegacia é invadida e dela são retirados Rosendo e Manoel. Os dois são arrancados do interior da delegacia graças à conivência das forças policiais locais. Os Brito são então mortos e mutilados no centro do cordão que se formou. Desta forma, a presença dos empregados das fazendas de café, de aliados e parentes do coronel, não se fez em vão.

Pio Lourenço Corrêa [49]foi testemunha das movimentações daquela noite no Largo da Matriz. A casa em que Pio dormia na noite do assassinato dos Brito ficava no quadrangular do largo da Matriz, localizada na esquina da Rua Padre Duarte com a Avenida São Paulo (nomenclatura atual das vias). Posteriormente, Pio foi jurado no julgamento do assassinato dos Brito e votou pela absolvição dos acusados: Teodoro Dias de Carvalho Junior e João de Araujo. No ano de 1945 escreve um depoimento na forma de carta em que explica sua atitude de absolvição dos acusados no caso do assassinato dos Brito. Tal depoimento ficou em posse de familiares, tornado público apenas em 1997. Vejamos como Pio descreve os acontecimentos da noite de 06 de fevereiro de 1897:

> Em 1897 eu era ainda solteiro, e estava domiciliado em casa de meu irmão e ex-tutor Antônio Lourenço Corrêa, na esquina da rua 5 com a avenida 2, prédio onde está hoje a Delegacia Regional da Polícia. Os meus cômodos eram nos baixos do edifício, à esquerda de quem entra. Na citada noite, cerca de meia noite e vinte minutos, fui despertado por meu irmão, que me perguntou:
> - Você não ouviu nada?
> - Não; o que foi?

[49] Pio Lourenço Corrêa nasceu em Araraquara no dia 12 de maio de 1875 e faleceu na mesma cidade em 12 de junho de 1957. Foi comerciante, banqueiro e fazendeiro, dono da Chacará Sapucaia (atualmente propriedade da Unesp – Araraquara através de doação). Aprofundou-se nos estudos de lingüistica sendo um dos pioneiros, em Araraquara, no contato com a obra de Ferdinand Saussurre. Em 1936 publicou a obra *Monografia da palavra Araraquara* (1936) livro em que investiga o surgimento e o significada da palavra *Araraquara*. Pio era casado com Zulmira Moraes Rocha, prima de Mario de Andrade. Mario o tratava por *tio* e durante temporada na Chacará Sapucaia, em Araraquara, escreveu a obra *Macunaíma.* Pio construiu forte laço de amizade com Antonio Candido este o agradeceu na obra *Parceiros do Rio Bonito* (2010) da seguinte forma: "Não posso deixar de lembrar , com saudade e reconhecimento, o velho amigo Pio Lourenço Corrêa (...) admirável tipo de fazendeiro paulista, culto e reto, que me acolheu várias vezes na sua chácara dos arredores de Araraquara, e a quem devo muito do que percebo da cultura rústica (...) erudito e estudioso da língua e das ciências naturais; caçador e investigador dos costumes; conhecedor minucioso da flora, da fauna e da técnica rural, devo-lhe mais do que poderia registrar, porque são coisas que se incorporam ao modo de ver e de sentir" (CANDIDO, 2010, p.15)

> - Pois houve agorinha mesmo um forte tiroteio aí para baixo, e muita gritaria, seguida logo de ruidoso tropel de cavaleiros que parece subiram a avenida 1 (hoje av. Brasil) ainda gritando e dando tiros. O tiroteio mais nutrido foi lá pelo largo, talvez na cadeia. Que terá acontecido? Você não soube de nada ontem?
> - Ontem, não. Soube só aquilo de que conversamos há dias. (A tal conversa de 'há dias' versara sobre uns boatos vagos, circulantes nas camadas populares, de que o partido político a que pertencia Rosendo de Brito tencionava apoderar-se deste à força para subtraí-lo à acção da justiça. Nenhum de nós acreditou nos inverossímeis boatos, e não falamos mais no assunto). O meu irmão, trocadas mais algumas palavras de conjecturas, retirou-se para os seus cômodos encima e eu...tornei a dormir. Daí a poucos minutos, ainda paramentado de camisolão branco de uso geral na época e empunhando o indispensável castiçal com vela acesa, voltou a falar comigo. Acordei estremunhado, e ouvi:
> - Pois você tornou a dormir, rapaz?! Após uma notícia de tamanha gravidade!... Parece impossível!...
> Eu...murchei; e êle continuou:
> - Vá até o largo ver se vê alguma coisa ou se obtém qualquer informação.
> O velho estava profundamente impressionado. Enfiei as calças em que mal cabíamos eu e o fraldão da camisola, sobrepus às pressas um sobretudo que achei mais à mão, e saí na rua abaixo. Não quis descer diretamente pela avenida 2, muito exposta a possíveis tiros de enfiada partidos da cadeia: eu já estava meio contaminado do nervosismo do irmão. Atingi, pela avenida I, cosendo-me depois com a parede lateral da Igreja, a frente desta. Eu vim e estava ali entreparado, perscrutando na meia-escuridão do largo a possível presença de vítimas do tiroteio. Nada vi, além de vultos humanos na porta e na frente da cadeia; dei mais alguns passos, até a beira da calçada da Matriz.
> Nisto, um brado, talvez da sentinela, determinou brusco movimento daquelas sombras de homens que entravam em forma...Sumi, num ápice, detrás do pilar da igreja, e cosido outras vez com a parede, ganhei o caminho por onde tinha vindo – não fosse interpretação errónea da minha presença ali àquela hora custar-me a vida. Não vi vivalma nas ruas nem nas janelas. Em casa informei o irmão que as coisas lá pela cadeia não estavam claras, e que eu não voltaria a esclarecê-las. António Lourenço deixou-me, e mergulhei de novo no silêncio, nos lençóis e no sono. Afinal, o que foi que se passara? O linchamento dos Brito! Na manhã do dia 7 lá estavam no largo os dois cadáveres, tais como os deixara a malta de assassinos (Pio Lourenço CORRÊA, 1945 In: TELAROLLI, 1977, p.210-211)

3.3 Linchaquara

O crime ganha projeção nacional graças a alguns fatores dos quais podemos destacar a condição de réu de Teodoro Dias de Carvalho Júnior[50] no julgamento do crime, o contexto turbulento de introdução do regime republicano, a proximidade das eleições e a mobilização da comunidade sergipana.

---

[50] Teodoro Dias de Carvalho Júnior nasceu em Estrela do Sul, cidade mineira. Veio para São Paulo em 1879. Chega a Araraquara em 1887. Era genro do coronel Carvalho. Em 1892 assume o cargo de chefe de Polícia de São Paulo. Faleceu em São Paulo no ano de 1928. (TELAROLLI, 1977, p.170-175).

Na época do assassinato, Teodoro Carvalho era o delegado de polícia de Araraquara, sendo posteriormente réu no julgamento sobre o caso[51]. Teodoro era figura política conhecida na época graças à posição de chefe de Polícia de São Paulo cumprida anteriormente.

> Mal chegada a notícia da Proclamação da República em Araraquara, ou seja, a 17 de novembro de 1889, o dr. Teodoro entrou no exercício do cargo de delegado de Polícia. Com o novo regime, ascenderia ao mando local sob a liderança de seu sogro, também republicano histórico e, assim, iniciava sua trajetória nos quadros da política situacionista (TELAROLLI, 1977, p.172)

Em nível nacional, a introdução do regime republicano se fez em meio a turbulências. Como exemplo, neste mesmo ano de 1897 estoura a guerra de Canudos. A repressão do governo republicano a este movimento não fez melhorar sua imagem. Araraquara, por sua vez, após o crime, passa a ser chamada de *linchaquara.*

> Nesse ambiente, o Partido Republicano (...) pretendia resistir às investidas que lhe eram dirigidas de várias partes. Nos anos de 1896 e 1897, época da propaganda eleitoral, quando seriam escolhidos os sucessores de Prudente de Morais, a situação do Partido Republicano era extremamente delicada (CORRÊA, 2008, p.182)

Com a proximidade das eleições o clima de tensão se amplia, constituindo o cenário para a exploração do crime em páginas de jornal e manifestações de monarquistas[52]. A comunidade sergipana, por sua vez, realizou grandes mobilizações em favor da família dos Brito[53]. Foram registradas manifestações de populares em São Paulo, Santos, Rio Claro, São Carlos e Araraquara (CORRÊA, 2008, p.178). Na assembleia estadual de Aracaju também foi registrado protesto ao crime (TELAROLLI, 1977, p.100).

---

[51] Sobre os réus do caso: "Concluídas as diligências, o relatório do chefe de polícia pediu a prisão preventiva de oito pessoas sobre as quais veementes indícios de culpabilidade: Dr. Teodoro Dias de Carvalho, Antônio de Carvalho Filho, Joaquim Gabriel de Carvalho, João Batista Soares, comandante do destacamento da cadeia, Artur Gonçalves, carcereiro, Francisco Rodrigues Coimbra e Joaquim Liberato, camarada da fazenda de Joaquim Gabriel" (CORRÊA, 2008, p.180)

[52] "Adiantamos, todavia, que não foi pequena a exploração política: de monarquistas; a especulação de dissidências do P.R; a própria efervescência do momento, quando já se articulava a candidatura do presidente de São Paulo à presidência da República; os ressentimentos decorrentes da atuação do dr. Teodoro de Carvalho, no governo de Bernardino de Campos, tudo isso maximizado pela imprensa facciosa, interessada, tanto a situacionista como a anti-governista, na defesa de posições que cada jornal representava" (TELAROLLI, 1977, p.101).

[53]Tal mobilização chegou a resultar em envio de telegrama para o governador de São Paulo Campo Sales, sendo posteriormente respondido por este: "A colônia sergipana de Santos manifestou-se enviando um telegrama ao governador de Sergipe pedindo a ele que intercedesse junto ao governador de São Paulo para que houvesse justiça. O pedido foi atendido tendo o governador enviado a Campo Sales um telegrama (...)" CORRÊA, 2008, p.178-179)

Diante do número de manifestações em Araraquara o julgamento do caso foi realizado em Américo Brasiliense. Os corpos de Rosendo e Manoel são enterrados a quilômetros de distância do centro populacional da cidade. O local, denominado *Cemitério das Cruzes,* era conhecido na época por serem lá enterrados os mortos pelo surto de febre amarela[54]. Tanto a escolha do local do enterro dos corpos quanto do julgamento previam evitar manifestações. Ao final do julgamento todos os réus são absolvidos.

3.4 Narrativas atuais sobre o crime

Na década de 90 o grupo *Belazarte* realiza peça de teatro denominada *Um século de silêncio* abordando o tema do assassinato dos Brito. Com direção de Anysio Ribeiro, a peça foi adaptada de livro de título homônimo escrito pelo jornalista José Carlos Magdalena (1997). A peça teatral, ao relembrar o crime, denuncia a violência que envolveu a morte dos sergipanos na cidade de Araraquara.

No ano de 2003 é publicada matéria denominada *Rozendo de Brito: um forasteiro inconsequente* no Jornal O Imparcial. Nela o jornalista Beto Caloni retoma todos os fatos que envolveram a morte dos Brito. No referido artigo o jornalista afirma considerar que Rosendo foi inconsequente ao enfrentar um poderoso chefe político como o coronel Carvalho: "É esse o fato que a tragédia conseguiu ofuscar: a prepotência de um jovem nordestino pobre, que resolveu atacar de forma compulsiva um coronel do café, dono do poder local" (CALONI, 2003, sem página).

No final do artigo, através da analise da figura do sergipano Rosendo Brito, o jornalista assume postura conservadora quanto à chegada de migrantes na cidade de Araraquara:

> Não se trata de culpar ou inocentar ninguém – apenas reconhecer que ninguém conseguiria enfrentar um coronel do café em seu latifúndio. Quem ficou no prejuízo foi Araraquara que faz 200 anos não para de receber gente de todos os cantos (CALONI, 2003, sem página)

Interessante notar que o crime é tema atualmente lembrado não apenas em Araraquara, mas, também, em Sergipe[55]. Em 2005, Luiz Antônio Barreto publica em site matéria sobre o crime. Barreto é jornalista, historiador e diretor do Instituto Tobias Barreto, e ex-secretário de

---

[54] Sobre o tema conferir referência ao Cemitério das Cruzes em texto de Pio Lourenço Corrêa de 1948: "Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela afundir-se no cemitério de contagiados da charneca das Cruzes" (CÔRREA, P. 1948, p.40)

[55] Rosendo Brito nasceu na cidade de Rosário do Catete, interior do estado.

Estado da Cultura de Sergipe. Sobre a mobilização da comunidade sergipana na época, comenta:

> Sergipanos que viviam em São Paulo – Santos, São Carlos, São Paulo capital – se mobilizaram em socorro e proteção à família das vítimas, tendo Ascendino Reis, Silvério Fontes, Olinto Dantas, dentre outros, encabeçado movimento de massa. Em Aracaju, mais de duas mil pessoas saíram às ruas, clamando por justiça e deplorando o assassinato bárbaro dos dois conterrâneos. Subscrições na capital e em diversos municípios do Estado mostraram a solidariedade dos sergipanos. Uma das listas tinha em primeiro lugar o nome do presidente do Estado, Martinho Garcez, outra ostentava a assinatura do arcebispo da Bahia, dom. Jerônimo Tomé da Silva. Uma comissão, tendo à frente o comerciante José Rodrigues Bastos Coelho, e a participação destacada do comerciante italiano Nicolau Pungitori, organizou manifestações públicas e arrecadou considerável soma, entregando-a aos familiares dos mortos, em São Carlos, São Paulo, a mãe e as irmãs de Rozendo, e em Rosário do Catete, Sergipe, a viúva e os oito filhos de Manuel (BARRETO, 2005)

Outro material obtido foi publicado em 2009, no blog *Fontes da História de Sergipe.* Escrito pelo historiador Adailton dos Santos Andrade, o material foi denominado: *Série Rosarenses Ilustres: Um crime em Araraquara nº5.* O autor, ao refletir sobre os desdobramentos do assassinato, comenta:

> Um jovem da cidade de Rosario do Catete, que sonhava com uma vida melhor, que durante todo este tempo tentaram esconder a verdadeira história. Hoje o Povo do interior paulista sabe que o rosarense morreu inocente, e que foi tratado mesmo depois de morto como animal, nem enterrado dignamente pode ser, assim seu corpo foi jogado fora da cidade, enterrado em um lugar afastado, por ironia do destino, este lugar hoje é maior e principal cemitério da cidade de Araraquara, “Cemitério dos Brito” familia Brito da cidade de Rosario do Catete interior de Sergipe (ANDRADE, 2009)

Apesar da distância, o local em que foram enterrados os Brito se consolida como trajeto de peregrinação popular. Estes passam a ser vistos pela população como santos. Posteriormente, no cemitério foi construída Capela sobre os seus corpos enterrados, a chamada Capela das Almas (fotos abaixo).

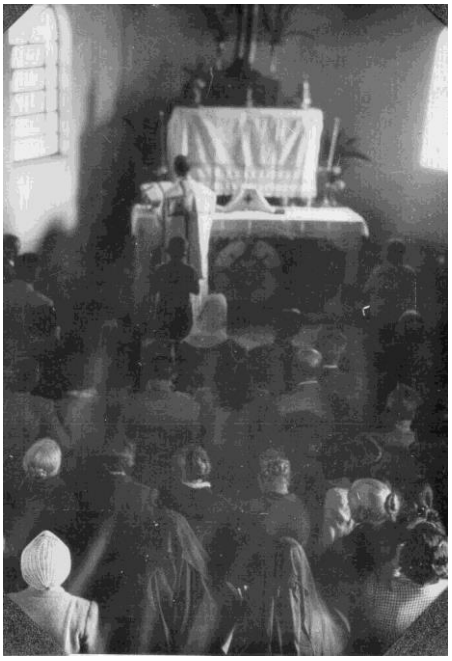


Foto 13 – Inauguração da Capela das Almas em 22 de junho de 1952[56]

Foto 14 - Capela das Almas ao fundo no canto direito. Panorama do Cemitério das Cruzes no ano de 1952[57]

[56]LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta Caixa 1 - Cemitério. Foto nº 46.

[57]LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara. Realização: Prefeitura do município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. Parte I. Pasta Caixa 1 - Cemitério. Foto nº 48b.

Foto 15 - Foto de 1978 da entrada do Cemitério São Bento, local em que se encontra enterrado o corpo do coronel Carvalho. Ao contrário do Cemitério das Cruzes, este é localizado no centro da cidade.

4 A MATERIALIDADE DO SIMBÓLICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma primeira aproximação com o campo teórico mobilizado. Assim, na primeira parte é abordado o debate sobre a relação entre estrutura e evento, pois, além de compreender a constituição da lógica do mito e sua recorrência, é preciso compreendê-lo ao nível de seu funcionamento no cotidiano, nos contextos de uso e apropriação, para uma análise que aborde o mito enquanto lógica que apresenta recorrência através do tempo, mas, por outro lado, considerar que a lógica do mito também é transformada através de apropriações em diferentes momentos da história. Longe de buscar resolver a conflituosa relação entre estrutura e evento, tenta-se apresentar um balanço teórico sobre o tema.

Na segunda parte deste capítulo se empreende um debate sobre a noção de materialidade do simbólico. Ou seja, procura-se compreender de que modo um esquema simbólico precede e organiza a experiência em sua relação com o mundo material. No caso específico desta pesquisa, significa compreender de que modo a lógica do mito da serpente pode contribuir para refletir sobre as relações de poder da cidade de Araraquara, e sobre como as narrativas da modernidade influem na ordenação do espaço urbano.

4.1 Estrutura e evento

Este tópico tem por objetivo abordar o debate sobre a relação entre estrutura e história. Para tal, começa com uma discussão do método estruturalista de Lévi-Strauss e sua relação com a noção de sistema simbólico do lingüista Ferdinand Saussure. O método estruturalista faz um rompimento epistemológico ao introduzir o privilégio da sincronia em oposição à diacronia característica da história do século XIX. Disto decorre uma segunda oposição entre estrutura e evento, que será trabalhada em uma perspectiva de conciliação pelo antropólogo norte-americano Marshall Sahlins, que tem como consequência uma significativa reflexão sobre o papel referencial dos sistemas de significação atuando entre o indivíduo e o mundo.

O que se visa, portanto, é compreender de que modo este debate - que nos remete à formação da disciplina antropológica - continua sendo de fundamental importância para refletir sobre fenômenos do mundo contemporâneo.

4.1.a O método estruturalista

O debate em torno da relação entre estrutura e história impõe a necessidade de uma análise sobre o modo como o método estruturalista concebe a categoria tempo, privilegiando o modelo sincrônico a partir da noção de sistema do lingüísta Ferdinand Saussure, que conduzirá Lévi-Strauss a operar, na primeira metade do século XX uma crítica epistemológica à história. Em um segundo momento, Marshall Sahlins busca conciliar as duas perspectivas diacrônica e sincrônica, concebendo estruturas implicadas na história e vice-versa.

Mas o método estruturalista se fez sentir em vários campos científicos, penetrando por diversos ramos do saber, tais como antropologia, lingüística, química orgânica, eletricidade aplicada e a fisiologia nervosa. (MOLES, 1971, p.117). Tal método apresenta, todavia, uma variedade de concepções. Para fins objetivos, iremos aqui apresentar um breve panorama de suas características.

Sobre o seu modo de análise podemos destacar que o estruturalismo opera com duas formas privilegiadas de códigos: o primeiro que são as expressões verbais, e o segundo, que é a passagem ao simbolismo matemático. (*Ibid*, p.110). O resultante deste esforço analítico, ao nível dos códigos, será a busca por uma simbolização do real, tendo como exemplo privilegiado o da representação gráfica.

Ainda, segundo Moles, o método estruturalista pode ser definido em três características: a) "(...) é o modo de apreensão por excelência dos sistemas complexos (...)" (*Ibid*, p.117); b) "(...) geralmente simbólico; corresponde ao mecanismo interno da máquina, (...) e se destina a compreender tal funcionamento ao representar cada elemento sob a forma de *símbolos*, repertoriados nas tabelas internacionalmente aceitas" (*Ibid*, p.117); c) é um sistema "topológico" e "abstrato" (*Ibid*, p.117).

4.1.b A noção de sistema

Ferdinand de Saussure e sua obra *Curso de lingüística geral* (1973) representa grande impacto na concepção estruturalista de sistema lingüístico. Faz-se necessário iniciarmos nossa investigação sobre o tema da relação entre estrutura e história a partir da noção de sistema apresentada por este autor:

> Uma língua constitui um sistema. Se, como veremos adiante, esse é o lado pelo qual a língua não é completamente arbitrária e onde impera uma razão relativa, é também o ponto onde avulta a incompetência da massa para transforma-lá (SAUSSURE, 1973, p.87)

Saussure elabora uma noção de sistema sincrônico, cujos elementos constitutivos se organizam de forma relacional, sendo a partir da posição de cada elemento em relação aos outros que se define seu significado. Deste modo: "Em Saussure, o significado não é a coisa, mas o seu conceito (...)" (NÉF, 1995, p.82, nota 27).

Assim, o significado de um elemento não está submetido à correspondência de uma palavra a um objeto mundano, mas à posição deste elemento em relação a outros, constitutivos de um dado sistema lingüístico autônomo. A unidade mínima de significação deste sistema será o signo, constituído por um conceito e uma imagem acústica (SAUSSURE, 1973, p.80).

Sobre a categoria tempo na produção da língua, o referido autor concebe dois processos simultâneos: o da mutabilidade e o da imutabilidade do signo, e afirma:

> Em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade (SAUSSURE, 1973, p.89)

Assim, a língua tende à continuidade na sua relação com o tempo enquanto as mudanças que porventura possam ocorrer têm por referencial o sistema da língua e seu caráter relacional, e não a ação de um indivíduo:

> As causas da continuidade estão a *priori* ao alcance do observador; não ocorre o mesmo com as causas de alteração através do tempo. Melhor renunciar, provisoriamente, a dar conta exata delas, e limitar-se a falar, em geral, do deslocamento das relações (...) (SAUSSURE, 1973, p. 91, grifo do autor)

Será, portanto, no deslocamento da relação entre significante e significado que a língua poderá ver transformada sua unidade de sentido, transformação esta que escapa ao nível individual, dado o caráter coletivo da língua. Assim: "Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental". (SAUSSURE, 1973, p.22).

4.1.c Crítica epistemológica

Introduzidas aqui, de forma breve, as características gerais do método estruturalista e de sua relação com a lingüística de Saussure, podemos abordar dois pontos significativos que abarcam o início do debate sobre a relação entre estrutura e história na antropologia. O primeiro diz respeito a um problema interno à disciplina, sobre a vinculação de uma tradição evolucionista a uma noção de história que precisava ser questionada; o segundo diz respeito ao modo de abordagem sobre o contato entre diferentes culturas a partir das grandes navegações no século XVI.

> Foi no século XVI, com a descoberta do Novo Mundo, que o problema das descontinuidades culturais se colocou à consciência ocidental, de modo súbito e dramático". No século XVIII a questão da relação entre sociedade ocidental e povos primitivos (fruto do encontro das expansões marítimas) ganhará tratamento sociológico e histórico. (LÉVI-STRAUSS, 1989a, p.317)

Será preciso então uma crítica que possa descontruir certa perspectiva que correlaciona progresso material a uma posição cultural, que subordina as culturas a um princípio de tempo pretensamente universal. Deste modo, Lévi-Strauss, ao introduzir o método estruturalista na antropologia, realiza um importante movimento de distanciamento epistemológico da noção de história que vigorou durante o século XIX, respaldada de forma emblemática pela filosofia hegeliana.

Assim, o florescimento estruturalista nas décadas de 50 e 60 promoveu uma suspensão do eixo temporal enquanto princípio de identidade e de inteligibilidade. (AUGÉ, 2007, p.27). A partir de então, por uma lado, a história deixa de portar uma relação privilegiada com o saber e, por outro, a unidade deixa de ser a base de análise das sociedades humanas em favor da introdução da noção de diversidade. Afasta-se do horizonte das ciências humanas a figura do 'mesmo' em favor da figura do 'outro' (DOSSE, p. 260, 1994).

> Dir-se-ia que, a seus olhos, a dimensão temporal goza de um prestígio especial, como se a diacronia criasse um tipo de inteligibilidade, não apenas superior ao que traz a sincronia, mas, sobretudo, de ordem mais especificadamente humana. (LÉVI-STRAUSS, 1989b, p.284)

Em uma perspectiva mais ampla, este rompimento epistemológico visava contribuir na solução de uma tensão sentida pela antropologia, pelo menos desde o século XIX, entre método sociológico (comparativo) e método histórico (monográfico e funcional) (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.13).

Desta forma, a relação com o tempo será transformada, e a noção majoritária de *história*, desvelada em uma dimensão polissêmica, dividida em três: a filosofia da história -sentido privilegiado da história-, história dos historiadores -temporalidade demarcada por fatos e datas -, e a *historicidade* - vivência cotidiana dos homens. Nesta nova perspectiva, que concede maior status à historicidade, será possível analisar a relação dos grupos humanos com o tempo em uma nova dimensão temporal: sincrônica e particular. E assim: "O que é verdadeiro no plano da grande história, o é também no da pequena" (LÉVI-STRAUSS, p.321, 1989a). Sendo assim, passamos da *história* para as historicidades. (FREHSE, p.13, 2008).

Assim, ao deslocar as grandes narrativas da história e inserir a noção de historicidade, Lévi-Strauss repõe o campo de tensão entre estrutura e evento. Sobre o tema o autor afirma:

> Deve-se concluir pela existência de uma oposição entre a ordem da estrutura e a ordem do evento? Ao contrário, parece que, em numerosos casos, a noção de estrutura é bidimensional: ela põe em operação, ao mesmo tempo, a sincronia e a diacronia (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.31)

Um exemplo significativo na teoria de Lévi-Strauss sobre a reprodução da estrutura e sua recorrência no tempo diz respeito à noção de *eficácia permanente* do mito:

> Mas o valor intrínseco a ele atribuído provém do fato de os eventos que se supõe ocorrer num momento do tempo também formarem uma estrutura permanente, que se refere simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.224)

De todo modo, em sua teoria, o evento estará presente dado o novo status atribuído, a partir de sua teoria, à *historicidade* em relação à *história.* Mas o objeto privilegiado da antropologia serão os sistemas de significação, estruturas, relações de sentido pertencentes às culturas: "Os valores, portanto, não se reduzem ao que os homens crêem e dizem; fazem parte dos constrangimentos inerentes aos instrumentos de que eles se servem para pensar" (LÉVI-STRAUSS, p.33, 1991).

Assim, Lévi-Strauss avança na incorporação do evento, em relação ao sistema de Saussure. O lingüista tinha por referencial da produção de sentido a chamada *razão relativa* (SAUSSURE, 1973, p.87) que dizia respeito aos elementos internos de um sistema autônomo. Lévi-Strauss, ao dar novo status à noção de historicidade em relação à história, articula em seu método uma abertura ao evento, tendo por referencial uma *razão humana*, porém razão esta desconhecida pelo indivíduo. Pois se o homem dota o mundo de sentido através de

esquemas simbólicos, não será no indivíduo que se encontrará a chave de seu entendimento, mas sim nos esquemas que atuam de forma referencial entre homem e mundo.

> A lingüística coloca-nos na presença de um ser dialético e totalizante mas exterior (ou inferior) à consciência e à vontade. Totalização não-reflexiva, a língua é uma razão humana que tem suas razões e que o homem não conhece. E,se nos objetam que ela é assim unicamente para o sujeito que a interioriza com base na teoria lingüística, responderemos que a esse sujeito, que é um *sujeito falante*, essa escapatória deve ser recusada, pois a mesma evidência que lhe revela a natureza da língua revela-lhe também que ela era assim quando não a conhecia (LÉVI-STRAUSS, 1989b, p.280-281, destaque do autor)

4.1.d Mudar o referencial

Vejamos, por fim, de que modo o antropólogo norte-americano Marshall Sahlins irá incorporar a tradição estruturalista e se tornar um importante interlocutor do debate sobre a relação entre estrutura e evento, a partir de seu primeiro livro sobre o tema, *Metáforas históricas e realidades míticas,* gerando desdobramentos desta questão na teoria antropológica. Neste debate o objetivo do autor é bem claro: "(...) cabe apenas mostrar de alguma forma que a história é organizada por estruturas de significação" (SAHLINS, 2008, p.27).

A importância de Sahlins neste debate está inscrita na sua própria trajetória intelectual, de início materialista-histórica, sendo que, posteriormente se aproxima das obras estruturalistas. Sahlins acaba por renovar o debate sobre os nexos entre história e estrutura na medida em que se apresente uma postura teórica de implicação mútua entre processo histórico e estrutura.

> Sahlins propõe-se a mostrar como as categorias culturais - signos - usadas pelas pessoas para interpretar os eventos podem assumir, não apenas novos conteúdos, mas também novas relações entre si (SCHWARTZMAN, 1983, p.273)

Para tal se distancia da noção de sistema inspirada em Saussure. O sistema em Saussure teria, enquanto características, ser relacional (cada elemento significa a partir da posição de outros elementos), sincrônico (se analisa a posição dos elementos num dado momento presente) e agregado (os elementos internos ao sistema estão dispostos de modo agregado e não seriada, portanto, em contraposição ao tempo linear) (SAHLINS, 2008). Daí

decorre, segundo Sahlins, uma língua de valor convencional, abstrata e existente apenas em um nível coletivo.

> A língua é, por assim dizer, um sistema significativo em si e para si: seus signos são determinados como valores puramente por suas relações recíprocas com outros signos, desprovidos de qualquer conexão com os objetos aos quais possam se referir. (SAHLINS, 2008, p.22)

Se esta primeira perspectiva se assenta sobre a noção de língua, Sahlins reivindica a noção de fala e do signo na condição da ação. Na fala se pode extrapolar o caráter sincrônico e praticá-la no nível da "atividade social" (SAHLINS, 2008, p.23). Na fala, portanto, segundo o autor, a história é feita.

> Os signos, portanto, assumem valores funcionais e implicativos num projeto de ação; não meramente as determinações mútuas de um estado sincrônico. Eles estão sujeitos a análise e recombinação, das quais emergem formas e significados sem precedentes (metáforas, por exemplo) SAHLINS, 2008, p. 23)

Deste modo, Sahlins, transfere o debate para a relação entre um sistema simbólico constituído de valores convencionais, coletivamente reconhecido, e um sistema de valores intencionais individualmente apropriado. Assim, no nível do "esquema de vida específico" (SAHLINS, 2008, p.127) o indivíduo mobiliza um "símbolo mundano" (SAHLINS, 2008, p.26), através de um *interesse em algo*, buscando promover uma alteração no *sentido de algo* que pertence ao "esquema simbólico coletivo" (SAHLINS, 2008, p.26).

Ao propor que os signos podem ser experimentados enquanto interesses em um jogo de práticas sociais, Sahlins parece apontar para uma aproximação da concepção de linguagem de Wittgenstein. Este último, representante de destaque da filosofia analítica, defende em suas obras tardias uma concepção de linguagem próxima das práticas sociais, de uma linguagem diária, que inclui, por exemplo, atos como contar piadas, adulações, ironias e *metáforas* (WITTGENSTEIN, 1999).

Deste modo, a crítica de Sahlins a Saussure representa novamente uma mudança de referencial para a análise da produção de sentido em um dado sistema simbólico; em Sahlins, a referência será uma articulação entre um sistema simbólico abstrato e um sistema simbólico mundano:

> No evento, o discurso insere os signos em 'novos' contextos de uso, acarretando contradições que têm de, em contrapartida, ser abarcadas num sistema de signos, mas as pessoas utilizam e experienciam os signos tal como os nomes das coisas; conseqüentemente, elas condicionam e potencialmente revisam os valores conceituais gerais de termos e relações lingüísticos por referência a um mundo. O encontro com a palavra é em si uma valoração (...) (SAHLINS, 2008, p.24)

Assim, para Sahlins, a estrutura representa um estado de fixação, bem como a ação representa um desdobrar-se. Assim, ao pensar a transformação, ao contrário de Saussure, que a concebe em termos de deslizamento de relações entre significados e significantes, Sahlins pensa: "(...) deslizamentos entre os valores intencionais e os valores convencionais (...)" (SAHLINS, 2007, p.312).

Vimos até aqui como o método estruturalista tem como característica fundante o código semiológico e, de como, para dotar de sentido o mundo, os indivíduos recorrem a códigos organizados em sistemas de elementos referenciados entre si. Demonstramos como a introdução da noção sincrônica de sistema em Saussure contribui - através de Lévi-Strauss - para a colocação de uma crítica epistemológica à noção diacrônica das grandes narrativas históricas do século XIX.

Abordamos, ainda, que cada noção de sistema recorre a um referencial para conceber a produção de sentido: em Saussure uma razão relacional entre os elementos constitutivos do sistema; para Lévi-Strauss, um pensamento simbólico que atua de forma referencial através de esquemas de significação; em Sahlins, uma mediação entre práticas sociais e valores estruturais.

Portanto, após este breve panorama teórico, acreditamos ter podido demonstrar de que modo o debate sobre a relação entre estrutura e história permanece relevante para refletir sobre questões de interesse contemporâneo para a antropologia, destacando a reflexão sobre o modo como os indivíduos dotam de sentido o mundo através de um plano simbólico referencial. Esquema simbólico este que é abstrato e se perpetua, mas também é apropriado e se transforma.

4.2 A questão da materialidade

Saussure refletiu sobre os sistemas de signos e suas leis constituindo o campo científico específico da linguagem, definindo esta enquanto um “fato social” (1973, p.14). Deste modo, Saussure estabelece uma análise dos fenômenos lingüísticos a partir das relações

que conceitos (significados) e imagens acústicas (significantes) estabelecem dentro de certos sistemas de signos.

Tal teoria defende que a construção do sentido dos signos se estabelece mais pela posição que estes ocupam dentro de certo sistema do que pela sua relação com o mundo social. Daí se desdobra uma das principais características do método estruturalista, que é a de privilegiar as relações em contraposição ao conteúdo.

Como coloca Sahlins, a condição arbitrária do signo lingüístico nos mostra que se a categoria de representação das coisas é arbitrária, então sua lógica constitutiva diz respeito a relações latentes das categorias entre si, pois desta forma podemos justificar o fato de que uma mesma coisa (um objeto físico qualquer, como um rio, uma árvore, etc) possa ser representada de várias formas diferentes nas mais diversas línguas (2007, p. 306). A lógica que sustenta sua significação não está presa diretamente ao mundo.

> Podemos então compreender como um novo método de decomposição da linguagem conduziu à tese segundo a qual os elementos são definidos não por suas propriedades intrínsecas, mas pela maneira pela qual se relacionam uns aos outros, formando um *sistema de signos* (MANIGLIER, 2009, p.12, destaque do autor)

Para Saussure, a noção material do simbólico a partir da língua, enquanto sistema de signos, pode ser pensada em dois aspectos: primeiro, a língua funciona como um sistema de classificação (SAUSSURE, 1973, p.17), dá nome e existência aos objetos e, segundo, o som que define as palavras materializa uma idéia, ou, como afirma este autor: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto (...)” (1973, p.15)

Ou, ainda:

> A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro (SAUSSURE, 1973, p.22)

Assim, a organização do plano simbólico na forma de um sistema permite aos indivíduos, por um lado, a possibilidade de alçar da condição individual para o coletivo, na medida em que façam uso dos signos que compõem uma língua compartilhada por sua comunidade e, por outro lado, impor um aspecto individual no coletivo quando o indivíduo faz uso da língua para dizer o que pensa. Dois movimentos que partem do

simbólico e, portanto, da mente humana e contribuem para a constituição de certa materialidade no mundo social. Como afirma Sahlins: “A consciência humana ou simbólica, portanto, consiste em atos de classificação que envolvem a subsunção de uma percepção individual numa concepção social.” (SAHLINS, p.306). Para Saussure o signo lingüístico será conceituado enquanto:

> O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele dos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 1973, p.80, grifo do autor)

Assim, no signo lingüístico não se une uma palavra a uma coisa, mas se institui uma relação entre um conceito e a representação que nossos sentidos realizam de determinado objeto. Da mesma forma, a relação entre seres humanos e coisas não se dá apenas pela utilidade ou necessidade, mas pela representação que nossos sentidos constituem sobre tal objeto. É exatamente através desta representação, ao nível do pensamento que simboliza, que promovemos a materialidade das coisas.

Mas, segundo Saussure, mesmo que as ideias aptas a buscar criar formas de representação possam ser ilimitadas, a sua acomodação e aceitação no interior da língua pressupõem restrições de caráter coletivo e que, portanto, escapam da vontade individual:

> Se, com relação à idéia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade lingüística que o emprega, não é livre: é imposto (sic). Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro (SAUSSURE, 1973, p.85)

Este aspecto relacional do simbólico diz respeito à lógica de enlace que se estabelece entre significado e significante que, longe de representarem um aspecto imutável do sistema, podem ser alterados através do deslocamento da relação entre ambos, como aponta Saussure (1973, p.89). Comumente, estabeleceram-se críticas a certa disposição do método estruturalista de um sufocamento das possibilidades de livre agência dos sujeitos, de uma falta de espaço da liberdade de ação.

Mas, como afirma o autor:

> A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário (SAUSSURE, 1973, p.88)

Apesar de signatário do conjunto de saberes produzidos no campo da lingüística, Lévi-Strauss discorda deste método em pelo menos um ponto fundamental: recusa o caráter arbitrário do signo.

Desta forma, Lévi-Strauss opera uma mudança a nível metodológico nas ciências humanas em meados do século XX, contrapondo-se ao método histórico em favor do método sociológico, recusando tanto a metafísica quanto o empirismo anglo-saxônico:

> Como aponta Lévi-Strauss, idéias, sonhos, objetos, entre nós e o mundo tudo pode ser simbolizado, inclusive nós mesmos, mas, os recursos deste processo operam em nível limitado de possibilidades. Em que, apesar de poderem se transformar e permutar, estão limitados por uma determinada relação já estabelecida. O estruturalismo se lança em busca das estruturas, reconhecendo no plano do inconsciente as formas que precedem nossas intenções e valores. Enquanto os conceitos se transformam incessantemente as formas apenas se permutam provocando a recomposição dos elementos. Estas estruturas que todas as sociedades compartilham serão a base legítima da generalização e da comparatividade. (FRANÇOSO, 2012, p.23)

Assim, Lévi-Strauss se constitui enquanto autor referencial no reconhecimento da dimensão material do simbólico, destacando ainda a potencialidade do simbólico na determinação da realidade.

> Desse ponto de vista, o componente simbólico da ação humana, mais que parte integrante, é elemento constitutivo da vida social. Lévi-Strauss (1950) formulou este postulado básico numa crítica a Durkheim, afirmando que o problema crucial não é buscar a origem social do simbolismo, mas entender o fundamento simbólico da vida social (DURHAM, 2004, p.259)

Nesta perspectiva Lévi-Strauss, ao mobilizar categorias como o totemismo, o pensamento selvagem, e a fórmula canônica do mito, demonstra de que modo o método estruturalista recusa tanto o aspecto metafísico quanto empirista e destaca a relação do simbólico com o real, do mito enquanto objetividade do pensamento simbólico e das relações com o concreto que o pensamento selvagem opera.

O pensamento simbólico, desta forma, diz respeito a este mundo, longe das noções de fantasia, da relação de verdade ou mentira, representa uma forma de constituição do mundo pelos grupos sociais.

> (…) o pensamento mítico funciona com o auxílio de imagens emprestadas ao mundo sensível. Em vez de estabelecer relações entre idéias, ele opõe o céu e a terra, a terra e a água, a luz e a escuridão, o homem e a mulher, o cru e o cozido, o fresco e o podre...Elabora assim uma lógica das qualidades sensíveis: cores, texturas, sabores, odores, ruídos e sons. Escolhe, combina ou opõe essas qualidades para transmitir uma mensagem de certa forma codificada (LÉVI-STRAUSS, 2012, p.63)

Por fim, podemos abordar neste capítulo a perspectiva lançada pelo antropólogo Marshall Sahlins, que fará uso da teoria sobre o signo lingüístico de Saussure e do totemismo de Lévi-Strauss, não por acaso dois estudos referenciais no reconhecimento da materialidade do simbólico, para debater a produção capitalista nas sociedades contemporâneas.

> A discussão de Saussure sobre o valor lingüístico ajuda a esclarecer esse aspecto, visto que se estrutura numa analogia com o valor econômico. O valor de uma moeda de cinco francos é determinado pelos objetos dessemelhantes pelos quais ela pode ser trocada, tais como o pão ou o leite, e por outras unidades monetárias com as quais ela pode ser contrastivamente comparada -um franco, dez francos. Por meio dessas relações, constitui-se a significância de cinco francos na sociedade (SAHLINS, 2007, p.310)

E sobre o que chama de “operador totêmico” (SAHLINS, p.190), uma tentativa de atualização do conceito de totemismo na sociedade capitalista de consumo, Sahlins argumenta:

> Mas convém indagar se ele não foi substituído por espécies e variedades de objetos manufaturados que, como as categorias totêmicas, têm o poder de fazer, até da demarcação de seus proprietários individuais, um processo de classificação social. (SAHLINS, 2007, p.190)

Sahlins demonstra a implicação, dentro do campo de análise da produção das coisas, da passagem da noção de valor de troca para a de uso: passa-se de uma concepção utilitarista (valor de troca) para o valor de uso (função signo) analisando o produto enquanto uma forma cultural, produto imerso em um sistema social, como coloca Sahlins (2007, p.182-183).

A produção de bens na sociedade capitalista será pensada enquanto materialização de uma lógica simbólica. “Ao dar forma ao produto, o homem não apenas aliena o seu trabalho, congelado assim, numa forma objetiva, como também, pelas modificações físicas que efetua, sedimenta um pensamento” (SAHLINS, 2007, p.191). Ou ainda: “Será também um movimento de reaproximação do pensamento totêmico” (*Ibidem*, p.194). E segue: “(...) o de que a produção é a materialização de um esquema simbólico” (*Ibidem*, p.195)

Sahlins, portanto, pensa a produção das coisas concebendo-a enquanto um sistema de signos, e remonta à distinção de Saussure entre língua e fala, tendo a cultura para o autor uma característica dual, tal como a língua divide espaço com a fala. A cultura tem assim uma característica intencional para o indivíduo e convencional para a sociedade (*Ibidem*, p.310-311).

Desse modo, Sahlins concebe a materialidade do simbólico enquanto movimento constitutivo da cultura, uma possibilidade de imposição de novos sentidos às coisas quando da sua incorporação: “A reavaliação pragmática dos signos tem a ver com sua determinação num contexto mundano particular, processo esse que é específico da cultura na dimensão da ação” (*Ibidem*, p.314). Ou ainda:

> Como esquema de relações entre categorias simbólicas, o 'sistema' é meramente virtual (…) Mas as pessoas vivem no mundo além de viverem por signos, ou melhor, vivem no mundo por meio de signos e, na ação, relacionam o sentido conceitual aos objetos de sua existência (SAHLINS, 2007, p.311)

Desta forma, a teoria proposta por Marshall Sahlins estabelece novos parâmetros para o debate acerca da relação entre seres e coisas, questionando o distanciamento do simbólico do mundo social ao qual pertence, sua cultura. Sobre este tema, Sahlins lança a provocante assertiva que nos leva à reflexão:“Daí a contradição com a qual a antropologia vem convivendo há algum tempo, a saber, que a simbolicidade engloba a determinação material do simbólico” (SAHLINS, 2004, p.56)

Para Sahlins a produção do simbólico não deve ser pensada enquanto um sistema desvinculado completamente do funcionamento do mundo social; seu objetivo assim é restaurar a relação entre estrutura e evento.

Sobre este tema, afirma Sahlins: “(...) O mundo social é comumente representado pelo chamado mundo objetivo, o qual, precisamente por ser figurativo, funciona aqui como a

idéia" (SAHLINS, 2007, p.210). E complementa: "Na condição de mera materialização (…) A totalidade da natureza é o objeto potencial da práxis simbólica" (*Ibidem*, p.210).

5 O CORPO VIVO DA SERPENTE

Imagem 1 - Representação da serpente da Igreja Matriz publicada no informativo O Caricato [58].

Este capítulo tem por objeto a trajetória histórica dizível, do discurso em nível público, da narrativa do mito da serpente. Apresenta resultado da investigação sobre o mito em arquivos públicos e depoimentos pessoais. No início do capítulo, pode-se conferir o contexto de formação do mito e sua relação com o Largo da Matriz. Logo depois se apresenta um compilado das versões obtidas da narrativa do mito. Daí, discutem-se os períodos em que o mito se manteve no âmbito do interdito, e, por fim, destacam-se os períodos temporais de recorrência do mito.

5.1 O mito

Segundo registros da cidade, após o assassinato dos Brito em frente à Igreja Matriz de São Bento, o padre Antonio Cesarino[59], em meio à população que circundava os corpos, roga uma praga, afirmando que Araraquara não teria progresso por 100 anos, e que, do ódio daquele linchamento, gerara-se o gérmen de uma serpente que viveria embaixo do prédio da

---

58 Fonte: http://www.ocaricato.com.br/index.php/2009/12/grande-verde-e-nervosa/

[59]Segundo registros da cidade, o padre Antonio Cesarino nasceu em 31 de março de 1855, em Sapri, na Itália. Chega em Araraquara em 1896, que se encontrava devastada por um surto de febre amarela. Figura influente, foi responsável por ampliações no prédio da Matriz, retornando à Itália em 1911, e falecendo em 1913.

matriz. E que, se Araraquara um dia terminasse a reforma da Igreja, a serpente sairia à luz com o objetivo de destruir a cidade.

Foto 16 - Padre Antonio Cesarino [60]

Não por acaso o mito apresenta uma presença discursiva em Araraquara. O mito está inscrito no nascente espaço urbano (foto abaixo), especificamente, no largo da Matriz.

Foto 17 – Largo da Matriz em 1956. No centro, o chafariz e a águia. Ao fundo a igreja.

[60] Fonte: http://escaladaararaquara.zip.net/images/padre-antonio-cezarino.png. Do blog comunidade de evangelização escalada

Assim, tanto o mito da serpente quanto o assassinato dos Brito foram criados e situados no quadrilátero da igreja Matriz, local de formação do nascente espaço urbano araraquarense, tendo sido o largo da matriz inaugurado em 1891:

> O antigo largo de terra da bela Matriz de São Bento inaugurada em 1891 vinha sendo ajardinado. Construía-se um tanque de forma ovalada no centro do Largo, onde em breve seria instalado um chafariz, encimado por uma grande águia de bronze (TELAROLLI, 2003, p.154)

Após o assassinato dos Brito, em 1897, o prefeito Dario de Carvalho – filho do coronel Carvalho – resolve demolir a cadeia pública em que aqueles haviam sido presos. Assim, em 1911, a delegacia é demolida e, em seu lugar, construído um chafariz. Os elementos presentes na narrativa do mito – a serpente e a praga do padre - estão inscritos na espacialidade do largo.

O mito esta inscrito no espaço, basta um olhar para o largo. Nele é possível observar a presença do chafariz que esconde a cadeia pública. Nas paredes da interminável obra do prédio da igreja Matriz, vêem-se rachaduras que, segundo relatos, são provocadas pelo movimento subterrâneo da serpente. As rachaduras como sinais da eficácia da praga profetizada pelo padre.

Desta forma, o mito esta presente neste elemento urbano que é o largo. Elemento de centralidade que se constitui como marco para o surgimento do município de Araraquara – como anteriormente se apontou –, marco de fundação da urbe. O mito da serpente não localiza sua narrativa em um espaço imaginário e territorialmente distante, mas sim no coração da cidade, seu centro, seu primeiro lugar de constituição. Ou, como aponta estudo do arquiteto Igor Rossoni: “Como se vê a história deixa marcas, o passado registrado em cada palmo de terra do largo. Os murmúrios cravados nas paredes” (ROSSONI, 1981, p.5). A presença da serpente como que constitui uma marca negativa para a cidade:

> Afirmações, ditos populares, casos, medos, todos envolvendo o Largo, que não muda, quer dizer, altera-se mas sempre dentro de seu espaço limitado, e por mais que se tente explicar com palavras e fatos palpáveis, estes talvez, não sejam os reais, pois, a chave talvez não esteja em poder dos homens que ditam as palavras. O Largo está aí, até hoje e para sempre, encerrando em si domínio sensitivo e próprio. Talvez fuja ao alcance do meramente material, tal situação, por quanto se negue. Após todos esses pensares e refletires concluímos ser esta localidade um ponto de vibrações negativas que apenas sentimos, no campo das sensações. (ROSSONI, 1981, p.5)

Cabe aqui destacar que as alterações realizadas no Largo da Matriz acompanham processos de transformação de toda a cidade. Quando da reforma do largo em 1911, Araraquara, desde 1908, já passava por febril processo de construção de elementos urbanos. A elite cafeeira, no início do século XX, investiu na construção de uma paisagem urbana e visou através desta a determinação espacial da cidade. Deste modo, a transformação do capital proveniente do café em poder político no espaço urbano foi permeada por um projeto, ou, como aponta Augé:

> A linguagem política é naturalmente espacial (nem que seja quando se fala em direita e esquerda), sem dúvida porque lhe é necessário pensar simultaneamente a unidade e a diversidade – sendo a centralidade a expressão mais aproximada, mais cheia de imagens e mais material, ao mesmo tempo, dessa dupla e contraditória obrigação intelectual (AUGÉ, 2007, p.61)

É a esta linguagem política em uma dimensão espacial que tanto o largo quanto a própria Igreja estão submetidos. Um largo que abriga uma serpente e uma igreja eternamente em reforma. Bem como todos os elementos urbanos que compõem a cidade constituem sua paisagem urbana em cada época. Organizar os elementos urbanos é um projeto político. Como bem aponta Halbwachs:

> Quando um grupo vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhes representam os objetos exteriores (HALBWACHS, 1990, p.136)

5.2 Versões da narrativa

Cabe aqui definir as variações da narrativa do mito obtidas ao longo da pesquisa. Algumas versões apresentam apenas alguns termos diferentes. Outras, mudanças mais acentuadas. Seguem abaixo:

5.2.1 Primeira versão

> Segundo registros, após o assassinato dos Brito em frente à Igreja Matriz de São Bento, o padre Antonio Cesarino[61], em meio à população que circundava os corpos, roga uma praga, afirmando que Araraquara não teria

progresso por 100 anos, e que, do ódio daquele linchamento, gerara-se o gérmen de uma serpente que viveria embaixo do prédio da matriz. E que, se Araraquara um dia terminasse a reforma da Igreja, a serpente sairia à luz com o objetivo de destruir a cidade [62].

5.2.2 Segunda versão

Diz a lenda que uma mulher teve um filho indesejado e o jogou no córrego que ficava em frente à Igreja Matriz de São Bento (atualmente canalizado). A criança se transformou numa serpente, que estaria vivendo no porão da igreja até os dias de hoje, e cada vez que a serpente se mexe ela derruba uma parte da igreja que nunca fica pronta. A cada oito anos, durante sete minutos a serpente acordaria, derrubando um pedaço da Igreja. A mesma lenda conta ainda que a cabeça da serpente se encontra na própria igreja e o rabo se estende até o Cemitério dos Brito. Esse é um dos motivos pelo qual há uma águia na frente da igreja. O animal, que não faz parte da fauna brasileira, deve "caçar" a serpente quando ela "acordar". (PORTAL G1, 2012)[63]

5.2.3 Terceira versão

Com certeza você que mora em Araraquara já entrou ou passou perto pelo cemitério dos Brito, este relato foi mandado para o nosso e-mail e não querem se identificar, eu colocarei do mesmo jeito que escreveram para nosso email" (INFORMATIVO RIZADÃO[64]. 2012 ou 2013 [indefinido])

E segue:

Afirmam que o linchamento foi testemunhado por uma criança, não identificada, e pelo Padre Antonio Cezarino, o qual recolheu os restos dos Brito com uma carriola enquanto amaldiçoava a família Carvalho e a cidade. A mãe de Rozendo arrasada, deixou a cidade logo após o crime. Conta a lenda que raspou a sola dos sapatos para não levar a terra desta cidade maldita, e que a cidade não se desenvolveria da Matriz para baixo. Uma das versões diz que os corpos foram arrastados por cavalo até o local onde foram enterrados. Outra versão da maldição diz que os corpos dos Brito estão enterrados no altar da capela do cemitério dos Brito e que anos mais tarde deveriam ser retirados de lá, mas o coveiro não o fez pois eles vertiam sangue (INFORMATIVO RIZADÃO. 2012 ou 2013 [indefinido]).

5.2.4 Quarta versão

Versão oferecida por Rita Michelutti[65], contada por seu pai Oswaldo Michelutti, sobre as razões do assassinato dos Brito. A história que seu pai contou afirma que o Padre Cesarino organizou na época quermesses para

---

[62] Das versões sobre o mito esta é a mais popularmente conhecida

[63] O Portal G1 é um site de notícias de abrangência nacional que na oportunidade de matéria sobre a atual reforma da Igreja Matriz abordou a questão do mito da serpente.

[64] O Informativo Rizadão é um jornal de circulação restrito, geralmente disponibilizado em pequenos estabelecimentos comerciais. Aborda temas cotidianos da cidade e circula em bairros da cidade, como por exemplo, a Vila Xavier.

[65] Moradora de Araraquara e funcionária pública. Por ter conhecimento de pesquisa que realizo, transmitiu esta versão em diálogo na mesa da cozinha de sua casa. Esta versão contada por Rita foi veiculada na cidade de Santa Lúcia. Santa Lúcia é uma cidade de porte pequeno, vizinha a Araraquara, as duas cidades compartilham elementos históricos e fluxo populacional. O diálogo foi anotado no caderno de campo.

arrecadar fundos para a reforma da igreja Matriz. A comunidade doa objetos e animais para a igreja, que são leiloados. O dinheiro arrecadado seria utilizado para a reforma da igreja. Os Brito, por sua vez, eram responsáveis por guardar este dinheiro em sacos, amarrar suas bocas e guardá-los na sacristia da igreja. Um dia a família (Rita faz referência aos Carvalho) vai buscar este dinheiro e encontram a sacristia vazia. Os Brito são acusados de ladrões, o povo, enfurecido, lincha-os, pelo roubo do dinheiro da comunidade. Prova desta versão é que jamais poderiam ter sido linchados sem a conivência do padre, pois o linchamento ocorreu em frente à igreja. Neste caso o padre foi conivente, pois eles foram acusados de roubar o dinheiro da igreja. O bispo de São Carlos, ao saber do ocorrido, lança a praga a Araraquara, em represália às mortes. Mais tarde, um membro da comissão responsável pela gestão do dinheiro da quermesse retorna de São Paulo e afirma que o dinheiro foi guardado em sua casa, antes de sua viagem, por segurança, dado o volume arrecadado na quermesse. Os Brito teriam sido então julgados injustamente.

5.2.5 Quinta versão[66]

No início da colonização de Lages, mulheres lavavam roupas em alguns olhos d'água transformados em um lago onde hoje está o Parque Jonas Ramos, o Tanque, bem no Centro da cidade.
Conta a lenda que, naquela época, um coronel engravidou uma escrava. A mulher, com medo que o homem a matasse e o bebê, jogou o próprio filho no lago.
A criança virou uma grande cobra, cuja cabeça está no Tanque e o corpo ao longo do Rio Carahá, que corta a cidade. A padroeira de Lages, Nossa Senhora dos Prazeres, estaria com um pé sobre a cabeça do animal.
Se os devotos tirarem a imagem da Catedral ou não agirem corretamente, como bons cidadãos, a Santa deixará de proteger a cidade, tirando o pé de cima da cobra, e Lages será completamente inundada. Apenas a cruz da igreja Santa Cruz, no Centro, ficará fora da água.
Todo cuidado é pouco. A serpente está mais viva do que nunca!

5.2.6 Sexta-versão

Quando esse lamentável assassinato ocorreu, houve grandes tumultos na cidade e desde então surgiu a lenda: No decorrer do caminho de onde eles foram assassinados até onde eles foram enterrados (onde hoje é o cemitério Brito) formou-se um rastro, e este rastro se transformou em uma gigantesca serpente que viria para vingar suas mortes. Para manter a serpente presa em terra foi construída em cima dela uma igreja, no caso, a Matriz de São Bento. Lenda ou não, a construção da igreja jamais foi terminada, gerando o rumor de que a serpente se debatia em baixo da terra tentando sair quando

[66] Versão apresentada em ambiente virtual por Pedro Gomes da cidade de Lages, Santa Catarina. Esta versão foi obtida através de pesquisa via internet com o objetivo de encontrar versões que pudesses ter relação com o mito da serpente analisado neste trabalho. Acessado em: 30 de novembro de 2014. Disponível em: Fonte: http://wp.clicrbs.com.br/diariodaserra/2013/06/19/serpente-gigante-ameaca-inundar-toda-lages/?topo=67,2,18,,,67

> começavam a reformar. A igreja diz não ter dinheiro o suficiente para terminar a reforma do local (CARDILLO, 2010)

5.3 Interdito

Apesar de existirem várias fontes da narrativa do mito, nem sempre sua enunciação foi permitida. Através de pesquisa nos arquivos, foi possível concluir que a narrativa permanece indizível por um longo período após o duplo assassinato. A referida narrativa retornaria ao campo do dizível apenas na década de 1960. Um dos principais motivos foi a permanência no poder do grupo político constituido pelos filhos do coronel Carvalho e seus aliados. Outro fator decisivo foi a presença hegemônica de jornais da época ligados ao Partido Republicano Paulista ao qual pertencia o coronel Carvalho:

> No ano de 1908, deu-se uma mudança no comando da vida política e administrativa de Araraquara. Há muitos anos vinha ganhando as eleições que se realizavam de 3 em 3 anos para a Câmara de Vereadores um mesmo grupo. Nas eleições de 1908, uma outra facção na qual figura o cafeicultor Bento de Abreu Sampaio Vidal ganha o poder. E esse grupo é que comandará a política e a administração de Araraquara até a revolução de 1930, tendo sempre como lideranças Bento de Abreu e filhos do coronel Antônio Joaquim de Carvalho, primeiro Dario, depois Plínio (TELAROLLI, 2003, p.169)

Para ilustrar a influência dos filhos do coronel Carvalho se pode citar o trabalho do arquiteto Igor Rossoni. O autor destaca o silencio que prevaleceu no período posterior ao assassinato dos Brito e à praga do padre. Menciona a situação de coação que predominava no cemitério dos Brito:

> A mãe de Rozendo é obrigada, com a família, a deixar a cidade. No Dia de Finados, nos anos seguintes, ficavam capangas escondidos no cemitério para fiscalizarem quem iria devotar velas para as vítimas. Essas, posteriormente eram violentamente perseguidas. Só foi possível erigir uma capela no cemitério onde as vítimas foram enterradas, depois da queda do poder de Plínio de Carvalho, até então por ele proibida (ROSSONI, 1981, p.4-5)

Telarolli, por sua vez, ao abordar o impacto do assassinato dos Brito, aponta em sua obra a dificuldade que o caso apresentava para ser debatido em público.

> A explicação está no fato de que a abordagem do assunto sempre foi tema proibido e as crianças e os mais jovens, do começo do século, só tinham informações em geral, através de ‘pontas de conversa’ dos mais velhos, à

> meia voz e em grande sigilo. A repressão que os Carvalhos exerceram, durante longo período (...) tornando proibido o tratamento do assunto e a circulação do que sobre ele se escreveu, acabou condicionando uma autocensura (TELAROLLI, 1977, p.212)

Ao analisar os desdobramentos dos fatos relacionados ao assassinato dos Brito, Telarolli pondera sobre o contexto de resistência[67] ao tema, apesar do assassinato ter se passado há tempos:

> Condicionados, ainda hoje é frequente que entre os mais antigos exista uma grande resistência em dizer o que conseguiram ouvir do caso, alegando, a maioria, nada saber, havendo mesmo aqueles que, de modo agressivo, condenam qualquer abordagem do caso, como perniciosa ao 'bom nome da cidade', manchando por campanhas infames de detratores, que usaram os crimes para difamar Araraquara. Por que voltar a mexer na ferida, agora, após tanto tempo, quando o passado do estigma 'Linchaquara' está quase esquecido por todos? (TELAROLLI, 1975, p.212)

Souza (2003) parece se aproximar da hipótese de que a narrativa do mito retorna ao âmbito do dizível na década de 60[68]. Cabe considerar que ela retorna através do trabalho dos autores Anna Maria Martinez Corrêa, Rodolpho Telarolli e Ignácio de Loyola Brandão[69], num momento em que elementos até então inexplorados ou não abordados sobre a história da cidade reaparecem como objeto de pesquisa:

> As histórias em surdina saem da toca e começam a ganhar um rumo novo; às vezes, mediadas pelos guardiães do templo do medo. O que era tabu vira uma pequena discussão frente ao universo imensurável a ser explorado (SOUZA, 2003, p.7)

5.4 Presença do mito em outras cidades

---

[67] Em diálogo, realizado com a filha de Rodolpho, Tereza Telarolli, esta relatou que, na época da publicação da obra sobre o caso dos Brito (1977), seu pai sofreu coação por abordar o tema. Segundo Tereza, seu pai recebeu ligações em sua residência procurando demovê-lo. O argumento seria o de prejudicar a imagem da cidade. Algumas das ameaças foram endereçadas por pessoas que se identificaram como pertencentes à família Carvalho (Diálogo realizado com Tereza Telarolli na tarde de 02.06.2014 na Chácara Sapucaia).

[68] Como hipótese sobre o retorno da narrativa neste período, pode-se apontar que, na década de 1970, foi possível verificar a presença de narrativas críticas aos projetos que tinham a modernidade como horizonte. A narrativa surge como modo de crítica ao projeto de futuro da cidade. Esta hipótese deverá ser melhor desenvolvida no quinto capítulo deste trabalho.

[69] Escritor araraquarense. Nasceu em 31 de julho de 1936. Renomado escritor, venceu o Prêmio Jabuti em 2008 com a obra *O menino que vendia Palavras.* Suas obras mais famosas são: *Não verás país nenhum* (1981) e *Zero* (1975). Em 1976, lança obra denominada *Dentes ao sol – Ou a destruição da catedral;* o livro é marcado pelo período em que o autor deixa Araraquara e passa a viver em São Paulo. A obra é permeada por um tom de despedida, que o autor, por sua vez, classifica pela denominação: ostracismo.

No ano de 2007 a *Revista de História.com.br* publica matéria[70] sobre investigação do empresário Marcos Juliano Ofenbocke e do jornalista Alexandre Costa Nascimento. Ambos encontram uma recorrência do mito da serpente em algumas cidades do Brasil. Relacionam esta recorrência à prática de construção de túneis embaixo de igrejas:

> Segundo Ofenbock, a estratégia subterrânea era comum entre jesuítas de várias partes do Brasil. E eles usavam o mesmo boato para afugentar a curiosidade alheia: o da cobra gigante. Pelo menos em Curitiba, São Paulo, Araraquara (SP) e Florianópolis, há relatos sobre a lenda de uma cobra descomunal que vivia debaixo da terra. Não à toa, a cabeça da serpente costumava ficar bem embaixo da igreja. "Pode checar: onde tem a lenda, tem túnel", avisa ele (ALDE, 2007).

O mito da serpente apresenta recorrência mais distante do que das cidades do Estado de São Paulo. Em São Luís do Maranhão, pode-se verificar a seguinte narrativa em site[71] sobre o tema:

> Conta-se que uma serpente encantada, que cresce sem parar, um dia destruirá a Ilha, quando a cauda encontrar a cabeça. O animal gigantesco habitaria as galerias subterrâneas que percorrem o Centro Histórico de São Luís e, embora seu corpo descomunal esteja em vários pontos da cidade (a barriga na Igreja do Carmo, a cauda na Igreja de São Pantaleão), o endereço mais certo do bicho é a secular Fonte do Ribeirão. Há quem garanta ser possível observar, por meio das grades que isolam as entradas do monumento, os terríveis olhos do animal (s/a, Lenda da serpente de São Luís)

Texto publicado em blog[72] também aborda a presença da serpente em São Luís do Maranhão. E relaciona a criação da serpente a discurso do Padre Antônio Vieira, que disse: "A verdade que vos digo, é que no Maranhão não há verdade". E mais:

> Também se mentia em Lisboa, por exemplo. Mas ela era capital de um império. Podia repartir suas mentiras com outros cantos do mundo. São Luís, pequenina, não. Naquela vila, a mentira não tendo para onde ir alimentava ainda mais outras inverdades. Nasciam e ali ficavam. Lá a mentira dançava a roda, foi o que Vieira disse. Com certeza foi por isso que a lenda da Serpente da Ilha, monstruoso ofídio que diziam dormir ao redor de São Luís e se

---

[70] ALDÉ, Lorenzo. 31.10.2007. Duvide se quiser: Lendas como a da cobra gigante inspiram jovens exploradores curitibanos a vasculhar subterrâneos atrás de túneis históricos. E encontrá-los! Revista de História.com.br. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/duvide-se-quiser. Acessado em: 22 de janeiro de 2014.

[71] (Sem autor). Sem data. Lenda da Serpente de São Luís. Disponível em: http://imirante.globo.com/saoluis400anos/lendas/. Acessado em: 18 de março de 2014.

[72] SOUSA, Maria Helena RR de. 2014. A lenda da Serpente, por Maria Helena RR de Sousa. Blog do Noblat. Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2014/01/13/a-lenda-da-serpente-por-maria-helena-rr-de-sousa-520706.asp. Acessado em: 17 de janeiro de 2014.

> algum dia suas presas encontrassem seu rabo, mordendo a si mesma, ela se ergueria para devastar com tudo, calou tão fundo nos locais (SOUSA, 2014)

Sobre a criação de narrativas sobre a existência de uma serpente enquanto elemento mítico, o jornalista Durante (2000), após entrevista com o historiador Telarolli, afirmou sobre o tema[73]:

> Esse lendário (...) não é próprio apenas de Araraquara. Pode ser encontrado em cidades mineiras de Mariana, Ouro Preto e Catas Altas. Está ligado ao passado colonial e à própria mitologia colonial. A serpente é um símbolo do mal, vista como traiçoeira (DURANTE, 2000)

5.5 Dizível

Pode-se agorar concentrar o estudo sobre a presença, no âmbito do dizível, da narrativa do mito da serpente. O primeiro registro escrito da praga do padre, aqui obtido, data do ano de 1962, sendo publicado em matéria do jornal Diário de São Paulo. O material foi utilizado como fonte para abordagem sobre a praga do padre no livro de Rodolpho Telarolli em 1977. Posteriormente, a narrativa retorna ao dizível através da obra da historiadora Anna Maria Martinez Corrêa no ano de 1968. Ela não cita fonte para a versão da narrativa. Segue abaixo o conteúdo:

> Segundo tradição popular teria sido o vigário, Pe. Antônio Cesarino, o primeiro a dar conta do acontecido. Observando os corpos teria amaldiçoado os responsáveis, bem como a cidade. Conforme foi amanhecendo, os populares começaram a se aproximar da cadeia os corpos foram recolhidos e autopsiados. Uma atmosfera de pavor recaiu sobre a cidade. Os fatos eram narrados em surdina. Todos evitaram se envolver no caso (CORRÊA, 2008, p.177)

Em 1975, o historiador Rodolpho Telarolli aborda a narrativa e cita como fonte o Jornal Diário de São Paulo. No final de seu livro, o autor aborda o acervo de conteúdos que foram criados a partir do caso dos Brito (1975, p.213). A partir destes relatos populares, apresenta o seguinte texto sobre o assassinato dos Brito e a praga do padre:

---

[73]DURANTE, Beto. 22.08.2000. A serpente, a águia e a Matriz. Jornal Tribuna Impressa[veja a norma de citação de periódicos]

> Desde 1895, estava em Araraquara um padre italiano, o padre Antonio Cesarino. Após o flagelo dos Brito, os seus corpos, picados em pedaços e esparramados no largo da Matriz, teriam sido recolhidos piedosamente, em um carrinho de pedreiro, pelo padre Cesarino, que os conduzira para dentro da igreja, cobrindo-os com as alvas toalhas do altar. No início da madrugada, ao ouvir o barulho, pressentindo o que ia acontecer, o padre subira à torre da igreja e, badalando os sinos, começara a gritar para que não matassem os inocentes. Depois, já dia claro, vendo os dois cadáveres no chão, badalara novamente os sinos e, do alto da igreja, lançara a seguinte maldição: 'Malditos sejam os Carvalhos! Que Deus não os perdoe nunca e que paguem pelos tempos afora os sofrimentos que causaram a esses infelizes', maldição que seria repetida pela mãe de Rosendo ao ver jogada a última pá de terra sobre as sepulturas (TELAROLLI, 1977, p.213-214)

Um ano depois, em 1976, foi a vez do escritor Ignácio de Loyola Brandão fazer referência à narrativa em seu livro *Dentes ao sol – Ou a destruição da catederal*. O livro marca a saída do escritor de Araraquara rumo à cidade de São Paulo. No início do livro existe um poema em que se pode ler:

> A cidade enterrada pela areia,
> Brancas areias que se movem ao vento das quartas-feiras
> e ocultam meus dentes soterrados,
> no saguão do cinema, a esperança-eterna negativa medrosa/
> mentirosa.
> Em torno do relógio branco.
> As horas ao inverso, giro em volta do relógio, para o fundo.
> E o cadáver de Ceres Fhade, o libertador, boiando na platéia
> do cinema,
> o cadáver do velho no chão da farmácia, olhos vazios/cheios,
> e os corpos mutilados dos nordestinos, estraçalhados à noite
> pela multidão para a soldo e vingança-maldição do padre
> sobre a cidade,
> edifícios se erguendo, brancas caixas, túmulos de concreto,
> fim dos grandes espaços abertos,
> ah, Eduardo, como o futuro parecia instável nas noites do
> Pedro; e como estava assegurado naquele emprego ferroviário.
> E eu, que fiquei sabendo, agora estou condenado. Isolado, por
> querer saber. Memória da cidade
> Eu, dentro e fora de minha cidade, não pertencendo ao nunca
> pertencido (BRANDÃO, 1976, p.1)

No ano de 1981 foi lançado interessante estudo sobre a arquitetura do largo da Matriz. Em seu texto, Rossoni (1981) cita a narrativa do mito e ao final da obra esboça a seguinte conclusão sobre o largo:

> Concluímos pois, no campo das deduções supostas que o LARGO DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DA BORDA DO

> CAMPO é um local de atração (vibração) negativa de energia pelo Karma que carrega e que ao mesmo tempo encerra em si seu próprio e real domínio (ROSSONI, 1981, p.6, destaque do autor)

Souza (2003) aborda o tema - em obra na qual analisa a história de Araraquara- no capítulo denominado: "Imaginário Popular - Uma serpente gigante dorme sob a Igreja Matriz" (SOUZA, 2003, p.30), em que se pode ler:

> Entre as lendas do imaginário popular araraquarense está aquela da serpente gigante que dorme no subsolo da cidade com a cabeça sob as estruturas da Igreja Matriz de São Bento e o corpo se estenderia até a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. No dia em que a igreja for concluída da sua obra monumental, a serpente acordará e destruirá Araraquara, reza uma das versões mais populares. Há ainda os que dizem ser a serpente, o pequeno riacho soterrado e que passava ao lado da capela desde a fundação do povoado. O despertar do riacho derrubaria a igreja e parte da cidade. Mas alguns contentam-se com a enorme águia formada pela arquitetura do suntuoso edifício e cuja visão imaginária é notória de um determinado ângulo frontal do prédio e que mantém guarda à espreita da enorme serpente para devorá-la assim que ela surja do subsolo (SOUZA, 2003, p.30)

Importante destacar que as versões do mito acima apresentadas ilustram o papel dos intelectuais araraquarenses que, ao refletirem sobre a cidade de Araraquara em obras publicadas durante as décadas de 60 e 70, se apropriaram da narrativa do mito da serpente. Tais versões sobre o mito, além de dados que permitem constatar a força do mito no imaginário araraquarense, são também, para este trabalho, alvo de análise e interpretação. Pois a apropriação da narrativa do mito efetuada por estes autores é mais uma das versões a serem analisadas, portanto, objeto de análise nesta pesquisa.

5.6 Reforma da Matriz

Sobre a presença do mito e sua vinculação com a reforma da Igreja Matriz, temos:

> Durante muitos anos, visitantes e moradores de Araraquara se acostumaram ao visual inacabado da Igreja Matriz de São Bento, maior templo católico da cidade. Muitos, inclusive, atribuíram a uma antiga lenda o fato de as obras quase não avançarem, dizendo que uma serpente estaria enterrada sob a igreja e derrubava o reboque todas as vezes que tentavam terminá-la. A lenda da serpente, segundo historiadores, remonta ao linchamento dos Brito, surgida como punição ao ato de violência que os vitimou nos primórdios de Araraquara (SIM!NEWS (jornal).28.12.2012. Mobilização para concluir a Matriz. Edição nº97. Ano 02. p.07)

No início do século XXI, nova reforma da Igreja Matriz foi tema de diversas matérias. Interessante notar como a presença do mito da serpente permanece forte. Forte o bastante para colocar em risco a conclusão da reforma. Em 2011 o tema foi abordado em matéria[74] com o sugestivo título *Lenda pode atrapalhar reforma da matriz São Bento, em Araraquara*. Nela podemos ler:

> Um laudo encomendado pela matriz São Bento constatou que a igreja de Araraquara precisa de uma reforma. Apesar disso, muitos moradores temem que a obra não seja concluída por causa de uma antiga lenda. Há 50 anos o sino da igreja toca no Centro da cidade. Com meio século de existência e sem as reformas necessárias, o local apresenta os sinais da idade. A cúpula nunca foi reformada e as infiltrações comprometem a estrutura (PORTAL NEWS, 2011)

Em 2012, outra matéria[75] sobre o tema afirma:

> Uma obra iniciada há 50 anos está próxima de ser terminada em Araraquara (SP). Apesar da lenda da serpente, a Igreja Matriz de São Bento está com o projeto de conclusão pronto, aguardando apenas o recebimento de doações em dinheiro para o início dos trabalhos. O principal objetivo é recuperar toda a área externa da igreja, como paredes, telhados e cúpula, que deve receber uma pintura em tom de cobre (PORTAL G1, 2012)

Em 2000 foi entrevistado sobre o mito o padre Oswaldo Baldan[76]. Pároco da Matriz há 25 anos na época, sobre sua fala foi registrado:

> Ele diz que pessoalmente ninguém lhe diz nada, mas que conhece as histórias, 'que acabam chegando aos seus ouvidos'. Quanto à conclusão das obras da igreja ele diz que o problema é exclusivamente financeiro e pretende criar, em breve, uma campanha para arrecadar fundos (DURANTE, 2000)

Na matéria, o padre da Matriz Marcelo Aparecido de Souza [77]busca tranquilizar as pessoas sobre o impacto do mito[78]:

---

[74] PORTAL NEWS São Carlos e Região. 2011. Lenda pode atrapalhar reforma da matriz São Bento, em Araraquara. Disponível em: http://www.portalnews.net.br/regiao/3489-lenda-pode-atrapalhar-reforma-da-matriz-sao-bento-em-araraquara.html. Acessado em: 13 de março de 2014.

[75]PORTAL G1. 01.04.2012. Obra em Igreja Matriz será concluída após 50 anos em Araraquara, SP. Disponível em: http://g1.globo.com/sp/araraquara-regiao/noticia/2012/04/obra-em-igreja-matriz-sera-concluida-apos-50-anos-em-araraquara-sp.html. Acessado em: 19 de janeiro de 2014.

[76]Oswaldo Baldan nasceu no dia 01 de Abril de 1932, na cidade de Guariba, São Paulo. Em 1943 ingressou no Seminário Menor na Diocese de São Carlos. Em 16 de Dezembro de 1956 é ordenado Sacerdote na Igreja de Guariba. Foi pároco da Igreja Matriz de São Bento de Araraquara (Fonte: .http://www.linhaaberta.com.br/matrizsaobento.htm. Acessado em: 10 de fevereiro de 2014)

[77]Segundo matéria no Jornal Sim!News (2013): Marcelo Aparecido de Souza é padre da Igreja Matriz de Araraquara. Responsável pela atual reforma que está sendo realizada. Araraquarense e bancário de formação. Posteriormente, cursou o seminário, e cumpriu mestrado e doutorado em Roma, na área de Missiologia. Fonte: SIM!NEWS (jornal). 21.08.2013. Uma vida pela igreja: Pároco da Matriz de São Bento, Padre Marcelo realiza o sonho de concluir a igreja que se tornou símbolo da cidade. Caderno especial: aniversário de Araraquara. p.8-9

[78] Destaque para o fato de que esta mesma matéria foi reproduzida, no dia17 de Maio de 2012, no site da Paróquia São João Evangelista – Igreja Matriz de Ibaté – SP, inclusive com a narrativa do mito. Disponível em:

> (...) de acordo com o padre, a lenda seria talvez uma justificativa para o não acabamento da obra desde aquela época, mas que, com o novo projeto, está pronta para entrar em fase de execução e ser finalizada (PORTAL G1, 2012)

Em 2012, o jornal Tribuna Impressa realizou matéria[79] sobre a reforma da Igreja Matriz. Ao conversar com um funcionário da obra, Geraldo Rodrigues Jesus, o jornal indaga sobre o mito da serpente:

> Ele diz que conhece o mistério da igreja, mas acredita que tudo não passa de uma lenda. 'Nunca pensei que um dia fosse trabalhar aqui, mas sobre a história da cobra, acho que é tudo só uma lenda mesmo, coisa do povo' (TRIBUNA IMPRESSA, 2012, p.A-5)

Em 2013, a Revista Kappa realizou matéria[80] sobre o mito da serpente em edição especial de aniversário de 196 anos de Araraquara. No texto, redefine o contexto político do assassinato dos Brito e aponta recorrências do mito em fatos atuais da cidade. Após entrevista com o atual padre da Igreja Matriz Marcelo Aparecido de Souza, a jornalista Andressa (2013) comenta:

> A lenda ficou consolidada depois dos anos 60, quando se construiu esse último prédio e que não foi terminado por falta de recursos. Na época o país estava em crise. A Matriz sempre esteve no centro da vida de Araraquara e toda lenda nasce de uma realidade de interrogações, quando não se tem certeza de situações (ANDRESSA, 2013, p.44)

5.7 Vida social da serpente

Em 2005, podemos verificar a presença da serpente na vida araraquarense através das crônicas do jornalista Luís Augusto Zakaib que de forma bem humorada abordou, em diversas matérias[81], publicadas no Jornal O Imparcial, a *vida social* da serpente da Matriz. As

---

http://www.paroquiasaojoaoevangelista.com.br/site/index.php?secao=noticias&cod=283&titulo=Reforma+em+Igreja+de+Araraquara+que+j%E1+se+arrasta+%E0+50+anos+tem+mais+uma+etapa.

[79] JORNAL TRIBUNA IMPRESSA. 16.08.2012. Igreja Matriz terá a troca de mais de mil vidros e ganhará elevador. Araraquara. p.A-5

[80] FERNANDES, Andressa. 19.08.2013. Sim, a serpente da Matriz existe – A serpente da Matriz de São Bento segue viva no comportamento do araraquarense. Ano 3. Edição nº 71. Nº 22. p.40-44.

[81] Conferir: ZAKAIB, Luís Augusto. **Encontrado túnel subterrâneo na cidade**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 13.11.2005; ZAKAIB, Luís Augusto.**Cobra do pinheirinho é encontrada morta**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 11.12.2005; ZAKAIB, Luís Augusto.**Câmera flagra ataque da cobra no Pinheirinho.** Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 28.06.2006; ZAKAIB, Luís Augusto.**Anaconda araraquarense pode entrar para o Guinness Bokk.** Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 05.11.2005; ZAKAIB, Luís Augusto. **Monstro do Pinheirinho vira atração turística**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 30.10.2005; ZAKAIB, Luís Augusto. **Anaconda ameaçada**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 20.11.2005; ZAKAIB, Luís Augusto. **Arqueólogos encontram várias ossadas no túnel subterrâneo**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 27.11.2005; ZAKAIB, Luís Augusto. **Cobra gigante assusta população no Pinheirinho**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 02.10.2005. (As informações bibliográficas destas matérias foram obtidas em jornais recortados disponíveis

atividades cotidianas da serpente são descritas por Zakaib juntamente a uma mobilização de personagens históricos de Araraquara, vivos ou mortos, ao passo que o ambiente das histórias é o da vida cotidiana da cidade.

Segundo o jornalista, a serpente teria reaparecido no Parque Pinheirinho, um parque público localizado na zona leste de Araraquara. Em matéria publicada no Jornal O Imparcial, denominada "Cobra gigante assusta população no Pinheirinho", pode-se ler: "Historicamente sabemos que sua cabeça era para estar debaixo da Matriz, mas o barulho do centro a incomodou e por isso ela foi morar no Pinheirinho, conhecido também como 'Naútico dos Pobres' (...)" (ZAKAIB, 2005, sem página).

Em 2014 retornam as crônicas sobre a serpente através da coluna do jornalista Zakaib denominada *Anacrônicas*[82] publicadas agora no jornal *Circulando News*.

---

na pasta Pasta: “História - Lendas e Dinossauros - Pasta 1C”, disponível no Arquivo Histórico Municipal de Araraquara “Rodolpho Telarolli”).

[82] Conferir: ZAKAIB, Augusto Luís. 11.04. 2014. **Anaconda araraquarense vai para o *guinness book***. Araraquara: Jornal Circulando News. Edição nº21. Ano 01. p.19; ZAKAIB, Augusto Luís. 16.05. 2014. **Anaconda está viciada em patê de alho**. Araraquara: Jornal Circulando News. Edição nº26. Ano 01. p.18; ZAKAIB, Augusto Luís. 06.06.2014. **Desencontros causados por falhas do 190 evitam captura da cobra**. Araraquara: Jornal Circulando News. Edição nº29. Ano 01. p.18;

6 O MITO NO LABORATÓRIO

Todo o esforço deste trabalho pode ser reduzido à expectativa de que a análise de um mito que nasceu de um fato histórico do final do século XIX possa oferecer um modelo para pensar o funcionamento das relações de poder da cidade de Araraquara. Na segunda parte deste capítulo esta analise será demonstrada ao se comparar o modelo – obtido com a fórmula – a fatos da história política da cidade. Sabe-se que o estruturalismo opera na simetria, mas isto não significa que ofereça modelos estáticos. A estrutura articula o acidente dentro de um campo delimitado de possibilidades. A estrutura circunscreve probabilidades, mas não define o resultado.

A estrutura não se movimenta apenas pela rigidez de pares, mas deriva da composição de tríades. Em Araraquara a conhecida tríade modernidade– espaço-cidade se reproduz e parece operar mediações e legitimar um bom campo de ações políticas.

O mito, enquanto instrumento lógico que desafia o tradicional distanciamento entre o sensível e o ideal, pode nos dizer algo sobre o modo como a cidade se constituiu até aqui. E, possivelmente nos revela algo do modo de pensar daqueles que produzem transformações na cidade.

6.1 Análise estrutural do mito da serpente

A fórmula canônica do mito é uma equação matemática desenvolvida pelo antropólogo Lévi-Strauss para analisar diversas versões de um mesmo mito. O procedimento é simples: em posse de um mito de determinada cultura se busca variações da mesma história; Depois, estas são organizadas em esquemas que, por métodos de simplificação, deverão resultar em termos abrangentes; Estes termos organizados em uma equação matemática, resultam em um modelo, que por sua vez, representa um modo de operar mediações simbólicas entre experiências contraditórias.

Em resumo, este método permite a conversão de diversas versões de um mesmo mito em um modelo lógico, uma abstração matemática, conectando, revelando ligações, à revelia de diferenças que no nível da aparência pareciam irreconciliáveis. Não é um caminho em direção à essência de uma cultura, mas sim em busca do elo, da relação, de uma cultura para com outras. Lévi-Strauss está em busca do caminho subjacente que liga culturas diferentes, no tempo e no espaço.

O ponto de chegada, portanto, é encontrar termos resultantes de todas as versões em seu nível mais abstrato, as versões de um mito traduzidas em termos de uma equação matemática. Termos abrangentes o bastante para que façam sentido para várias culturas, mas que ainda assim, não sejam exclusivos de nenhuma delas. O mito tomado a um só tempo pelo conjunto das suas variantes: "Os elementos da estrutura perdem todo o sentido singular e só recebem significação em seu jogo combinatório" (DOSSE, 1994, p.485). Ou como aponta Lévi-Strauss:

> Na verdade, há pouca esperança de que a mitologia comparada possa se desenvolver sem lançar mão de um simbolismo de inspiração matemática, aplicável a esses sistemas pluridimensionais, complexos demais para nossos métodos empíricos tradicionais (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.236)

Assim, quando um nativo busca analisar estruturalmente sua própria cultura a tarefa talvez fique um pouco mais difícil. Um pesquisador araraquarense analisando um mito araraquarense rumo à abstração matemática, trata-se aqui da passagem da afetiva cidade natal para o vazio.

Por outro lado, permite também o movimento inverso: o estruturalismo possibilita a passagem do "conteúdo transcendental do espaço" (DOSSE, 1994, p.485) para uma "lógica dos lugares" (*Ibidem*, p.485). E este movimento é que pode nos ajudar a pensar a cidade a partir da lógica do mito da serpente. Assim, o primeiro movimento parte do concreto vivido para a abstração matemática para, no segundo, colocar esta lógica a serviço da compreensão das operações de troca no mundo das coisas. Chegamos, enfim, no campo da mediação entre o sensível e o inteligível, na possibilidade do fim das distâncias entre estes mundos.

Então, afinal, o que é o mito? É um instrumento lógico que permite mediações para equilibrar relações contraditórias na experiência humana. A fórmula canônica, por sua vez, é a sua expressão lógica e abstrata.

Deste modo este capítulo irá analisar seis variações do chamado mito da serpente e obter a sua fórmula canônica. Esta lógica abstrata será utilizada para refletir sobre a "lógica das coisas", o jogo de trocas e combinações do mundo concreto que permeiam a espacialidade da cidade de Araraquara.

6.2 Do mito para a fórmula

Ao revisitar o clássico texto *A estrutura dos mitos* (LÉVI-STRAUSS, 2008) pode se apresentar as principais características que compõem um mito:

01. A obtenção da fórmula não implica no acesso à essência de uma cultura, seu sentido íntimo e último. Como aponta Lévi-Strauss, o mito não é a expressão direta da estrutura social (LÉVI-STRAUSS, 2008 p.222). A fórmula é uma ferramenta que pode contribui para compreender o modo de funcionamento desta. Ou seja, a função significativa está na relação e não na coisa em si.

02. Para o autor, o mito é uma ferramenta lógica utilizada para operar mediações entre relações contraditórias (*Ibidem*, p.238)

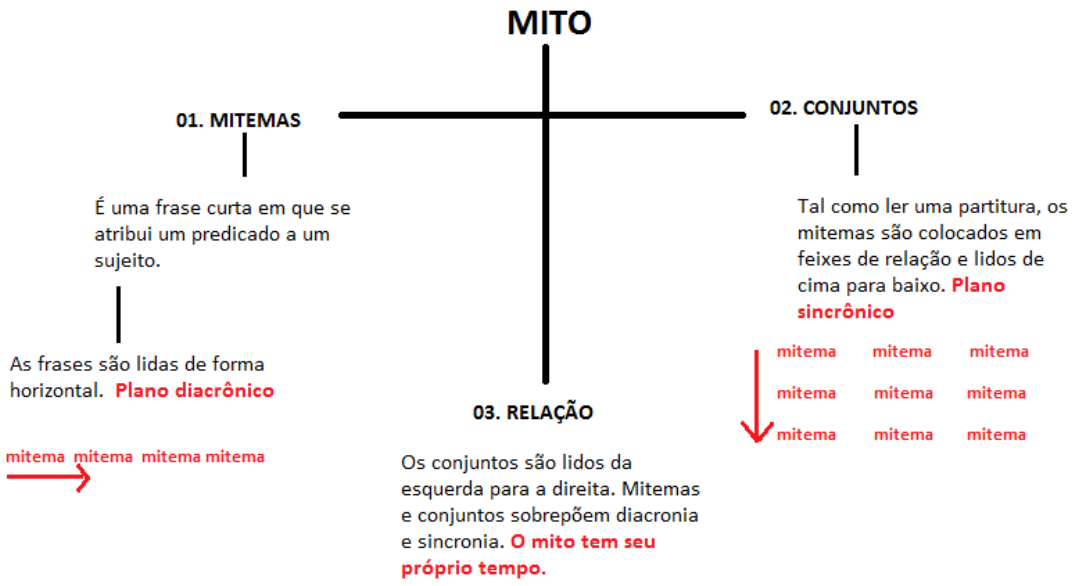
03. Não há versão verdadeira do mito, o mito é um conjunto de versões (*Ibidem*, p.236)

04. A estrutura do mito não é apenas sincrônica. Caso assim, fosse o *mito* teria a mesma estrutura que a *língua*. O mito é língua e fala ao mesmo tempo, sincronia e diacronia, ou, como aponta Lévi-Strauss, o mito é portador de um tempo próprio, o da *estrutura permanente* [83](*Ibidem*, p.224). O mito apresenta ainda um elemento exclusivo que são os *mitemas* ou grande unidades constitutivas.

> Sua substância não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na *história* que nele é contada. O mito é uma linguagem, mas uma linguagem que trabalha num nível muito elevado, no qual o sentido consegue, por assim dizer, *descolar-se* do fundamento

[83] [83] O tempo da *estrutura permanente* recoloca a polêmica entre estrutura e evento. Como é possível que o tempo do mito seja sincrônico e diacrônico ao mesmo tempo? Para compreender esta questão é preciso retomar a mudança de referencial sobre a mutabilidade do signo que Lévi-Strauss realiza em relação a Saussure. Para Saussure a língua constitui um sistema, regido por uma *razão relativa*, mudar o sentido da língua pressupõe deslocamento de relações entre os termos do sistema feitas em um nível coletivo. Portanto, o sistema da língua em Saussure é sincrônico, mutável, mas intangível ao indivíduo. Para Lévi-Strauss o mito enquanto sistema classificatório, apresenta função a partir da analise das suas versões existentes. O mito é constituído por uma *história* em comum entre versões que contam esta *história* de forma diferente. E por que desta diferença? Pois para Lévi-Strauss o referencial não é apenas uma razão relativa, relações entre termos de um sistema. O mito carrega em sua história um sistema sincrônico, uma relação relativa entre termos que se mantém preservada em variadas culturas. Mas como o mito é contado? O mito é narrado a partir de categorias concretas frutos do modo como cada cultura enxerga o mundo, uma relação homem mundo. Categorias como: alto/baixo; serpente/águia; estagnação/progresso. Não basta contar a história do mito é preciso que ela seja contada de modo a atender às demandas do sistema cognitivo de determinada sociedade em um certo período. É como se a história do mito fosse uma melodia musical famosa e muito antiga, mas há cada período é regravada em um novo suporte: há muito tempo em um vinil, depois em um CD e atualmente em um pen drive. A melodia é a mesma, mas tem que adaptar seu modo de tocar às necessidades de reprodução de cada época. A recorrência do mito, o funcionamento da *estrutura permanente* do mito, indica a articulação entre: a *história do mito* (sistema – razão relativa) e dados sensíveis do mundo concreto (experiência do homem com o mundo). O mito se reproduz de um modo que faça sentido, que atenda às necessidades cognitivas de determinada sociedade em determinado período.

> linguístico no qual inicialmente rodou (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.225, destaque do autor)



Quadro 1 – Representação dos principais elementos que constituem o mito

Apresentada as características do mito, pode-se partir para a fórmula. Foi criada por Lévi-Strauss e publicada pela primeira vez no artigo *Journal of American Folklore* no ano de 1955 (*Ibidem*, p.221, nota I). Desde então, a fórmula foi retomada por Lévi-Strauss pelo menos em cinco oportunidades, como aponta Almeida:

> Ela surgiu pela primeira vez em 1955, no artigo sobre "A estrutura dos mitos" (Lévi-Strauss, 1995), e foi mencionada no artigo "Estrutura e dialética" do ano seguinte (Lévi-Strauss, 1958b [1956] :265), para reaparecer trinta anos depois em *La Potière Jalouse*(Lévi-Strauss, 1985), em *Histoire de Lynx*(Lévi-Strauss, 1991) e em 2001 (Lévi-Strauss, 2001a) em um ensaio sobre a arquitetura religiosa (ALMEIDA, 2009, p.1, destaque do autor)

Além do próprio autor a fórmula foi utilizada em 1986, pela antropóloga brasileira Manuela Carneiro da Cunha, na época na França, em um texto chamado *Lógica do mito e da ação. O movimento messiânico canela de 1963*, originalmente publicado em 1973, em francês, na revista *L'Homme*. Atualmente, em 2009, a fórmula canônica do mito foi analisada pelo antropólogo Mauro Almeida, que realiza balanço sobre o tema. Ainda que hoje façam exatos 60 anos da publicação da fórmula canônica, muita polêmica ainda continua em torno

dela. A ideia de se poder obter uma lógica que precede e organiza o mundo das coisas a partir da análise de narrativas míticas causa desconfiança.

Outros autores também fizeram uso da fórmula para sua análise, mas este trabalho se concentra na versões oferecidas por Lévi-Strauss e Mauro de Almeida. Abaixo segue a representação matemática da fórmula canônica, podendo-se desmontar a fórmula para melhor compreende-la:

$$\boldsymbol{Fx(a) : Fy(b) \approx Fx(b) : Fa^{-1}(y)}$$

Fx (a), Fy (b), Fx (b) e Fa^{-1} (y) – são predicados que atribuem uma função e um valor a um sujeito (relação)

F - Função

a – sujeito (termo)

b – sujeito (termo)

x – atribui valor sobre o termo a ou b

y – atribui valor sobre o termo a ou b

A fórmula canônica deriva de um encontro teórico do antropólogo Lévi-Strauss com matemáticos de sua época. Dentro do campo teórico matemático, a referida fórmula integra o campo denominado *teoria dos grupos.* Dentre as inúmeras fórmulas pertencentes a este campo, a formula canônica pode ser aproximada daquela denominada *Grupo de Klein.* A fórmula de Klein é voltada para obter relações de simetrização independente da natureza contraditória dos termos envolvidos na operação, extraindo, deste modo, uma simetria da própria contradição entre os termos da equação.

A fórmula permite operar mediações entre termos contraditórios e estabelecer conexões entre variações do mito estudado. Por um lado, contribui para se obter uma lógica abstrata a partir de reduções das versões de um mito e, por outro, permite estabelecer conexões entre culturas. Portanto, desta análise derivam dois resultados: uma abstração matemática em forma de equação e um modo de operar do pensamento, compartilhado entre culturas distintas.

> Para dizer isso de outra maneira: toda fórmula canônica (...) nunca é uma simples armação para descrever a lógica do mito (como o seria um esquema analógico, ou de ‘mediação de contradições’), mas é principalmente um guia para estabelecer conexões entre grupos de mitos distintos, ou mesmo entre

> planos semânticos diferentes, transpondo para isso, necessariamente, uma fronteira dada. Por isso mesmo, a fórmula não se reduz nunca a um silogismo, como seria de esperar se o mito, ou cada conjunto de mitos, pudesse ser considerado como uma dedução lógica. Em vez disso, cada fórmula construída a partir de um conjunto delimitado de mitos exige do leitor que busque uma ponte entre eles e outros conjuntos, ou ainda entre o código em consideração e outros códigos (ALMEIDA, 2009, p.5)

Mas, como proceder com a fórmula canônica? Como aponta Almeida (2009, p. 4-5) a fórmula flexiona dois momentos de análise, o primeiro, que resulta na obtenção da simetria entre termos contraditórios e, o segundo, que, ao realizar uma dupla inversão de termos e valores, permite que se chegue a um modelo formal aberto ao acaso histórico.

> Contrariamente a essa visão, argumentei em outro artigo que Lévi-Strauss utiliza idéias matemáticas, com a criatividade de bricoleur, para articular reflexões originais, e não ilustrar teorias prontas, sejam elas a 'teoria dos grupos' ou a 'teoria das catástrofes'. Combinei essa argumentação com a tese segundo a qual o procedimento estrutural de Lévi-Strauss, longe de se reduzir à busca de lógicas atemporais, envolve uma constante dialética entre estruturas conceituais e a história real irredutível a ela (ALMEIDA, 2009, p.9).

O método de analise estruturalista deve começar estabelecendo uma relação de simetria com o auxílio da fórmula do *Grupo de Klein.*

$$F_x(a) \approx F_y(a) :: F_y(b) \approx F_x(b)$$

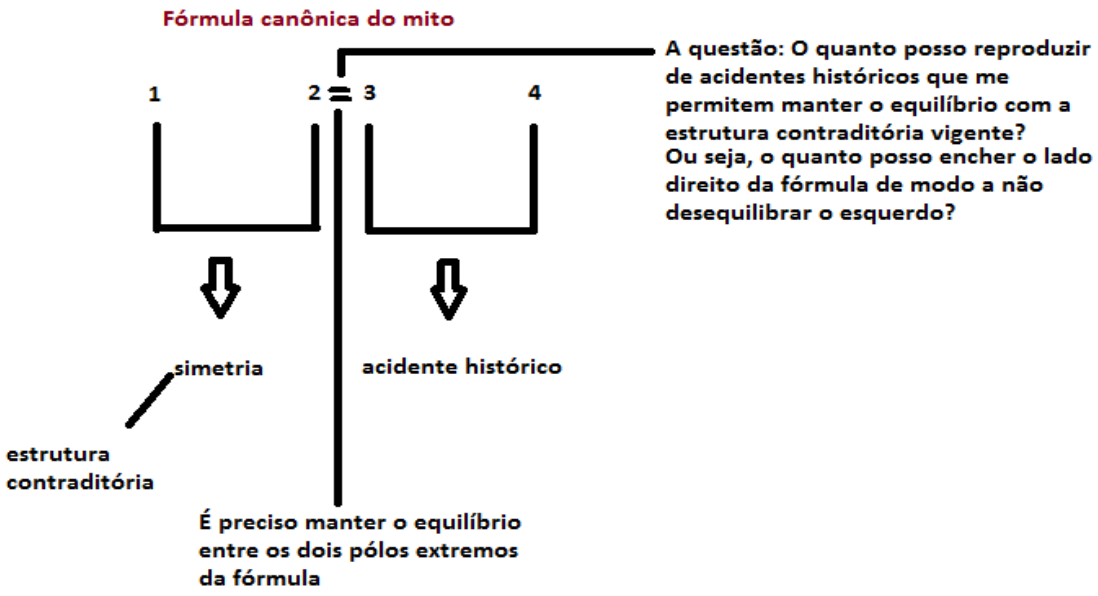
Neste caso os termos da equação são pares simétricos entre si, sendo: função de valor *x* atribuído ao termo *a* está para a função de valor *y* atribuída ao termo *a*, assim como função de valor *y* atribuída ao termo *b* está para função de valor *x* atribuída ao termo *b*. Após este primeiro movimento se realiza uma dupla torção, deixando a fórmula canônica deste modo:

$$F_x(a) : Fy(b) \approx F_x(b) : F_{a^{-1}}(y)$$

Lévi-Strauss, por sua vez, explica desta forma a fórmula canônica e seu funcionamento:

> Quaisquer que sejam os ajustes e modificações a serem feitos na fórmula (...), parece desde já estabelecido que todo mito (considerado como o conjunto de suas variantes) é passível de redução a uma relação canônica (...) na qual, dados simultaneamente dois termos, *a* e *b*, e duas funções, *x* e *y*, de tais termos, postula-se que existe uma relação de equivalência entre duas situações, definidas por uma inversão entre *termos* e *relações*, com duas condições: I. que um dos termos seja substituído por seu contrário (na expressão acima, *a* e *a-1*) e 2. Que uma inversão correlativa se produz entre o *valor de função* e o *valor de termo* de dois elementos (acima, *y* e *a*) (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.246, destaque do autor)

Deste modo temos:



Quadro 2 – Representação da fórmula canônica do mito

A fórmula permite a redução das variações de um mito a uma fórmula, mas também revela um modo compartilhado de se pensar determinada contradição da vida real. Há na fórmula um elemento lógico e outro histórico, sendo que ambos estão conectados por uma relação. Como analogia, podemos comparar o funcionamento da fórmula a um objeto utilizado em jogos de azar, o *dado*. O *dado* é uma espécie de instrumento que possibilita que o jogador se arrisque em determinada disputa. Com cada uma das suas seis faces abriga uma probabilidade limitada de resultados. Apesar de delimitar as probabilidades o *dado* não prevê o resultado. Para o jogador, cada lance é sempre um risco.

Mas, por outro lado, o *dado* oferece um conjunto de variáveis constantes independentemente do jogador. O *dado*, assim, iguala as chances entre os jogadores, pois mantêm inalterável seus elementos numéricos, suas seis faces, é um modelo compartilhado. A analogia do *dado* permite compreender como a fórmula limita as variáveis do mito em um conjunto abstrato e circunscrito de elementos, no caso os quatro elementos da fórmula. Esta é a dimensão formal, lógica. Mas, com que objetivo as pessoas usam um mito? Para pensar, para resolver conflitos, enfrentar crises, para arriscar um equilíbrio frente às contradições do mundo vivido. Em resumo, para jogar, usam uma ferramenta indispensável *que é o mito*.

O que Lévi-Strauss nos aponta com sua análise estruturalista do mito é que a fórmula canônica estabelece os elementos fundamentais que constituem o jogo, mas ela não restringe seu resultado. Tal como o dado não restringe a sorte do jogador.

Pode se responder, assim, às críticas de que o modelo de análise estruturalista seria simétrico e estático demais para dar conta das transformações históricas. A analogia do dado demonstra como o modelo formal coabita com o acaso histórico, sem abrir mão da lógica enquanto instrumento de análise. Como apontou Lévi-Strauss sobre a etnologia em uma perspectiva estruturalista:

> Seu objetivo é atingir, para além da imagem consciente e sempre diferente de que os homens formam de seu devir, um inventário das possibilidades inconscientes, que não existem em número ilimitado, cujo repertório e cujas relações de compatibilidade ou incompatibilidade que cada uma mantém com todas as outras fornecem uma arquitetura lógica a desenvolvimentos históricos **que podem ser imprevisíveis, mas nunca são arbitrários** (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.38, destaque nosso)

No caso do mito da serpente de Araraquara, há um forte impacto no imaginário da comunidade ao se colocar em questão o futuro da cidade, ao problematizar sua relação com a passagem do tempo. É preciso questionar o mito, sua serpente e sua praga, para propor à cidade de Araraquara um tipo de progresso que possa levar a cidade à aurora e não à destruição. Para mudar o resultado do jogo é preciso lançar novamente o dado, é preciso arriscar. Para cada nova aposta, um novo jogo é necessário.

> Se o rito é um jogo em que a partida já estaria decidida (Lévi-Strauss, 1962:44), o movimento messiânico lança novamente os dados. O pensamento mítico pode, portanto, realizar um jogo no sentido próprio, ou seja, um conjunto de regas acionadas pelo evento, e é por aí que a história se reintroduz nesse pensamento intemporal (LÉVI-STRAUSS, 1962, p.248)

Após ter apresentado em breves pontos a noção de mito para Lévi-Strauss e a composição e funcionamento da fórmula canônica, pode-se partir para o método de análise estruturalista de um mito. Para uma melhor abordagem, ele foi dividido em seis passos.[84]

6.3 Método de análise estruturalista em seis passos

De acordo com Lévi-Strauss a analise estruturalista do mito deve obedecer a quatro preceitos básicos (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.226):

01. Economia de explicação
02. Unidade de solução
03. Possibilidade de restituir o conjunto a partir de um fragmento
04. Prever os desenvolvimentos ulteriores a partir dos dados atuais

Cada um dos pontos destes seis passos busca elucidar os movimentos de análise propostos por Lévi-Strauss, presentes em sua maioria, principalmente, no já referido texto *A estrutura dos mitos*. Abaixo, um quadro geral que oferece um panorama dos procedimentos e resultados a se obter com sua utilização.

MÉTODO	**Procedimento**	**Resultado a se obter**
Passo 1	Analisar um mito por vez	Mitemas
Passo 2	Analisar todas as variações	Quadro pluridimensional
Passo 3	Simplificações sucessivas	Quatro feixes de relações
Passo 4	Aproximação por contradição	Grupo de Klein
Passo 5	Redução por semelhança	Cadeia de mediadores/tríades
Passo 6	Dupla permutação	Fórmula canônica

Quadro 3 – Método estruturalista em seis passos

[84] O método de analise estruturalista do mito foi aqui dividido em seis passos para uma melhor compreensão das operações que envolvem sua realização. A fórmula canônica é conhecida pelas dificuldades de sua utilização dada à complexidade teórica que a envolve. Buscou-se aqui traduzir da melhor forma sua complexidade e convertê-la em um conjunto de passos que permita o uso da fórmula de maneira facilitada.

Tendo estas determinações em vista pode-se partir para o primeiro ponto do exercício de análise.

6.3.1 Passo 1

Escolhido o mito a ser analisado e dispondo de suas variações narrativas se define os mitemas. O mitema é uma frase curta em que se atribui um predicado a um sujeito e é a unidade mínima do mito. Cada mitema deve ser disposto de forma a respeitar a sucessão dos eventos na narrativa. Sequencialmente cada mitema é escrito em uma ficha de papel, no canto da ficha se coloca o número que corresponde à posição cronológica do mitema no relato. No *passo 1* os mitemas estão relacionados apenas a uma sequencia de eventos referenciada dentro da própria narrativa ao qual pertencem. No caso, este trabalho analisa seis variações míticas. Cada uma delas foi apresentada no capítulo anterior deste trabalho na mesma ordem em que aqui é numerada. Ao total, as seis variações foram organizadas em 33 mitemas.

6.3.2 Passo 2

Agora todas as variações analisadas são posicionadas em um quadro respeitando o número das fichas que cada um dos mitemas recebeu. Todos os mitemas com a marcação *número 1* serão alinhados com os demais *números 1*, e se procede do mesmo modo com os demais (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.229).

1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6

Segue abaixo quadro com a organização dos 33 mitemas alinhados pela sequencia cronológica de cada variação.

	1	2	3	4	5	6	7
Variação 1	Assassinato dos Brito em	O Padre roga uma	cidade não terá	Do ódio nasce	Concluída a igreja a		

	frente a igreja	praga	progresso por 100 anos	serpente	serpente destrói a cidade		
Variação 2	Mãe joga filho indesejado no córrego da igreja[85]	A criança se transformou em serpente	Cada oito anos e durante sete minutos serpente se mexe e derruba pedação da igreja	Águia na frente da igreja deve caçar serpente quando esta acordar			
Variação 3	Criança não identificada e o Padre testemunham o linchamento	Padre roga praga aos Carvalho e à cidade	Pina[86] raspa terra do sapato (cidade maldita)	Cidade não se desenvolverá da igreja para baixo	Brito enterrados no alto da capela e vertem sangue		
Variação 4	Padre organiza quermesse para reformar igreja	Brito guardavam dinheiro na sacristia	Carvalhos encontram sacristia vazia	Brito são linchados pelo povo	Padre é conivente com linchamento	Bispo de São Carlos roga praga	Os Brito não eram os ladrões
Variação 5	Mulheres lavam roupa no rio do centro da cidade	Coronel engravidou uma escrava	Mulher joga o filho no lago	Criança se torna uma serpente	Padroeira da cidade está com um pé sobre a cabeça da serpente	Se o povo da cidade não agir corretamente a serpente inunda a cidade	Apenas a cruz da igreja ficará fora da água
Variação 6	O rastro dos corpos dos Brito gerou uma serpente	A serpente veio para vingar a morte dos Brito	A igreja foi construída em cima da serpente	A matriz nunca acaba pois a serpente se mexe quando	A igreja afirma não ter dinheiro para terminar a igreja		

[85] Igreja: serve na maioria das vezes como referência a igreja Matriz da cidade
[86] Pina: Mãe de Rozendo de Brito

			para mantê-la presa	tentam reforma-la			

Quadro 4 – As seis versões do mito

Pode-se agora avançar para uma nova composição dos mitemas, os aproximando através de seis feixes de relações. Deixando de organizá-los pela lógica interna de cada versão e começando a aproximá-los por significados em comum. Esta tarefa será aprofundada nos próximos passos. Nesta fase têm-se seis feixes (descritos abaixo) e uma nova possibilidade de leitura: de cima para baixo (mitemas por contexto - sincronia):

01. Assassinato dos Brito ou da criança
02. Figuras religiosas lançam profecia (pragas)
03. Surge uma serpente
04. Conteúdo das profecias (pragas)
05. Motivações que levam aos crimes de assassinato
06. Surge figura de proteção à cidade (com valor de alto): águia, padroeira e a própria igreja edificada.

	1	2	3	4	5	6
Variação 1	Assassinato dos Brito em frente a igreja	O Padre roga uma praga	A criança se transformou em serpente		Padre organiza quermesse para reformar igreja	A igreja foi construída em cima da serpente para mantê-la presa
Variação 2	Mãe joga filho indesejado no córrego da igreja	Padre roga praga aos Carvalho e à cidade	A serpente veio para vingar a morte dos Brito	cidade não terá progresso por 100 anos	Coronel engravidou uma escrava	Águia na frente da igreja deve caçar serpente quando esta acordar
Variação 3		Pina raspa terra do sapato (cidade maldita)	Do ódio nasce serpente	Cada oito anos e durante sete minutos serpente se mexe e	Carvalhos encontram sacristia vazia	Brito enterrados no alto da capela e vertem sangue

				derruba pedação da igreja		
Variação 4	Brito são linchados pelo povo		Criança se torna uma serpente	Cidade não se desenvolverá da igreja para baixo		Padroeira da cidade está com um pé sobre a cabeça da serpente
Variação 5	Mulher joga o filho no lago	Bispo de São Carlos roga praga				
Variação 6	serpente			A matriz nunca acaba pois a serpente se mexe quando tentam reforma-la		

Quadro 5 – Primeiras aproximações dos mitemas

6.3.3 Passo 3

Neste ponto deve se aprofundar as relações entre os mitemas de diferentes versões do mito. Como aponta Lévi-Strauss (*Ibidem*, p.231): "(...) pois o mito é aqui reorganizado de tal modo que ele próprio se constitui como um contexto". Assim, interação entre mitemas de diferentes mitos é pré-requisito para se obter um *sistema significante*. A composição em quadro irá permitir no *passo 3* a passagem do tempo diacrônico (cronológico/sequencial dos eventos) para o tempo do mito (diacronia e sincronia em simultâneo).

> Na verdade, postulamos que as verdadeiras unidades constitutivas do mito não são as relações isoladas, mas *feixes de relações*, e que é unicamente na forma de combinações desses feixes que as unidades constitutivas adquirem uma função significante (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.227, destaque do autor)

Os feixes de relações são obtidos através da composição entre mitemas de diferentes versões do mito; ao todo são quatro feixes de relações a se obter. Tais relações

devem superar as distâncias superficiais entre as versões e começar a trajetória rumo à abstração matemática. Como aponta o autor:

> Se o objetivo do mito é, de fato, fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável quando a contradição é real), um número teoricamente infinito de camadas será gerado, cada uma delas ligeiramente diferente do que a precede (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.247-248)

Para realizar esta tarefa é preciso retomar o quadro do *passo 2* e aplicar a seguinte sequencia de movimentos:

> Os quadros jamais serão idênticos, mas a experiência comprova que os afastamentos diferenciais que serão facilmente percebidos apresentam entre eles correlações significativas que permitem submeter o conjunto a operações lógicas, por simplificações sucessivas, chegando por fim na lei estrutural do mito em questão (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.234)

Neste *ponto 3* deve se concentrar em dois pontos: afastamentos diferenciais → correlações significativas. Os demais movimentos serão realizados nos próximos passos. Assim, tomando o quadro do *passo 2* pode-se operar os seguintes movimentos:

Afastamentos diferenciais:

Versão 1 - Padre vê o linchamento e roga praga na cidade, gerando uma serpente.
Versão 2 - Mãe joga um filho no rio, que vira serpente; uma águia protege a cidade.
Versão 3 –Pina limpa a terra dos pés da cidade maldita, e Brito vertem sangue.
Versão 4 - Padre tenta reformar a Igreja e Brito são mortos injustamente; bispo de São Carlos roga praga
Versão 5 –Coronel estupra escrava; criança torna-se serpente, que destruirá a cidade por inundação
Versão 6 – Do rastro de sangue dos Brito, surge uma serpente; a igreja é construída em cima dela para contê-la

Correlações significativas:

Em uma leitura de cima para baixo, feixe por feixe, temos:

Feixe 1: relações de abuso de poder levam a morte de estrangeiros. *Mãe joga filho indesejado no córrego* (filho fruto de estupro de um coronel sobre uma escrava); Assassinato dos Brito é o assassinato de dois sergipanos por familiares e capangas de coronel. O feixe 1 estabelece relações de violência que levam estrangeiros, sempre inocentes, à morte.
Feixe 2: cidade é amaldiçoada por estrangeiros e ficará estagnada, sem progresso. A cidade precisa sofrer as consequências da violência contra estrangeiros. O feixe 2 é marcado por pragas de valor negativo (baixo). As pragas profetizam uma cidade que congela no tempo, especificamente, dada a maldição que a atinge da terra para baixo.
Feixe 3: Da morte violenta de estrangeiros surge uma serpente que irá destruir a cidade. A extensão do corpo da serpente é criada por um rastro de sangue ou água.
Feixe 4: Surge um elemento com valor de proteção (alto) contra a serpente: Igreja, Santo católico (Padroeira de Lages[87] e Padroeiro de Araraquara)[88], Santo popular (Brito)[89], Águia (animal exógeno à fauna brasileira). Por fim, operando mais reduções, temos:

---

[87] [87] A santa padroeira da cidade de Lages é Nossa Senhora dos Prazeres, seu nome faz referência às sete alegrias que viveu junto ao seu filho (Jesus) na terra. "O culto a Nossa Senhora dos Prazeres ganhou grande impulso principalmente depois de sua aparição no século XVI. Aconteceu durante uma terrível peste que matava a população de Lisboa, Portugal". Fonte: http://www.nossasenhoradosprazeres.com.br/santuario/nossa-senhora-dos-prazeres/

[88]Importante notar que o padroeiro da cidade de Araraquara é São Bento. Como se pode conferir na representação de sua medalha, abaixo (direita), São Bento tem uma serpente a sua esquerda e um corvo com um pedaço de pão envenenado no bico a sua direita. Os animais representam as duas tentativas de envenenamento que sofreu e das quais São Bento sobreviveu. Por isso pessoas utilizam sua medalha para afugentar animais peçonhentos, em especial cobras. A medalha traz São Bento ao centro tendo à direita a serpente e o corvo à esquerda tal como a Igreja Matriz de Sâo Bento de Araraquara está entre uma serpente, no subsolo, e uma águia no chafariz a sua frente. Isto pode nos inspirar a pensar na imagem da serpente no mito, bem como na oposição serpente – ave que parece presente também na medalha. Outro elemento sobre podemos especular diz respeito ao caráter profético das pragas do mito. Como é sabido, São Bento apresentava o dom da profecia como característica distintiva. Acessado em: 10 de novembro de 2015. Disponível em: Fonte: http://arcanjomiguel.net/bia_20/Medalha_Sao_Bento.jpg

Imagem 2 – Reprodução da medalha de São Bento.

[89] Apesar dos corpos dos Brito terem sido enterrados distantes do centro da cidade, no cemitério das Cruzes, este tornou-se rota de peregrinação no dia de Finados. Até hoje é alta a circulação de fiéis que pedem e agradecem preces na capela dos Brito. O busto dos Brito também esta no altar da igreja do cemitério onde são celebradas missas católicas.

ABUSO DO PODER LOCAL (estrangeiros) SERPENTE (baixo- fechado)

			A Matriz (águia- arquitetura) foi construída em cima da serpente para mantê-la presa[90]
Mãe joga filho indesejado no córrego da igreja (centro da cidade)	A cidade não se desenvolverá da Matriz para baixo (Pina)	Do rio em que criança foi jogada surge uma serpente em baixo da Matriz (água)	Padroeira de Lages está com o pé sobre a cabeça da serpente
	Pina deixa a cidade e raspa a terra da sola dos sapatos (cidade maldita)	A cabeça da serpente está no Tanque e o corpo ao longo do Rio Carabá (água)	
		Do rastro dos corpos dos Brito gerou uma serpente (sangue)	Brito são enterrados no alto da Capela do Cemitério, anos mais tarde ainda vertiam sangue (santificação que estimula resistência popular)
Assassinato dos Brito	Bispo de São Carlos roga praga a cidade		
	Cidade não terá progresso por 100 anos (padre)		Águia na frente da Igreja deve caçar serpente quando esta acordar

PRAGA (estagnação) PROGRESSO (alto - aberto)

Quadro 6 – Mitemas em 4 feixes de relações

[90] A referência à Matriz de São Bento em cima da serpente pode estar relacionada à figura de São Bento como protetor contra os animais peçonhentos, ou ainda ao desenho arquitetônico da Matriz, que se acredita representar uma águia, segundo aponta estudo do arquiteto Igor Rossoni em estudo sobre o Largo da Matriz de Araraquara: "Foi nesta, que por mero acaso, descobrimos que ao entrarmos na pequena alameda que conduz às portas principais da igreja, entre as palmeiras, aproximadamente 06 a 07 metros tomados a partir dos limites do canteiro do tanque, no eixo de simetria que liga os pontos altos básicos da praça. Ou seja, o centro da cabeça da Águia, o cume do obelisco que demarca o centenário do 1º batizado na cidade, a vertical da haste que compõe a cruz, o vértice dos 3 ângulos formados em fachada e o centro da esfera que culmina a abóbada da igreja, nesse ponto quem se detiver a olhar para a fachada da construção perpetuada com elevação UMA MONSTRUOSA CABEÇA DE ÁGUIA, COM AS ASAS ABERTAS, relacionando-se física, visual e sensorialmente com a estátua a sua frente " (ROSSONI, 1981, p.5-6)

Após este exercício se consegue reduzir as colunas para quatro feixes extraindo os temas que aproximam os mitemas em feixes de relações, obtendo assim o quadro abaixo:

Feixe 1	**Feixe 2**	**Feixe 3**	**Feixe 4**
Relações de abuso do poder local contra estrangeiros	Relações de estagnação da cidade por praga de estrangeiros	Relações de destruição - (cidade fechada em si) serpente com valor de baixo (negativo)	Relações de progresso – estrangeiro como aliado com valor de alto (positivo)

Quadro 7 – Resumo das relações dos feixes

6.3.4 Passo 4

Após os primeiros movimentos de redução, pode-se avançar para a obtenção da primeira fórmula, nos moldes do *Grupo de Klein*. Nela, as relações entre os elementos serão organizadas através de uma *aproximação por contradição*, podendo oferecer assim relações de simetria entre os termos.

> A impossibilidade de conectar grupos de relações é superada (ou, para ser mais exato, substituída) pela afirmação de que duas relações contraditórias entre si são idênticas na medida em que cada uma delas é, tanto quanto a outra, contraditória consigo mesma (Lévi-Strauss, 2008, p.232)

Como já mencionado esta é a fórmula de Klein: $F_x(a) \approx F_y(a) :: F_y(b) \approx F_x(b)$ e, a partir dela, retomando o *quadro 3*, temos:

Feixe 1	Relações de poder local sobre estrangeiros

Feixe 2	Relações de estagnação/praga da cidade
Feixe 3	Relações de destruição da cidade (cidade fechada em si)
Feixe 4	Relações de progresso e proteção da cidade (estrangeiro aliado)

Quadro 8 – Grupo de Klein

O *quadro 5* demonstra a obtenção de uma relação de contradição que aproxima os pares de termos da fórmula. Pode-se derivar que na primeira parte da fórmula, o par, $F_x(a) \approx F_y(a)$: Estrangeiros (Brito e filho indesejado) são mortos de forma violenta pela ação de uma elite do poder, no caso coronéis, assim como estrangeiros (Padre italiano, bispo de São Carlos, Pina – sergipana) amaldiçoam a cidade suspendendo o seu desenvolvimento, o progresso.

Na segunda parte da fórmula, o par $F_y(a) :: F_y(b)$: estabelece que a partir do abuso sobre estrangeiros (rastro de sangue dos Brito, filho indesejado morto no rio) nasce uma serpente para interromper o progresso assim como a incorporação de estrangeiros como aliados permite à cidade relações de progresso. Aparecem então estrangeiros santificados protegendo a cidade (com valor de alto – águia, um animal exógeno à fauna brasileira, Nossa Senhora dos Prazeres – oriunda de Portugal com o "pé sobre a cabeça da cobra", Brito que "vertem sangue sobre o altar").

Tomando a aproximação por contradição, temos:

Relações de poder local sobre estrangeiros ≈ Relações de estagnação da cidade ::
Relações de destruição da cidade ≈ Relações de progresso da cidade

$$F_x(a) \approx F_y(a) :: F_y(b) \approx F_x(b)$$

a= estagnação
x= poder local
b= progresso
y= estrangeiro

$$F_{poder}(\text{estrangeiro}) \approx F_{estagnação}(\text{estrangeiro}) :: F_{poder}(\text{cidade}) \approx F_{estagnação}(\text{cidade})$$

Podemos ler a equação acima da seguinte forma: Função de poder sobre estrangeiros (abuso de poder que leva a morte) esta para a Função de estagnação da cidade pela praga de estrangeiros assim como Função de poder sobre a cidade esta para a Função de estagnação sobre a cidade. Deste modo a parte esquerda fórmula diz: Não receber bem os que vêm de fora leva a cidade a parar no tempo. A parte direita, por sua vez, diz: A função de poder sobre a cidade leva a estagnação da cidade (vítima da praga causada pelo abuso do poder local).

Como se pode observar, o mito da serpente busca mediar a passagem entre cidade fechada (estagnada) e cidade aberta (progresso). Mas como pode se notar na estrutura acima, a cidade, por conta dos abusos do poder, está fadada à estagnação. A recusa de conviver com estrangeiros, ficar fechada, sob o signo do abuso do poder levou a cidade à estagnação, à crise.

Mas, como a cidade buscou resolver esta questão? Apenas alguns anos após o assassinato dos Brito surgirá um novo valor, o valor de modernidade, que foi, e ainda é, um meio de agregar o araraquarense em torno de um projeto comum, de cidade aberta, de projetar a comunidade no futuro, de superar a crise do abuso do poder e, finalmente, de superar a estagnação e a praga. Não demorou muito e a classe política percebeu que precisaria operar sobre um novo signo que não o do *abuso* e será no valor da *modernidade* que encontrará uma possível solução. Na substituição da figura trágica do *abuso* sobre estrangeiros para a do *moderno,* as relações de poder serão profundamente alteradas. A partir de agora, todo projeto político deverá ter o valor de *moderno* como signo e a disputa para portá-lo atravessa a história da cidade. Mais adiante, com a obtenção da fórmula canônica, pode-se demonstrar esta questão de forma detalhada.

6.3.5 Passo 5

Já obtida a primeira fórmula, tem-se de encontrar *os mediadores*. Para tal, é preciso retornar ao *quadro 3* tendo por objetivo uma redução baseada em uma aproximação por semelhança. Agora se procede ao inverso do p*asso 4,* que operou uma aproximação por contradição.

Pode-se destacar como mediadores: os *Brito,* a *serpente* e a *águia*.

6.3.5.1 Brito

No caso dos Brito, sua mediação é fundamental para a transformação dos estrangeiros, de elementos da destruição da cidade, em protetores, de inimigos da cidade em aliados. A conversão de inimigos em aliados pressupõe uma alteração do valor negativo (baixo) para um valor positivo (alto). No caso dos Brito, esta conversão é feita sob o signo do *sangue*:

Oposição : 01. Do rastro de sangue dos Brito (terra-baixo) surge a serpente (produto da recusa do inimigo da cidade)

02. Os Brito são incorporados como santos populares ao verter sangue no altar da Capela (alto – estrangeiro aliado)

6.3.5.2 Serpente

A serpente também cumpre papel fundamental na mediação entre estrangeiros e a cidade através de coordenadas espaciais que vão do centro da cidade para a periferia. A serpente sempre nasce no centro da cidade (lugar do centro histórico e dos moradores antigos e tradicionais), sua cabeça está na Matriz, mas seu corpo atravessa a cidade rumo à periferia (lugar de chegada dos estrangeiros). O corpo da serpente se forma ora pelo rastro de sangue, ora pelo percurso do rio estabelecendo uma conexão: cabeça-centro e rabo-periferia). Nas variações míticas, tem-se vários exemplos: "A cabeça da serpente está no Tanque e o corpo ao longo do Rio Carabá (água)", "cabeça na Matriz e rabo na Igreja do Carmo" e "cabeça na Matriz e rabo no Cemitério das Cruzes (Brito)".

A serpente contribui ainda para outra conversão, a da passagem do poder sobre o signo do *abuso*, que leva à praga sobre a cidade, para o da *modernidade*, que leva ao progresso da cidade. É na interação da serpente com a águia que este processo se torna possível. Este tema será desenvolvido mais adiante.

Neste *passo ,5* pode-se ainda detalhar as operações de mediação espacial, a passagem do *baixo* para o *alto*:

Feixe 1 – estrangeiros mortos no **centro da cidade**

↓

Feixe 2 – o **centro da cidade** é amaldiçoado ("**para baixo** da terra a cidade não irá se desenvolver", "Pina limpa a terra dos pés") - (BAIXO – VALOR NEGATIVO)

↓

Feixe 3 – Uma serpente **embaixo da Matriz** vai destruir a cidade, mas seu corpo passa a mediar a **relação centro-periferia** (antigos moradores/centro histórico – estrangeiros) - (BAIXO – FECHADO - VALOR NEGATIVO)

↓

Feixe 4 –Estrangeiros com **valor de alto** protegem a cidade permitindo relações de progresso ("águia vigia a serpente, para que quando a cidade progredir e a serpente sair para destrui-la, ela possa atacá-la", "a igreja foi construída em cima da serpente para que ela não saia", os "Brito vertem sangue no altar da igreja" – (ALTO –ABERTO - VALOR POSITIVO)

6.3.6 Tríades

Segundo Lévi-Strauss, o mito opera mediações em um movimento dialético, um processo de mediação entre termos contraditórios ao surgimento de um novo par de oposições. O primeiro passo é identificar os *termos mediadores;* a partir deles pode-se estabelecer uma *cadeia de mediadores.*

> (...) o pensamento mítico provém da tomada de consciência de determinadas oposições e tende à sua mediação progressiva. Postulemos, pois, que dois termos entre os quais a passagem parece ser impossível sejam inicialmente substituídos por dois termos equivalentes, mas que admitam um outro como intermediário. Em seguida, um dos termos polares e o termo intermediário são, por sua vez, substituídos por uma nova tríade, e assim por diante (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.242)

Os *termos contraditórios* podem ser de duas ordens: contraditório ou global. O primeiro é composto por uma relação entre dois elementos: A – B. A passagem de A para B, e de B para A, permite a mediação de uma contradição (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.240). Já o *termo global* concentra a contradição de forma simultânea – AB (*Ibidem*, p.241).

A relação entre termo contraditório e global fica de fácil compreensão ao percebermos que o movimento da cadeia de mediadores se dá por um movimento de oposição e correlação: "(...) sendo que cada um dos termos dá origem ao seguinte por oposição e correlação" (*Ibidem*, p.242). Assim, para cada termo contraditório se desdobram: 1 termo (por oposição) e

2 termos (por correlação). Por isso a estrutura contraditória tem a forma de tríade, pois a questão é: um termo que deriva em dois ou dois termos que derivam em um.

6.3.7 Passo 6

Agora, finalmente, no último passo, poderemos definir a fórmula canônica do mito da serpente. Para tal, deve-se retomar as relações que constituem os quatro feixe de relações:

1 - Relações do poder local contra estrangeiros

2 – Relações de estagnação por praga de estrangeiros

3 - Relações de destruição da cidade pela serpente (fechado –baixo)

4 – Relações de progresso por incorporação de estrangeiro (alto – aberto)

Dispostos em cadeia temos:

Poder(abuso)⟶estrangeiros (praga)⟶estagnação (cidade)⟶destruição (serpente) ⟶ estrangeiros (aliados) ⟶progresso (cidade)

Deste modo, utilizando a fórmula canônica temos:

$$\boldsymbol{Fx(a) : Fy(b) \approx Fx(b) : Fa^{-1}(y)}$$

a = estagnação

b = progresso

x = poder local

y = estrangeiro

$$F_{poder\ local}\ (estagnação): F_{estrangeiro}\ (progresso) \approx F_{poder\ local}\ (progresso): F_{estagnação}^{-1}\ (estrangeiro)$$

A leitura da fórmula fica deste modo: *Fpoder local* com valor de *estagnação* esta para a *Festrangeiro* com valor de *progresso* assim como a *Fpoder local* com valor de *progresso* esta para a *Festagnação invertida* com valor de *estrangeiro aliado*.

Na primeira parte da fórmula temos: a função abuso do poder local leva a estagnação da cidade, dada a possibilidade de estimular a função dos estrangeiros sobre o progresso (neste caso o de professar o fim do progresso através das pragas). Já na segunda parte da fórmula se pode ler: o poder local para poder funcionar sobre o signo do progresso prescinde da função de inversão da estagnação por um estrangeiro aliado (aqui atende-se a exigência da dupla-torção: o termo *a estagnação)* é invertido para a^{-1} *(estagnação* invertida, *ou seja, progresso) e* a inversão da função de valor (*y –estrangeiro)* para função de valor (*y-estrangeiro aliado que protege a cidade)*. O poder precisa portar o signo do progresso para poder negar a função *abuso* e propor a superação da maldição rogada por um estrangeiro. Ao passo, que somente pode portar o signo progresso na medida em que inverter a figura do estrangeiro: transformar serpente em águia, Brito –linchados em Brito santificados, a cidade do *debaixo da terra amaldiçoada* para a *morada do sol*. Para tal operação a passagem do *valor baixo* para o *valor alto* é fundamental.

Não nos causa estranheza agora imaginar de que modo tanto o mito da serpente quanto o assassinato dos Brito estão intimamente imbricados e por que a permanência na memória popular de um pressupõe a do outro. O mito da serpente surge como um instrumento lógico que procura mediar a estrutura contraditória colocada pelo trágico fato histórico que foi o assassinato dos Brito. O crime contra os Brito transforma *Araraquara* em *linchaquara* revela a inabilidade do poder local para com estrangeiros e amaldiçoa a cidade com o signo da estagnação.

Por outro lado, quando o poder pretende operar um projeto progressista, de transformação da cidade, precisa recorrer ao *valor progresso, à idéia de modernidade,* pois ela permite a mediação da figura *abusiva do poder* e da *cidade enquanto terra amaldiçoada.* Daí que políticos distintos entre si – Bento de Abreu, Rômulo Lupo, Edinho Silva – se aproximem pelo uso da ideia de modernidade para legitimar transformações da espacialidade urbana. A lógica do mito da serpente opera independente do conteúdo da proposta política, pois sua função é mediar a contradição entre cidade – espaço-progresso.

Assim, chegamos aos Brito ao atingirmos a fórmula canônica do mito, um e outro se complementam. Retomando a fórmula:

$$F_{poder\ local}\ (estagnação):\ F_{estrangeiro}\ (progresso) \approx F_{poder\ local}\ (progresso):\ F_{estagnação}^{-1}\ (estrangeiro)$$

Como se pode ver na fórmula no registro *função poder local:* os termos progresso e estrangeiros se equivalem. Assim, a cidade não consegue pensar seu desenvolvimento sem

necessitar da atração destes estrangeiros aliados (águia, santos e a própria Matriz que deve superar as rachaduras e ser reformada sempre). Assim, manter a cidade fechada pode retomar a imagem da cidade amaldiçoada pela praga e retomar a relação que vincula o exercício do poder local que leva a estagnação. Daí a divisão muito comum na cidade, uma espécie de jargão popular, que divide os cidadãos entre *araraquarenses* e *araraquaranos*. Araraquarenses seriam progressistas, defendem uma cidade aberta, receptiva e moderna. Já os *araraquaranos pensam pequeno*, querem uma cidade estagnada, fechada, são conservadores e recebem com antipatia estrangeiros. Ao término destes passos, finalmente, a fórmula nos esclarece de forma clara e objetiva o mecanismo de funcionamento das relações políticas da cidade de Araraquara. Pode-se agora realizar a analise aqui pretendida: partir da abstração da fórmula para o mundo das relações de poder da cidade de Araraquara e demonstrar em exemplos algumas das hipóteses aqui apresentadas.

6.4 Do laboratório para as ruas

6.4.1 Narrativas da modernidade como valor: substituição do poder do signo do abuso pelo signo da modernidade

Após abordar o surgimento e as transformações do Largo da Matriz, no capítulo 1, pode–se apontar agora como se deu a introdução, pelos grupos políticos, da noção de modernidade em Araraquara como valor de agregação da comunidade local. Como se buscou superar a imagem negativa e trágica deixada pelo crime dos Brito, a presença da águia é um elemento que aponta para o primeiro grande processo de mudanças urbanas em Araraquara. Após o assassinato dos Brito, a delegacia em que foram presos tornou-se um marco negativo, temia-se na época que pudesse ser local de peregrinação popular em protesto ao assassinato. A antiga delegacia deu lugar a um chafariz no centro do Largo da Matriz, e nele uma águia foi colocada no ano de 1914, pelo prefeito major Dario Alves de Carvalho (filho do coronel Carvalho).

> O antigo largo de terra da bela Matriz de São Bento inaugurada em 1891 vinha sendo ajardinado. Construía-se um tanque de forma ovalada no centro do Largo, onde em breve seria instalado um chafariz, encimado por uma grande águia de bronze (TELAROLLI, 2003, p.154)

Ou ainda:

> No local onde os corpos foram deixados o povo ergueu um cruzeiro em memória das vítimas, onde eram depositadas velas e feitas orações. Com o intuito de apagar da mente do povo o vergonhoso acontecimento, Dario de Carvalho, filho do coronel e um dos cabeças do linchamento, manda retirar o cruzeiro, ajardinando o largo e instalando um tanque que abrigaria um chafariz, até hoje existente (ROSSONI, 1981, p.3)

Dario de Carvalho compunha o chamado *Grupo de 1908*, grupo este que, ao fazer uso do valor de modernidade, realizou um intenso reordenamento espacial da cidade.

> No ano de 1908, deu-se uma mudança no comando da vida política e administrativa de Araraquara. Há muitos anos vinha ganhando as eleições que se realizavam de 3 em 3 anos para a Câmara de Vereadores um mesmo grupo. Nas eleições de 1908, uma outra facção na qual a figura do cafeicultor Bento de Abreu Sampaio Vidal ganha o poder. E esse grupo é que comandará a política e a administração de Araraquara até a revolução de 1930, tendo sempre como lideranças Bento de Abreu e filhos do coronel Antônio Joaquim de Carvalho, primeiro Dario, depois Plínio (TELAROLLI, 2003, p.169)

Além da obra do largo da Matriz, o *grupo de 1908* será responsável por criar os monumentos urbanos que ficarão gravados na memória araraquarense como o primeiro desenho urbano da cidade. Este impulso será capitaneado por recursos privados, na maior parte advinda dos rendimentos obtidos com a produção do café.

Assim, neste primeiro desenho urbano, foram construídos, para citar apenas alguns exemplos, o antigo Theatro de Araraquara (1914), o Hotel Municipal (1916), o palacete do Clube Araraquarense (1925) e a Escola de Belas Artes (1935). Outro elemento desta época foi a intensa arborização do espaço urbano, formando bulevares e praças ajardinadas existentes até hoje. O então prefeito Dario de Carvalho em relatório sobre sua gestão, no tópico *Topographia e espaço*, apresentou:

> tornamos Araraquara verdadeiro parque, dotando-a de completa e elegante arborização. Amenisaremos o nosso clima, interpondo aos rigores do nosso sol as caprichosas copadas de arvores escolhidas e ornamentaremos as nossas praças, ruas e avenidas. Lembraremos as modernas cidades-parques, cidades-jardins, construídas hodiernamente na velha Europa (RELATÓRIO DO PREFEITO CARVALHO, 1911, p.29)[91]

[91]Relatório do prefeito Dario de Carvalho do ano de 1911 encontrado no Livro 330 , denominado "Recortes de jornais com documentos oficiais da Câmara Municipal de Araraquara" do Arquivo Público Histórico "Profº. Rodolpho Telarolli". Sessão de Posse – 15 de janeiro de 1911.

Outro elemento importante neste contexto do início do século XX foi a intensa presença de estrangeiros na cidade. Com a vinda da ferrovia e o fim do trabalho escravo no país, não param de chegar trabalhadores estrangeiros para as lavouras do café, chegando mesmo, nesta época, a superar o número de brasileiros residentes em Araraquara. A partir de recenseamento em 1902, tem-se:

> Ao final, o Dr. Chastinet contou 4.046 habitantes, mais mulheres (2489) do que homens (1997). Visitou cerca de 1910 casas, onde moravam 1859 brasileiros, ou 'nacionais' como se dizia, e 2187 estrangeiros e filhos. A maioria desses estrangeiros era italiana, mas foram anotadas as presenças de outras nacionalidades - alemães, chineses, austríacos, árabes, poloneses, sírios, franceses, norte-americanos, portugueses e espanhóis -. (TELAROLLI, 2003, p.140)

Assim, temos um quadro interessante para pensar este cenário que o recenseamento de 1902 apresenta. Como realizar a incorporação de estrangeiros à cidade de Araraquara após o impacto do crime de 1897? Esta *incorporação* é fundamental, pois é somente a partir dela que a cidade pode superar a crise da *linchaquara* e almejar o desenvolvimento, com a condição do *poder* funcionar sob o signo do *progresso*. E será através da introdução da *modernidade* como valor que irá se construir um espírito de agregação na comunidade. Bento de Abreu[92], presidente da Câmara Municipal de Araraquara nesta época, inaugura as narrativas da modernidade. Em 15 de janeiro de 1911, ao tomar posse como presidente da Câmara, discursou:

> Dous homens desta cidade conseguiram o milagre de realizar essa homogeneidade, de reunir em um só pensamento a quase totalidade da sua população. Carlos Baptista de Magalhães e major Carvalho Filho, a energia generosa, boa e nobre do moço aliada á prudência e sagacidade do homem experimentado (...) Quem se lembrar do que é uma cidade do interior convulsionada pelas paixões locaes, cuja atmosfera maldita torna a inabitável, pode avaliar quanto se deve a esses homens, cujos nomes devem ser cobertos de bençãos (...) Isto durará? Depende de cada cidadão ter sempre consciência do papel do homem moderno. Quer a administração e a política estejam em mãos de A ou B é preciso continuar a mesma harmonia e não retrogradar. E' um serviço prestado á civilização, ao Brasil, á nossa terra e a nós mesmos" (...) foi conseguido o milagre de tornar quasi homogênea a quase totalidade da população de Araraquara (...) (ABREU, 1911, p.0)

[92]Bento de Abreu Sampaio Vidal (1872-1948) foi um barão do café, influente e decisivo em todo o projeto urbano implementado em Araraquara no início do século XX. Foi proprietário da Fazenda Alpes (próxima à atual cidade de Santa Lúcia) e presidente da Câmara durante o período de 1908 a 1930.

Este trecho do discurso deixa claros os objetivos da época: primeiro era preciso superar a trágica morte dos Brito: *"Quem se lembrar do que é uma cidade do interior convulsionada pelas paixões locaes, cuja atmosfera maldita torna a inabitável, pode avaliar quanto se deve a esses homens (...)"*. Logo em seguida Bento de Abreu aponta como isto pode ser feito: *"Depende de cada cidadão ter sempre consciência do papel do* ***homem moderno****. Quer a administração e a política estejam em mãos de A ou B é preciso continuar a mesma* ***harmonia e não retrogradar****"*. Ou seja, o papel de *homem moderno* será o novo valor do cidadão araraquarense permitindo, desta forma, alcançar a *harmonia e não retrogradar*.

A *harmonia* citada por Bento de Abreu é o correlato da *incorporação dos estrangeiros*, a conversão da serpente em águia, sob o signo do *não retrogradar*, ou seja, do moderno, do progresso. A grande tarefa dos homens do poder é resumida por Bento no trecho: *"o milagre de realizar essa homogeneidade, de reunir em um só pensamento a quase totalidade da sua população"*. A fórmula canônica se faz presente, ao demonstrar que o *poder*, ao portar o *valor de moderno* (progresso), pode realizar a mediação da contradição (estagnação - progresso) e permitir que se estabeleça *um só pensamento* em uma cidade dividida (passagem do *estrangeiro inimigo* para o *estrangeiro aliado*).

Seguindo esta historiografia sobre as narrativas da *modernidade como valor*, chega-se a 1913, dois anos após a colocação da águia no chafariz. Neste período de avanço do remodelamento do espaço urbano, o *grupo de 1908* irá renomear as ruas e avenidas da cidade. Os que conhecem Araraquara sabem que as vias do centro da cidade, apesar de terem nomes, são preferencialmente chamadas pelos números. O projeto na época gerou polêmica e várias famílias disputaram a nominação do espaço urbano emergente. Estava em jogo a definição de um elemento importante e que ainda faltava: *a tradição.* Para uma cidade que acabava de criar seu espaço urbano, surgia a dificuldade de definir quais seriam as famílias mais tradicionais. Em outras palavras, qual das famílias teria feito há mais tempo a conversão de estrangeiros para araraquarenses? Segue abaixo trecho da lei votada pela Câmara, que define os nomes para as ruas e estabelece a data de surgimento de cada família:

> Considerando que as denomminações das avenidas, ruas e praças por números não é bonita porque nada exprime e idéia alguma traz ao nosso espirito e não é prática porque ninguém as guarda na memória (...) Considerando que o culto da tradição é o mais sagrado de seu povo (...) Considerando que para as denominações das ruas, deve-se escolher os nomes das mais antigas famílias que povoaram e crearam o município e cidade, que são: Sampaio (quase secular), Corrêa (cerca de oitenta anos), Amaral (mais de oitenta anos), Amaral (mais de oitenta anos), Machado (cerca de oitenta anos), Pinto Ferraz (cerca de oitenta anos), Carvalho (cerca de oitenta anos)

> e Magalhães (mais de quarenta anos) (...)Considerando que estes nomes não representam todos os antigos habitantes, representam todavia a maior parte, suas preocupações e preferencias e que se não representam a perfeição é porque nada ha perfeito". (LOPES, 1914, p.252 – 253)

Nesta primeira apresentação do projeto se previu a nomeação das ruas atribuindo-lhes o nome de membros de famílias tradicionais, e avenidas contando a história do país, como em qualquer outra cidade brasileira. Abaixo outro trecho do projeto redigido por Lopes (que cumpriu a função de secretário na seção da Câmara) nos livros de ata da Câmara Municipal de Araraquara (LOPES, 1914, p.253-254):

> Avenidas:
>
> 1 - Brasil - unidade nacional.
> 2 - São Paulo - o estado que engloba a cidade.
> 4 - Ozório – figura proeminente no exército nacional.
> 12 - Barrozo – figura proeminente da marinha.
> 20 – Bandeirantes: paulistas históricos que fizeram as fronteiras do país.
> 5 -Voluntários da Pátria - participantes da guerra do Paraguay
> 6 - José Bonifácio – a figura articuladora da Independência
> 8 - Feijó – o regente do Império até a maioridade de D. Pedro II
> 10 - Guayanazes – os primeiros habitantes[93]
> 3 - Portugal, 14 - Itália, 5 - Espanha - primeiros povoadores estrangeiros
> 16 - Carlos Gomes – expoente na música
> 7 - Gonçalves Dias – expoente na poesia romântica
> 22 - Liberdade – abolição da escravatura
> 18 - Sete de setembro – data da Independência
>
> Ruas :
>
> Rua da estação - Rua Machado
> 1 - Rua Magalhães
> 2 - Rua Corrêa
> 3 - Rua Sampaio
> 4 - Rua Carvalho
> 5 - Rua Pinto Ferraz
> 6 - Rua Amaral
> 7 - Rua Voluntários da Pátria
> 8 - Rua 15 de novembro
> 9 - Rua Cruzeiro do Sul

[93] *Guayanazes*- termo genérico pelo qual na época se designavam as populações indígenas que ocupavam o território onde mais tarde se fundou a cidade de Araraquara

A primeira discussão do projeto foi realizada em 27 de março e, após polêmicas, retorna em 1º de julho de 1914 para novo debate e aprovação. Na nova apresentação do projeto, opta-se por retirar o nome das *famílias tradicionais*, permitindo a colocação de nomes daqueles que já haviam falecido há pelo menos 10 anos (LOPES, 1914, p.266). Abaixo seque a lista modificada quando da rediscussão do projeto em julho (LOPES, 1914, p.266-267):

Rua:
0 - Rua Dr. Antonio Prado
1 - Gonçalves Dias
2 - Rua do Commercio
3 - Rua de São Bento
4 - Rua Padre Duarte
5 - RuaVoluntarios da Patria
6 - Rua Carlos Gomes
7 - Rua Cruzeiro do Sul
8 - Rua Aurora
9 - RuaHumahyta
p. 267 - 10 - Pedro Alvares Cabral

Avenida:
1 - Avenida Brazil
2 - Avenida São Paulo
4 - Avenida Portugal
6 - Avenida Itália
8 - AvenidaHespanha
10 - Avenida Feijó
12 - Avenida José Bonifácio
14 - Avenida Ozório
16 - AvenidaBarrozo
18 - Avenida Prudente de Moraes
20 - Avenida Bandeirantes
22 - Avenida Mauá
24 - AvenidaChristovam Colombo
3 - Avenida D. Pedro II
5 - AvenidaAvenida 15 de novembro
7 - Avenida 7 de setembro
9 - AvenidaGuayanazes

Ainda que os nomes das chamadas *famílias tradicionais* tenham afinal sido retirados, o projeto marca uma primeira tentativa de formular institucionalmente a tradição da cidade. Um ano antes destes debates da Câmara, um artigo denominado *Numero ou nome* foi publicado no jornal denominado *O Popular – Orgam do Partido Republicano*, no dia 1º de junho de 1913, assinado por autor anônimo através do codinome: *conservador progressista.* O

artigo debate sobre a conveniência da escolha de números ou nomes para se definir a nominação das vias públicas:

> - Numero. O numero exprime a ordem: concatena; exerce uma função harmônica; estabelece a pratica. A idéa de numeração das vias públicas não nos pertence: veio dos Estados Unidos do Norte. Sabem todos que o anglo-saxão é um homem essencialmente pratico, methodico, avesso a futilidades. Nos que desconhecemos tropeços em rumo ao porvir, temos restricta obrigação de aceitar aquillo que os Maiores, por sua sabedoria, adoptaram. Se nos baptisamos nas aguas lustraes das letras francezas, e procuramos formar o caracter e a civilisação da nacionalidade, - ao lado do genio da França, não despresemos a pratica severa que preside á organisação da poderosa Aguia do Norte. A originalidade da aplicação dos números ás ruas, por parte dos americanos, é um facto que, parecendo peccar por exotismo, merece atenção, como sendo uma singular modalidade da manifestação do caracter, do levantamento moral desse povo. Mas se nos arguissem: 'Aonde a pratica e o methodo do numero applicado às ruas?' Dir-lhes-eis que o próprio systema implica uma formula para a solução das indicações, o que não aconteceria com a nomenclatura.
> - As ruas, pela sua natural disposição, seguem ordem numerica, ascendente a partir da margem direita do Ouro, a que são parallelas; as avenidas, perpendiculares as ruas, são números pares á direita da igreja Matriz, e, á esquerda, impares.
> - Eis a carta synthetica de Araraquara. Nada mais simples, nada mais Pratico, no conhecimento de uma cidade. O recem vindo, assim informado vae onde quer, sem mais preâmbulos (...) Aactual 'Praça Municipal' teve as placas: 'Largo da Matriz', 'Praça Cel. João de Almeida; á 'Praça da Republica', antecederam outros nomes. Os números não sugeerem lembrança das parcialidades politicas, ás vezes prenhes de paixões e ódios mal contidos, não indicam pela chiromancia, a *mala-dicha*[94], dos nossos destinos. Os nomes lembram individualidades, estas chocam interesses oppostos, na politica ou na sociedade (...) Quando não pesem estas considerações, à conta da sympathia pelo numero, sejamos conservadores, não radicaes, mas progressistas. Verificada oportunamente, a incongruencia da numeração, adoptemos a nomenclatura (CONSERVADOR PROGRESSISTA, 1913, p.0)

A referência à águia neste texto de 1913 ocorre dois anos depois de sua colocação no chafariz do Largo da Matriz. Pode se especular que existia neste período uma associação da figura da águia com certo padrão de *civilização*: *"Se nos baptisamos nas aguas lustraes das letras francezas, e procuramos formar o caracter e a civilisação da nacionalidade, - ao lado do genio da França, não despresemos a pratica severa que preside á organisação da poderosa Aguia do Norte".*

Não por acaso o autor recorre à figura pragmática e impessoal da civilização da *águia do norte: "Os números não sugerem lembrança das parcialidades politicas, ás vezes prenhes*

[94] Grafia aproximada dada a má qualidade da preservação da tinta do jornal.

de paixões e ódios mal contidos não indicam pela chiromancia, a mala-dicha, dos nossos destinos. Os nomes lembram individualidades, estas chocam interesses oppostos, na politica ou na sociedade".

Novamente, tal como no discurso de Bento de Abreu, ressurge a questão de superar as *paixões e ódios mal contidos*, uma referência aos acontecimentos do assassinato dos Brito. Os números seriam uma forma de evitar conflitos na busca por nominar ruas e avenidas da cidade, uma solução de harmonização, progressista, sustentada na imagem da sociedade da *águia do norte*. Um ano depois, a escultura de uma águia está sob o chafariz da Matriz. A águia cumpre seu papel de conversão para o alto (*progresso*) e superação do baixo (*paixões e ódios mal contidos*).

O autor conclui com a seguinte frase: *"Quando não pesem estas considerações, à conta da sympathia pelo numero, sejamos conservadores, não radicaes, mas progressistas. Verificada oportunamente, a incongruencia da numeração, adoptemos a nomenclatura"*. Neste trecho, pode-se apontar o aparecimento da seguinte relação: *sejamos conservadores, não radicaes, mas progressistas.* Esta frase revela a contradição inerente à relação entre estagnação e progresso. Pensar a cidade é trazer à tona esta estrutura contraditória. Pensar a cidade traz ao debate a contradição na passagem entre estagnação e progresso. Ao se pensar a cidade, revela-se a estrutura contraditória da fórmula, logo, a fórmula revela o modo como a cidade pensa a si mesma. Nos termos de Lévi-Strauss:

> A experiência pode desmentir a teoria, mas a vida social verifica a cosmologia, na medida em que ambas exibem a mesma estrutura contraditória. Portanto, a cosmologia é verdadeira. (LÉVI-STRAUS, 2008, p.233)

Assim, em 1914, estão lançadas as bases para a utilização, pelos grupos políticos, da modernidade como valor de agregação: monumentos públicos, nomeação das vias públicas, invenção institucional da tradição e a colocação da águia no chafariz da Matriz. O tabuleiro urbano ganha suas peças, marcadas indelevelmente pelo signo do progresso e pela sombra da praga.

Passada esta primeira fase, Araraquara voltará a viver grandes remodelações do seu espaço urbano nas décadas de 50, 60 e 70, momentos em que ressurgem as narrativas da modernidade como valor. Neste período, ocorre o início da industrialização e a locomoção de

grande contingente populacional do campo para a cidade. É a urbanização que lança novos desafios.

> A população urbana de Araraquara já era um pouco maior do que a rural. Na sede, viviam cerca de 28.000 habitantes e na zona rural, 20.000. Havia já se iniciado o êxodo rural, após a decadência do café (TELAROLLI, 2003, p.179).

E segue:

> Na zona urbana de Araraquara existiam 5.397 prédios. Apenas 2.847 com ligação de esgoto, 4.454 com ligações de água e 4.500 com rede elétrica. A Prefeitura projetava ordenar o crescimento da cidade e preocupava-se com a criação de um bairro industrial, concedendo benefícios aos interessados como alternativa para a decaída lavoura cafeeira (...) Esse bairro, apesar de não mencionado, era a Vila Xavier (TELAROLLI, 2003, p.180)

Nesta época, Rômulo Lupo[95] foi prefeito por dois mandatos (1956-59; 1964-68) e realizou um conjunto de alterações no espaço urbano da cidade ao remodelar os monumentos herdados do *grupo de 1908.* Um político de impulso industrial substituía, a seu modo, os monumentos urbanos criados pela elite cafeeira.

As realizações de Lupo terão grande impacto na época: a instalação do telefone automático, início da captação de recursos para a construção do Ginásio de Esportes –Gigantão-, introdução do ônibus elétrico (tróleibus, através da empresa pública CTA [Companhia Tróleibus de Araraquara]), inauguração do Mercado Municipal, e da antiga Rodoviária de Araraquara, construção do Hotel Morada do Sol e reforma e ampliação do Hotel Municipal.

> Com Rômulo Lupo na chefia do Executivo tudo se transformou, como por um toque de mágica. O que era retrocesso converteu-se em progresso. Da cartola mágica do Prefeito foram surgindo, em sucessão ininterrupta, os coelhos, as pombas, as flores dos telefones automáticos, dos ônibus elétricos, da pavimentação, da organização da contabilidade municipal, do calçamento de vias públicas antes intransitáveis, dos jardins, das fontes luminosas, da extinção da dívida flutuante, do crédito ilimitado ao Município, do estoque

[95] Filho de imigrantes italianos nasceu em 1902 e faleceu em 1976, sua família inicialmente desenvolveu atividades voltadas a relojoaria e óticas. Mas foi com a criação da Indústria de Meias Lupo que atingiram grande impacto econômico na cidade.

> de materiais, da conservação impecável das rodovias municipais, do Mercado Municipal, da rigorosa honestidade nos negócios públicos, da defesa intransigente dos interesses do povo, da vigilância cuidadosa do patrimônio municipal (...) em cooperação com Jânio Quadros e Carvalho Pinto, as mágicas soberbas do Instituto de Educação, da Faculdade de Filosofia, dos Ginásios Estaduais, da Delegacia e da nova Cadeia Pública, da nova Estação de águas, etc (REVISTA DO JORNAL O IMPARCIAL, 1959, p.53)

Neste novo contexto de euforia com o progresso e de consequente transformação da cidade, editorial da Revista do Jornal O Imparcial demonstra a relação presente na fórmula: o *poder*, ao portar o *valor progresso*, permite a superação do *poder* sob o *valor do abuso*:

> Avesso, por índole, às posições de mando, o araraquarense, de ordinário, empresta a sua colaboração espontânea e acolhedora a todas as iniciativas de progresso, não se preocupando mesmo com a concorrência alienígena, que se vem revezando com acentuada intermitência...” (SILVA, 1953 In: REVISTA DO IMPARCIAL, 1959, p.3)

O araraquarense, portanto, contra quaisquer *posições de mando* (abuso) apoia *todas as iniciativas de progresso*.

Apesar das conquistas que o progresso deste período traz, duas demolições marcam esta fase: a da quarta versão da Matriz em 1956, e a do antigo Theatro de Araraquara, em 1966. O antigo Theatro foi inaugurado em 1914, ficava na esquina da Rua São Bento com a Avenida Duque de Caxias; com seus 918 lugares, conectou Araraquara aos teatros de São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus. A demolição do Theatro marcou para sempre a figura de Rômulo Lupo, dada sua proposta de demolição do Theatro para posterior construção de um novo. O Theatro, de fato, foi demolido, ainda que a nova versão jamais tenha saído do papel. Até hoje não são poucos os lamentos da população sobre a perda do antigo Theatro.

> Entre os anos quarenta e cinquenta, Araraquara começou a perder suas raízes centrais. Primeiro a Matriz de São Bento e, em seu lugar, um grande templo desproporcional ao tamanho da praça. A seguir, pintura do chafariz e do obelisco, provocando uma reação de Pio Lourenço Corrêa ‘Pedra não se pinta’. Como não bastasse a derrubada da histórica Igreja Matriz, a pretexto de ‘progresso’, outra obra importante e histórica veio a chão – o Teatro Municipal. A seguir, o alargamento da rua São Bento, o desaparecimento da linda arborização de oitis, que chamou a atenção de Coelho Neto que assim, sobre elas, se expressou: ‘Em Araraquara tudo é chic. Até as árvores são almofadinhas’ (JORNAL O IMPARCIAL, 1989, p.7)

Segundo mostra Toledo (2013), Lupo enfrentou um árduo debate com a Câmara Municipal de Araraquara e com a Comissão do Plano Diretor do Município. Apesar do Plano Diretor ainda não ter sido aprovado, a comissão podia analisar a viabilidade do projeto de demolição do antigo Theatro, através da Lei 1077 de 9 de dezembro de 1961, que previa:

> desde a instalação da Comissão nenhum projeto de lei ou medida administrativa referentes a zoneamentos, arruamentos, loteamentos, construções, espaços verdes, obras e serviços de utilidade pública poderá ser aprovado ou executado, sem prévio parecer da Comissão do Plano Diretor do Município" (TOLEDO, 2013, p.112, nota nº 52)

O plano do prefeito Rômulo Lupo era construir no lugar do antigo Theatro um alto prédio que fosse referência, símbolo de progresso, para Araraquara e as cidades vizinhas. Diante das dificuldades de tratamento com a Comissão do Plano Diretor do Município, Lupo argumentou diretamente com a Câmara Municipal, tentando convencê-los da importância de sua proposta:

> Pelo que se pode verificar, a lei que criou a Comissão do Plano Diretor e do Escritório Técnico teoricamente é muito boa, mas na prática, como se constatou na referida reunião, só conseguiria dificultar, quando não obstar de vez o progresso da cidade, se nos ativermos a observar seus dispositivos que, como dissemos, teoricamente podem ser bons, mas na prática são desaconselháveis e, porque não dizer, até perniciosos para o progresso e – desenvolvimento de nossa cidade (...) Si nos aferrarmos à idéia de um planejamento tão rígido, as outras cidades, nossas vizinhas, como aliás está acontecendo, construirão seus arranha-céus, progredirão e nós ficaremos para traz (LUPO, 1965 In: TOLEDO, 2003, p.290-291)

A Câmara vota o projeto que prevê a demolição e o prefeito Lupo vence. A proposta de modernidade de Lupo, personificada no elemento urbano que é o *arranha-céu*, operou uma superação do signo do *abuso* e da *estagnação* por meio de uma operação com valor de *alto.* O poder realiza a conversão, que permite, como podemos observar no texto abaixo, que a *picareta avassalante do progresso* faça desaparecer *os vestígios do passado*. Novamente se verifica a relação encontrada na fórmula.

> Araraquara vêm-nos maravilhando com seu ritmo acelerado de evolução, remodelando-se, transformando-se a mais e mais, perdendo aquela tacanha fisionomia ou humilde aspecto de província, ou antes, de burgo, que a caracterizava há longos anos atrás...Araraquara progride finalmente! (...)

> Antigas casas e velhas ruas sofrem os rudes golpes da picareta avassalante do Progresso...Desapareceram os vestígios do Passado...Transfigura-se, metamorfoseia-se a 'urbs', vertiginosa de um dinamismo sem par (...) É a revolução estonteante do Progresso, a vertigem sempre sonhada de uma Araraquara maior, sempre crescente em seus valores intelectuais (...) (MURICCA, 1959, p.86)

O ritmo pulsante da cidade continua nos próximos anos; em 1970, era possível ler matérias sobre projeto do arquiteto Paulo Barbieri, que previa transformar Araraquara na capital do Estado de São Paulo[96].

Mas uma mudança importante irá ocorrer, a operação de superar o passado amaldiçoado (estagnação) será definitivamente institucionalizada. Em 1972, no governo do prefeito Clodoaldo Medina, será aprovada a Lei nº. 1.866 que institui o hino de Araraquara. Segue abaixo na íntegra:

> Araraquara tu nasceste
> de uma lenda e uma poesia
> cresça tupi que além das serras
> surgindo o sol ali morava o dia
> tendo por bandeira a lenda
> aqui chegou, Pedro José Neto
> sonhando ergueu a sua tenda
> sob teu céu, o seu primeiro teto
> Araraquara ensolarada
> o sol é o teu coração
> as tuas tardes são douradas
> és meu querido torrão
> Araraquara terra amada
> Aracoara da língua tupi
> tu és morada é manhã nascendo
> nome acalento que foi dado a ti
> Amo, meu berço Natal
> onde pizaram bravos bandeirantes
> eu canto as maravilhas tuas,
> legado eterno desses teus gigantes
> Araraquara ensolarada
> o sol é o teu coração
> as tuas tardes são douradas
> és meu querido torrão
> Araraquara adorada
> tu és morada e filha do sol
> esplendorosa é tua alvorada
> e repousante o teu arrebol
> Creio no teu bravo povo

[96]REVISTA do Jornal O Imparcial. 22 de ago. 1970. **Araraquara – Capital do Estado**. Araraquara: Gráfica Globo, p.3.

no amanhã e na tua glória
teus jovens seguirão confiantes
novos gigantes desta tua história
Araraquara ensolarada
o sol é o teu coração
as tuas tardes são douradas
és meu querido torrão
(AGUIAR, 2015)

Em 30 de maio de 1974, é aprovada a Lei nº 2.058 que institui os símbolos de Araraquara. Dentre eles, o Brasão de Armas, apresentado abaixo:

Imagem 2 – O Brasão de armas de Araraquara instituído pela Lei nº 1.119, de 5 de julho de 1962

A Lei nº 2058 descreve do seguinte modo a inscrição em latim do brasão:

> X- No listel de blau (azul), a divisa "ALTIOR ALTISSIMO SEMPER" (sempre mais alto), afirma o ânimo indômito dos munícipes, que, irmanados pelo trabalho, almejam para o Município uma posição sempre mais elevada.

Assim, tem-se que o hino de Araraquara recupera o mito de origem da cidade, aquele que afirma que a cidade é o lugar em que mora o sol, e estabelece a imagem da *Morada do Sol*, termo até hoje comumente usado para apelidar a cidade. O brasão, por sua vez, institui o lema *sempre mais alto*, dado que, como explica a lei, os cidadãos *almejam para o Município* uma posição sempre mais elevada.

Podemos permitir, assim, a comparação dos símbolos da cidade com a figura da águia conhecida popularmente pelas qualidades de "voar sempre para a frente e para o alto", ou ainda, por sua capacidade de poder" olhar diretamente para o sol sem ferir seus olhos". Fica explícito aqui o recurso da tentativa de superação da contradição utilizando elementos com valor de *alto*.

Mas este movimento institucional de criação de símbolos não foi isolado. Ele previa responder a certa produção literária e histórica desta época, que resolveu desenterrar a questão do mito da serpente, da praga do padre e do assassinato dos Brito. Ignácio de Loyola Brandão, Anna Maria Martinez Corrêa e Rodolpho Telarolli retomam os temas com valor de *baixo* após um longo período de silêncio:

> As histórias em surdina saem da toca e começam a ganhar um rumo novo; às vezes, mediadas pelos guardiães do templo do medo. O que era tabu vira uma pequena discussão frente ao universo imensurável a ser explorado (SOUZA, 2003, p.7)

O fato da construção da nova Igreja Matriz- sua quarta versão foi demolida em 1956 – não ter sido concluída até hoje também contribuiu para a retomada do mito da serpente. A interminável obra e as rachaduras na parede levam à rediscussão sobre o movimento da serpente em sua estrutura.

Após 1976, este contexto de criação institucional do símbolos, pode apontar um novo exemplo no ano de 1987 em que a estrutura contraditória da fórmula, a passagem da estagnação para o progresso, continua presente na vida social e política da cidade. Em 22 de agosto de 1987, aniversário de 170 anos de Araraquara, o jornal Folha da Cidade lança editorial com o título: *A aniversariante muda, mas resiste às transformações*. O título nos parece indicar a reprodução da estrutura contraditória aqui abordada:

> Mas apesar das divergências de opiniões, Araraquara continua a crescer e a receber a cada dia, novos moradores. Uns gostam e ficam, outros desgostam e vão embora, mas o fato é que a 'Cidade Sol' permanece aí, de portas

> abertas a quem quiser fazer parte de sua história, ou simplesmente experimentar o calor humano contido no conservadorismo de seu povo (JORNAL FOLHA DA CIDADE, 1987, p.0)

O texto tem início com a frase *Araraquara continua a crescer e a receber a cada dia, novos moradores* e depois finaliza com o trecho *experimentar o calor humano contido no conservadorismo de seu povo*. Tal articulação de ideias revela uma contradição em articular a situação de uma cidade que quer progredir e, para tal, receber estrangeiros, mas que ao mesmo tempo oferece a estes um ambíguo convite: acolhimento n*o conservadorismo do seu povo*.

Em 1995, Rodolpho Telarolli publica texto denominado *Declaração de amor de um velho cúmplice apaixonado* publicado no jornal Folha da Cidade, em edição comemorativa do aniversário da cidade, em 22 de agosto:

> Araraquara é menina que cresce serena, com juízo de gente grande, sem pressa para não encher a barriga de lombriga e de rugas prematuras o rostinho belo. E é sábia assim que eu te quero: crescendo num dia, só o que deve crescer num dia só. Fazendo cada coisa a seu tempo, para não ficar uma moça velha e feia bem antes da hora, como hoje é costume acontecer. E você sabe disso. E é assim que eu te quero pelos séculos seculórum. Quando ao que dizem a seu respeito, a arrogância! Não liga,não! É despeito de gente que não tem o que fazer, e muito menos a afortunada sensibilidade para gozar a luminosidade de sua graciosa elegância (TELAROLLI, 1995, p.17)

No trecho, Telarolli faz uma analogia entre o crescimento da cidade e de uma menina e procura relacionar os termos progresso e estagnação. Interessante notar como o autor, ao optar por defender a conservação da cidade, uma postura anti-progresso, logo em seguida tem que explicar: *Quanto ao que dizem a seu respeito, a arrogância (...).* Este trecho demonstra como a defesa da estagnação pressupõe conciliar a relação negativa com estrangeiros (*abuso de poder e estrangeiros).* Esta outra passagem, *E é sábia assim que eu te quero: crescendo num dia, só o que deve crescer num dia só,* parece retomar a contradição estagnação e progresso apresentada na fórmula.

No século XXI, parece haver a construção de uma nova relação com a *modernidade como valor.* A eleição do prefeito Edinho Silva, do Partido dos Trabalhadores, traz a retomada da ideia de modernidade, do progresso e levou a cidade a um novo desenho urbano. Por outro lado, a modernidade aqui é proposta como diferente das anteriores, ainda que cumpra a mesma função das duas modernidades (Bento de Abreu; Rômulo Lupo) anteriormente

abordadas. Abaixo segue texto da historiadora Teresa Telarolli, que consta no site de Edinho Silva:

> No intervalo compreendido entre os anos de 1908 e 1930, a cidade foi palco de um acelerado processo de urbanização. Vivia-se o período do fastígio da lavoura cafeeira e não é absurdo deduzir que a Araraquara castigada poucos anos antes, pela Febre Amarela e pelo episódio indigente do Linchamento dos Brito, fizesse um monumental esforço para "limpar" a memória de seus cidadãos, através de um galopante processo de urbanização e embelezamento da cidade. Estes anos definiram as características e feições da Araraquara do século XX (...) (TERESA TELAROLLI, 2013)

Como aponta o trecho, a modernidade agora é vista em seu caráter negativo, um produto das elites econômicas da época, que produz um efeito de ilusão sobre o real passado da cidade. Mas, ao definir a Araraquara de hoje o texto afirma:

> A Araraquara destes tempos, **mostrou-se capaz de ser moderna**, sem deixar de ser inclusiva; a população por seu lado, mostrou-se plenamente capaz de partilhar decisões administrativas, com maturidade democraticamente manifesta nas diversas esferas do Orçamento Participativo, implantado no primeiro ano de gestão petista (TERESA TELAROLLI, 2013, grifo nosso)

Neste trecho, a modernidade como valor retorna, propondo uma cidade moderna e aberta (ao que vem de fora), há de ser inclusiva. Uma modernidade que possa reconectar as pessoas a sua própria cidade. Este movimento não poderia ser feito por qualquer outra figura política:

> Ainda sob a perspectiva das transformações, vale ressaltar a ruptura representada pela eleição, em 2000, do **primeiro prefeito oriundo das mais modestas classes sociais e econômicas**, Edson Antônio Edinho da Silva, em uma surpreendente subversão da lógica eleitoral que até então prevalecia em Araraquara (TERESA TELAROLLI, 2013, grifo nosso)

Assim, a figura modesta de Edinho Silva - perante Bento de Abreu, o Barão do café e, Rômulo Lupo, o empresário do setor industrial – permite que o Partido dos Trabalhadores dialogue com o público periférico da cidade em uma aparente situação de maior simetria de posição social. Cabe destacar – isto pode ser verificado no quadro abaixo – que, no início do século XXI, a cidade havia abrigado uma grande porção de novos habitantes atraídos pelo crescimento dos últimos anos no setor sucro-alcooleiro. Mas, se observarmos bem, esta modernidade pouco difere das anteriores. O que Edinho Silva chama de *inclusivo*, Bento de

Abreu chamou de *homogeneidade.* Edinho Silva, em seu governo buscará realizar a tarefa de conversão desta massa de recém-chegados em araraquarenses. Não por acaso, o lema do governo Edinho será *Morada da Cidadania.* Novamente a solução com valor de *alto,* com a troca do termo *sol* por cidadania (leia-se *modernidade inclusiva*). Neste caso, a lógica do mito continua a mesma: o poder, ao atuar sob o signo do progresso, supera o valor de *abuso* (neste caso a modernidade das elites que quer apagar a memória do povo) através da conversão do estrangeiro inimigo em aliado.

Edinho Silva realiza, ainda, nova reforma urbana: aprova o segundo plano diretor (2005), modifica vias importantes como a Rua Nove de Julho (02) e a Rua Voluntárias da Pátria (05). Mantém o processo de criação de novos conjuntos habitacionais e investe na diversificação da base econômica da cidade, atraindo empresas de tecnologia da informação. Por fim, anuncia projeto que prevê a retirada dos trilhos do centro de Araraquara.

Pode-se citar ainda dois fatos: Edinho Silva foi o primeiro prefeito após o término da praga de 100 anos do Padre Antonio Cesarino e, durante sua gestão, revitalizou a Praça da Matriz e o chafariz nos exatos moldes do projeto de 1911, do filho do coronel Carvalho. Assim, parece demonstrada a presença da lógica do mito no discurso político e nas relações de poder da cidade de Araraquara.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou demonstrar que a partir de um modelo obtido através da aplicação da fórmula canônica é possível se analisar o funcionamento das relações de poder da cidade de Araraquara.

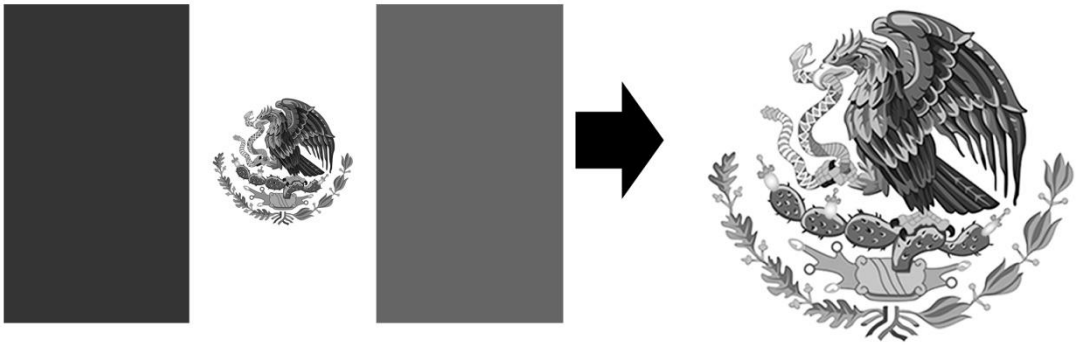
O mito da serpente é portador de um esquema simbólico que auxilia na mediação das relações: *estagnação-progresso (alto –baixo; dentro-fora).* Passagem contraditória para uma cidade que se projeta no futuro com a sua imagem do passado. Que deseja progredir, mas sem se transformar.

Por sua vez, a verificação da recorrência do mito pressupõe um mergulho sobre a história da cidade. Acreditamos, assim, ter demonstrado como as cidades antes de tudo são uma criação. E como tal, a manutenção das cidades estão permeadas também por processos de disputa por um *sentido*, um *valor*. No caso de Araraquara a *modernidade* como valor. Deste modo, analisar o processo constante de criação da cidade nos permite verificar a dimensão negociada do sentido que se quer dar a urbes. E neste aspecto o modelo oferecido pela fórmula canônica é ótima ferramenta para compreender os limites e a lógica que delimita este jogo de interesses.

Podemos concluir ainda que investigar a recorrência do mito da serpente nos permitiu demonstrar que se apoderar do esquema simbólico pelo qual se pensa uma cidade é uma forma eficaz para se legitimar a ação do poder político sobre o destino da comunidade. Acreditamos assim, no final deste trabalho ter oferecido apontamentos que possam contribuir para a análise das tensões e negociações que permeiam a constituição das chamadas cidades médias.

Mas, é possível extrair algo mais deste trabalho. O mito da serpente de Araraquara - tal como apontou Lévi-Strauss (2008) sobre a natureza dos mitos em geral- está permeado por elementos compartilhados com sociedades. Nas figuras abaixo destacamos representações de Nossa Senhora dos Prazeres, Nossa Senhora Imaculada Conceição e da águia (figuras estrangeiras).

Vejamos as imagens abaixo:



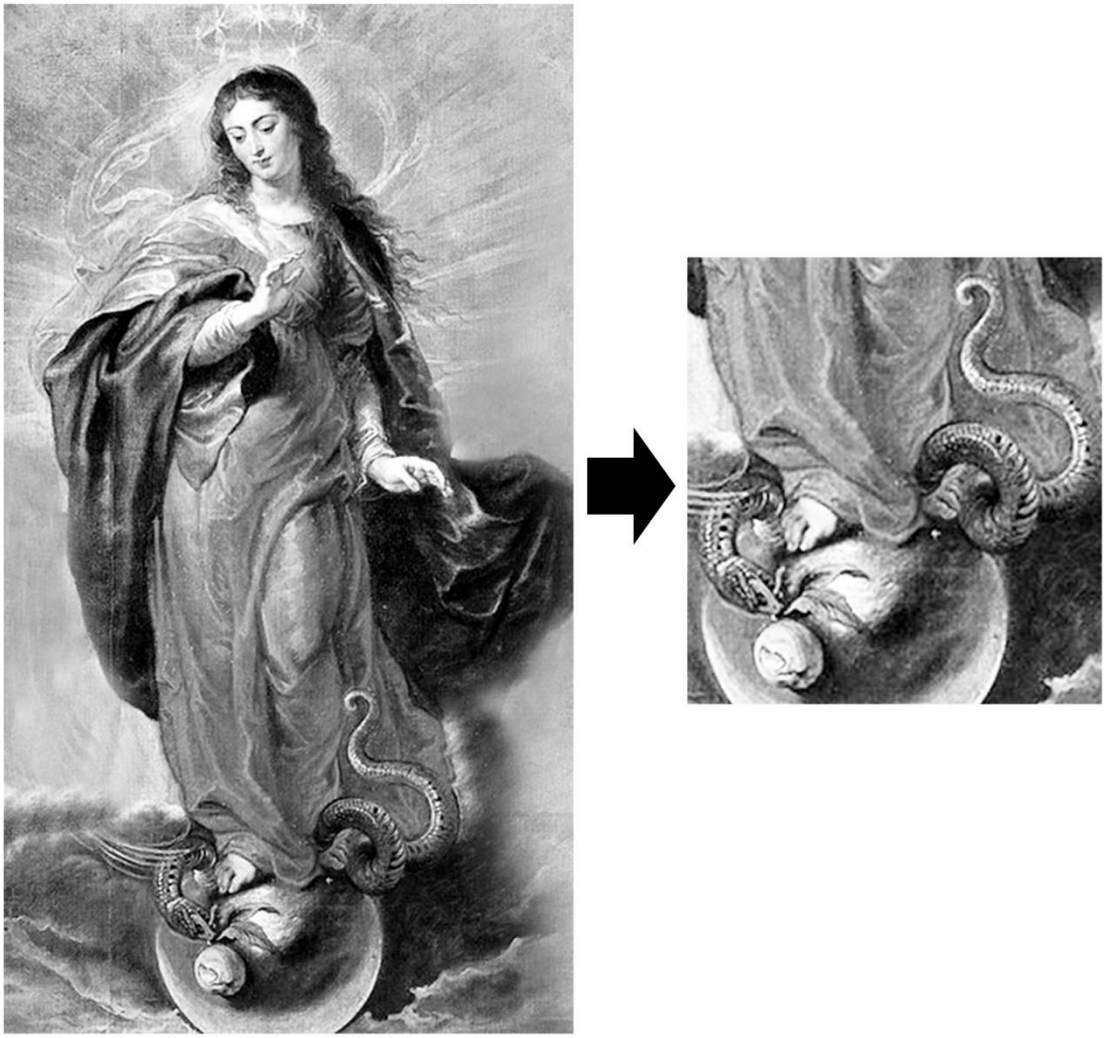


Imagem 3 – Ilustração da bandeira do México (Fonte: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=388) e de Nossa Senhora Imaculada Conceição (Fonte: http://www.franciscanos.org.br/?p=29210)

Imagem 4 – Ilustração de Nossa Senhora dos Prazeres (Fonte: http://www.nossasenhoradosprazeres.com.br/santuario/nossa-senhora-dos-prazeres/)

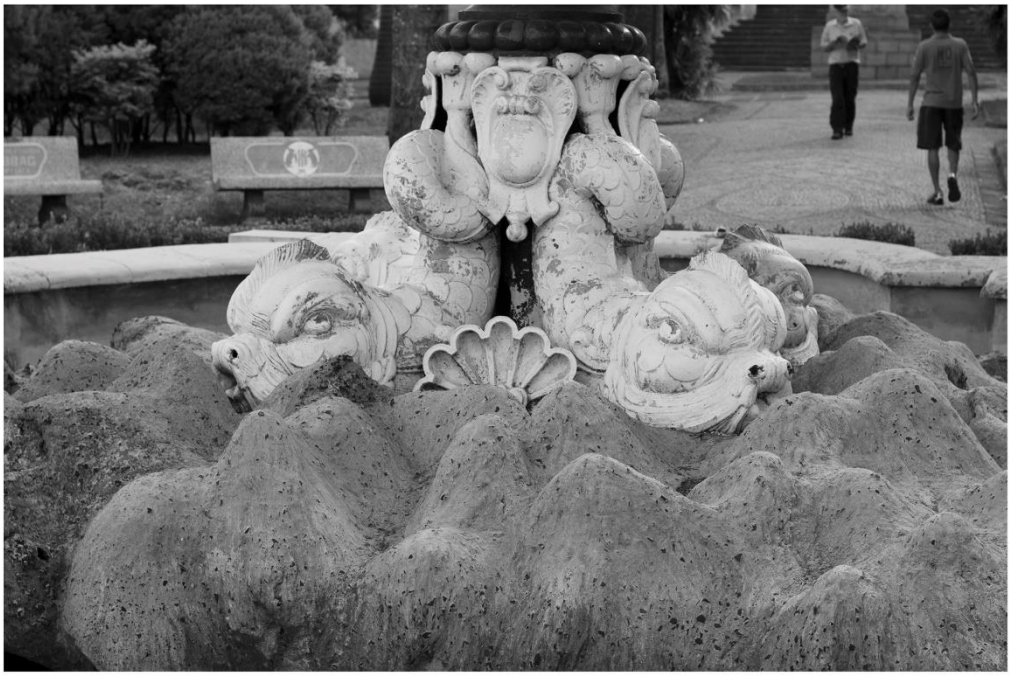


Imagem 5- Foto da Águia da Matriz de Araraquara (Arquivo pessoal)

A primeira imagem traz uma representação da bandeira do México em que podemos ver uma águia com uma serpente dominada em suas garras, logo abaixo na mesma imagem, a representação de Nossa Senhora Imaculada Conceição pisando sobre a serpente. A segunda imagem traz a representação de Nossa Senhora dos Prazeres também pisando sobre a serpente. E, por fim, uma fotografia da águia do chafariz da Matriz de Araraquara em se pode ver as garras da águia sobre serpentes.

Dentre todas estas imagens a relação que se pode estabelecer é o da oposição ALTO/BAIXO onde uma figura com valor de alto (santo/águia) domina uma figura com valor de baixo (serpente).

Como apontou a fórmula canônica a cidade de Araraquara opera através do mito as passagens: ALTO/BAIXO e DENTRO/FORA. A estagnação com valor de baixo (maldição – serpente) e o progresso com valor de alto (proteção – águia/santo). Tais imagens demonstram, como estes elementos míticos e suas respectivas oposições não são exclusivos da cidade de Araraquara.

Por outro lado, quais seriam de fato as motivações para o araraquarense recorrer por tanto tempo a este mito? A resposta é difícil de ser respondida, este trabalho, por sua vez, demonstrou apenas que o modelo obtido através da fórmula tem eficácia para pensar as relações de poder em Araraquara. Ainda que isto não diga tudo sobre as intenções daqueles que se apropriaram do mito. Explica-se, talvez, mais sobre o funcionamento da operação do que o seu sentido, ou motivação.

Se quiséssemos responder a esta pergunta poderíamos, por exemplo, especular que o retorno do mito durante a década de 60 e 70 por historiadores e um escritor literário seria uma estratégia de criticar o poder local da época. Retomaram as *narrativas da praga*, da l*inchaquara*, da *cidade fechada em si* para criticar de forma velada o grupo político da época e o seu projeto de progresso. Pode-se fortalecer esta hipótese ao se considerar que naquele momento tinha inicio o período ditatorial no país, tornando a liberdade de critica reduzida.

Outra hipótese seria a de que o mito ressurge nos momentos de reforma da igreja Matriz (demolição/reconstrução 1956/58 e atualmente reinício em 2013). A dificuldade de concluir a igreja e as consequentes rachaduras pelo envelhecimento do prédio alimentam o retorno da narrativa do mito.

Ou ainda, ao se observar o quadro no anexo deste trabalho denominado *Breve quadro da conjuntura de forças políticas de Araraquara* pode se relacionar a recorrência do mito ao fluxo de estrangeiros para a cidade e a reformas urbanas. Enfim, de algum modo cada um destes elementos acima citados coincidem com as recorrências do mito em Araraquara.

Longe de uma resposta definitiva, o fato, é que em todo momento de transformação a narrativa do mito ressurge e o modelo da fórmula se aplica para a análise deste novo contexto criado. O mito como ferramenta lógica de mediação de relações contraditórias é possível de ser verificado. Ainda que o mito não seja sempre o instrumento pelo qual as pessoas escolhem para pensar a cidade, prova disto, é que a recorrência do mito obedece a certos ciclos.

Talvez, nisto resida alguma certeza: a eficácia da fórmula canônica esta para mim como antropólogo assim como a eficácia do mito da serpente esta para os araraquarenses.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. William Barbosa de. 2009. **A fórmula canônica do mito.** Disponível em: https://mwba.files.wordpress.com/2010/03/almeida-2009-a-formula-canonica-do-mito-_corrigida.pdf. Acessado em: 20 de março de 2014. pp.1-36

ALMEIDA, N. Martins de. 1948. **Album de Araraquara**. Organização e edição Nelson Martins de Almeida. São Paulo, Composto e impresso pela Empreza "O papel" Ltdta.

AUGÉ, Marc. 2007. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus. (Coleção Travessia do Século, 6º edição)

BERGAMIM, Francisco de Assis; MARTINS, Felipe Turioni. 2012. **Máquina Estranha que Consumia Água e Carvão e Cuspia Fumaça** – Contribuições para a História da Ferrovia em Araraquara". Araraquara. (Monografia de conclusão do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara – Uniara).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Introdução, organização, seleção e tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. 1976. **Dentes ao sol ou a destruição da catedral**. Editora Brasília, RJ. Rio de Janeiro

CANDIDO, Antonio. 2010. **Os Parceiros do Rio Bonito** – Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. Acessado em: 10 de janeiro de 2015. Disponível em: file:///C:/Users/user-03/Downloads/Antonio%20Candido%20-%20Os%20parceiros%20do%20Rio%20Bonito.pdf

CANO, Wilson. 2002. **Ensaios sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas, SP: editora da UNICAMP.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. 2008. **Araraquara 1720-1930: um capítulo da história do café em São Paulo**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

CORRÊA, Pio Lourenço (Mota Coqueiro). 1948. A febre amarela em Araraquara In: ALMEIDA, Nelson Martins de. 1948. **Album de Araraquara**. Organização e edição Nelson Martins de Almeida. São Paulo, Composto e impresso pela Empreza "O papel" Ltdta.

_____. Março de 1945 O depoimento Confidencial de Pio Lourenço Corrêa, um Documento Único In: TELAROLLI, Rodolpho. **Brito: República de Sangue**. 1997. Araraquara: Edições Macunaíma. p.219-216

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil :mito, história, etnicidade**. São Paulo : Brasiliense, 1987

DURHAM, Eunice. Cultura e Ideologia In: **A dinâmica da Cultura – ensaios de antropologia**. Organização de Omar Ribeiro Thomaz. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 257-280.

FRANÇOSO, Luís Michel. **O retorno do sujeito: De Lévi-Strauss a Michel Foucault**. Araraquara, 2012. [Monografia apresentada como exigência do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Araraquara sob orientação da Profª. Drª. Renata Medeiros Paoliello (FCLAR- UNESP)]

FREHSE, Fraya. 2008. De antropologias, histórias e também teoria social In: **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich**. Tradução de Fraya Frehse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.. pp. 9-15.

HALBWACHS, Maurice. 1990. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda.

LEAL, Victor Nunes. 2012. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify.

_____. 1996. Como se faz um etnógrafo In: **Tristes Trópicos**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras. p.48-58.

_____. 1989a. As descontinuidades culturais e o desenvolvimento econômico In: **Antropologia estrutural dois**. Tradução e coordenação de Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 317-326.

_____. 1989b. História e Dialética In: **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus. pp. 273-298.
_____. 1991. O futuro da etnologia (ano letivo 1959-1960) In: **Minhas palavras**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense. pp. 19-35.

_____. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. Tradução de Rosa Freire d`Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Introdução à obra de Marcel Mauss In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.11-46.

LUPO, Rômulo. 10, maio.1965. Ofício do prefeito Rômulo Lupo relatando suas impressões a respeito da reunião que teve com a Comissão do Plano Diretor In: TOLEDO, Rodrigo Alberto. 2013. **Trajetórias do Planejamento Urbano no Município de Araraquara: Centralismo Decisório ou Participação?** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, sob orientação da Prof Drª Maria Teresa Miceli Kerbauy. Araraquara, SP.

MANIGLIER, Patrice. 2009. **A aventura estruturalista**: uma breve exposição da história e do funcionamento do método estrutural. R@U – Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS- UFSCAR, vol. 1, p. 9-15.

MASSERAN, Paulo Roberto. 1998. **Teatros Paulistas no ciclo do café: tipologia e arquitetura.** São Carlos. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Carlos.

MAGDALENA, José Carlos. 1997. Um século de silêncio. São Paulo: Senac.

MAUSS, Marcel. 1972. **Manual de etnografia**. Tradução de Maria Luísa Maia. Lisboa: Editorial Pórtico.

_____. 2005. Esboço de uma teoria geral da magia In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. p.47-61.

MEDINA, Clodoaldo Jr. 2012. **Histórias do Teca –** Teatro Experimental de Comédia de Araraquara. Araraquara: DBA.

MOLES, Abrahamm Antoine. 1971. **A criação científica**. Tradução de Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.

MOREIRA, Jair de Brito. 1995. **O processo de urbanização de Araraquara: 1970-1993.** Monografia apresentada ao departamento de economia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – FCL/Araraquara, sob orientação da Profª Drª Helena Carvalho de Lorenzo.

PADRE MARCELO aparecido de souza e comissão de festas paroquial. 2014. **Festa de São Bento 2014: grande festa na Igreja Matriz de Araraquara.** pp. 1-19.

PINA, Rosa A. de. 13. fev.1897. Commercio de São Paulo In: LIMA, Olympio (prefácio). 1898. **Crime de Araraquara: Echos da Imprensa**. Santos: Typographia da Tribuna do Povo. p.203-204

PRADO JUNIOR, Caio. 2000. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha.

SAHLINS, Marshall. 2007. **Cultura na prática**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. 2008. **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich**. Tradução e apresentação de Fraya Frehse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.

_____. Esperando Foucault, ainda. 2004. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Cosac Naify.

SAUSSURE, Ferdinand. 1973. **Curso de lingüística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix.

SCHWARTZMAN, Steven. 1983. **Estrutura e história**. Tradução de Lais Mourão. Anuário de Antropologia. pp. 270-282.

SOUSA, Maria Helena RR de. 2014. **A lenda da Serpente, por Maria Helena RR de Sousa**. Blog do Noblat. Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2014/01/13/a-lenda-da-serpente-por-maria-helena-rr-de-sousa-520706.asp. Acessado em: 17 de janeiro de 2014.

SOUZA, J. Maria Vianna de. 2003. **Araraquara 212 anos de história**. São Carlos, SP: Editora compacta.

_____. 2003. **Araraquara 170 anos de política**. São Carlos, SP: Editora Compacta.

SOUZA, S. Luiz de. 2007. **(RE) Vivências Negras: entre batuques, bailados e devoções – práticas culturais e territórios negros em Ribeirão Preto (1910-1950).** Ribeirão Preto. Edição do autor.

TELAROLLI, Rodolpho. 1977. **Poder local na república velha**. Editora Companhia Nacional. Coleção Brasiliana. Volume 364

_____. 2003. **Para uma história de Araraquara: 1800 a 2000.** Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial.

TOLEDO, Rodrigo Alberto. 2013. **Trajetórias do Planejamento Urbano no Município de Araraquara: Centralismo Decisório ou Participação?** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, sob orientação da Prof Drª Maria Teresa Miceli Kerbauy. Araraquara, SP.

TRUZZI, Oswaldo; FOLLIS, Fransérgio. 2012. **A ocupação dos sertões de Araraquara: das sesmarias e apossamentos à Lei de Terras de 1850**. EdUFSCAR.

WITTGENSTEIN, Ludwig. 1999. Investigações filosóficas. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda (Coleção Os Pensadores)

8.1 OBRAS CONSULTADAS

BASTIDE, Roger. Introdução ao estudo do têrmo "Estrutura" In: Bastide, Roger (Org.) **Usos e sentidos do termo "Estrutura".** São Paulo: Edusp, 1971. p.1-12.

GINZBURG, Carlo. 2003. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.

MANO, M. 2006. Os campos de Araraquara: um estudo de história indígena no interior paulista. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: http//www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000377352&fd=y.

NEF, Fréderic. 1995. **A linguagem: uma abordagem filosófica**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

POUILLON, Jean. 1968. Uma tentativa de definição In: **Problemas do estruturalismo.** Tradução de Moacir Palmeira. Zahar Editôres: Rio de Janeiro. pp. 7-26.

QUEIROZ, Ruben Caixeta de; NOBRE, Renarde Freire (Organizadores). **Lévi-Strauss: leituras brasileiras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RESTALL, Matthew. 2006. **Sete mitos da conquista espanhola.** Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

8.2 FONTE DE INFORMAÇÃO - ARQUIVOS PÚBLICOS

Biblioteca da Unesp – Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

LOPES, Eduardo Luiz Veiga. 1999. **100 anos de fotografia: Memória fotográfica de Araraquara.** Prefeitura do Município de Araraquara em comemoração aos 190 anos de Araraquara. CD-ROW I e II.

RIBEIRO, Anysio (Direção). **Um século de silêncio**. Grupo Belazarte. Arte Vídeo Araraquara. Peça teatral.

Arquivo da Biblioteca Municipal de Araraquara "Mario de Andrade"

CALONI, Beto. 2003. **Rozendo de Brito: um forasteiro inconsequente**. Araraquara: Jornal O Imparcial.

ROSSONI, Igor. 1981. **Matriz: história e misticismo – depoimento**. pp. 1-9. (Pasta 121 R1)

Arquivo Histórico Municipal "Rodolpho Telarolli"

ABREU, Bento de. 15, jan.1911. Sessão de Posse da Câmara Municipal de Araraquara. Araraquara. p.0 (Livro 330).

CARVALHO, Dario de. 1911. Relatório do prefeito Dario de Carvalho do ano de 1911. Araraquara (Livro 330)**.**

CONSERVADOR progressista. 1º jun.1913. **Numero ou nome.** Publicado no jornal O Popular – Orgam do Partido Republicano. p.0

DISCURSO pronunciado pelo Deputado Bento A. Sampaio Vidal, no banquete em sua homenagem, no Hotel Municipal, de Araraquara, em 22 de Agosto de 1936 (Livro 330).

LOPES, Alberto Gonçalves. 1914. Ata da sessão extraordinária de 27 de março de 1914 (Alberto Gonçalves Lopes cumpriu a função de redator desta ata na função de secretário). Disponível no Livro de Atas da Câmara Municipal de Araraquara – nº507. *Câmara Municipal de Araraquara – Livro de Actas (045/39),* referente ao período de 16 de nov. 1909 até 02 de nov. 1920.

ZAKAIB, Luís Augusto. 02.10. 2005. **Cobra gigante assusta população no Pinheirinho**. Araraquara: Jornal O Imparcial. (Disponível no Arquivo Histórico Municipal de Araraquara – Pasta 1C denominada "História - Lendas e Dinossauros").

8.3 FONTE DE INFORMAÇÃO – IMPRENSA

Jornal O Imparcial

SILVA, Antonio C. da. 1953. Sem título **In: Revista do Jornal O Imparcial**. 20, de ago. 1959. Araraquara: Gráfica Globo. p.3 (Publicado quando da comemoração do 136º Aniversário de Araraquara)

MURRICA, Rodolpho G. 22 de ago. 1959. **Araraquara – Urbs dinâmica** In: Revista do Jornal O Imparcial: Gráfica Globo, Araraquara.

O IMPARCIAL (jornal). 20 de ago. 1989. **Destruindo o passado**. Araraquara. p.7 (Caderno B)

O IMPARCIAL (Revista). 22, ago. 1959. Araraquara: Gráfica Globo, p.53.

O IMPARCIAL (Revista). 22 de ago. 1970. **Araraquara – Capital do Estado**. Araraquara: Gráfica Globo, p.3.

O IMPARCIAL (Revista). 22 de ago. 1970. **Araraquara – Capital do Estado**. Araraquara: Gráfica Globo, p.3.

PIRES, Célia. 06.06.2011. **Alberto Lemos, um apaixonado por Araraquara completa hoje 100 anos**. Jornal O Imparcial. Disponível em:

www.jornaloimparcial.com.br/v2/?menu=&tpconteudo=artigo&id=671&idc=1. Acessado em: 14 de maio de 2013.

ZAKAIB, Luís Augusto. **Encontrado túnel subterrâneo na cidade**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 13.11.2005

ZAKAIB, Luís Augusto.**Cobra do pinheirinho é encontrada morta**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 11.12.2005

ZAKAIB, Luís Augusto.**Câmera flagra ataque da cobra no Pinheirinho.** Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 28.06.2006

ZAKAIB, Luís Augusto.**Anaconda araraquarense pode entrar para o Guinness Bokk.** Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 05.11.2005

ZAKAIB, Luís Augusto. **Monstro do Pinheirinho vira atração turística**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 30.10.2005

ZAKAIB, Luís Augusto. **Anaconda ameaçada**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 20.11.2005

ZAKAIB, Luís Augusto. **Arqueólogos encontram várias ossadas no túnel subterrâneo**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 27.11.2005

ZAKAIB, Luís Augusto. **Cobra gigante assusta população no Pinheirinho**. Araraquara: Jornal O Imparcial. Publicada em 02.10.2005.

Revista Kappa

FERNANDES, Andressa. 19. Ago. 2013. **Sim, a serpente da Matriz existe** – A serpente da Matriz de São Bento segue viva no comportamento do araraquarense. Revista Kappa. Ano 3. Edição nº 71. Nº 22. p.40-44.

PIACENTINI, Patrícia. 19.Ago. 2013. **Café, ferrovia e o desenvolvimento urbano e econômico de Araraquara**. Revista Kappa. Ano 3. Edição nº 71. Nº 22. p.18-27.

Jornal Sim News

SIM!NEWS (jornal). 21.08.2013. **Uma vida pela igreja: Pároco da Matriz de São Bento, Padre Marcelo realiza o sonho de concluir a igreja que se tornou símbolo da cidade**. Caderno especial: aniversário de Araraquara. p.8-9

Jornal Circulando News

ZAKAIB, Elias.21.mar.2014. **Memória do Mercadão**. Araraquara: Jornal Circulando News. Edição nº18. Ano 01.

Informativo Rizadão

RIZADÃO (informativo). 2012 ou 2013 (indefinido). **Lendas urbanas – Araraquara...** Jornal 1º Página. Araraquara

Jornal Tribuna Impressa

DURANTE, Beto. 22.08.2000. **A serpente, a águia e a Matriz**. Jornal Tribuna Impressa. Araraquara.

TRIBUNA IMPRESSA (jornal). 16.08.2012. **Igreja Matriz terá a troca de mais de mil vidros e ganhará elevador**. Araraquara. p. A-5

Portal G1

G1 (portal). **Obra em Igreja Matriz será concluída após 50 anos em Araraquara, SP**. Portal G1. Disponível em: http://g1.globo.com/sp/araraquara-regiao/noticia/2012/04/obra-em-igreja-matriz-sera-concluida-apos-50-anos-em-araraquara-sp.html. Acessado em: 19 de janeiro de 2014.

Portal News

NEWS São Carlos e Região (portal). 2011**. Lenda pode atrapalhar reforma da matriz São Bento, em Araraquara**. Disponível em: http://www.portalnews.net.br/regiao/3489-lenda-pode-atrapalhar-reforma-da-matriz-sao-bento-em-araraquara.html. Acessado em: 13 de março de 2014.

Jornal Folha da cidade

FOLHA da cidade (jornal). 22. Ago. 1987. **A aniversariante muda, mas resiste às transformações.** Araraquara, p.0. (Aniversário de 170 anos de Araraquara)

TELAROLLI, Rodolpho. 22.ago.1995. Declaração de amor de um velho cúmplice apaixonado. Araraquara. p.17 (Publicado no jornal Folha da Cidade em edição comemorativa do aniversário da cidade)

8.4 FONTE DE INFORMAÇÃO - DOCUMENTOS VIRTUAIS

LENDA da Serpente de São Luís. 2014. Disponível em: http://imirante.globo.com/saoluis400anos/lendas/. Acessado em: 18 de março de 2014.

LEI Nº 2.058 De 30 de maio de 1.974. 2014. Disponível em: http://www.camara-arq.sp.gov.br/site/index.php/simbolos-de-araraquara/. Acessado em: 15 de jan. 2015)

AGUIAR, Aparecida J.de Godoy. 2015. **Hino de Araraquara**. Disponível em: http://www.camara-arq.sp.gov.br/site/index.php/hino-de-araraquara/. Acessado em: 15 de jan. 2015.

ANDRADE, Adailton dos Santos. 13. Set.2009. **Rozendo de Souza Brito: Série Rosarenses ilustres – Um crime em Araraquara nº5.** Blog Fontes da História de Sergipe. Disponível em: fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com.br/2009/09/um-rosarense-lichado-em-araraguara-sp.html. Acessado em: 21 de fevereiro de 2014.

BANDEIRA do México. 2015. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=388). Acessado em: 18 de janeiro de 2015.

BARRETO, Luis Antonio. 12.07.2005. **Araraquara: a marca da tragégia.** Site Infonet. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=37827&titulo=Luis_Antonio_Barreto. Acessado em: 12.04.2014)

BRASÃO de armas de Araraquara. 2014. Disponível em: http://www.camara-arq.sp.gov.br/site/index.php/simbolos-de-araraquara/. Acessado em:

CARDILLO, Maria Aparecida. 2010. **Igreja Matriz de São Bento, o que uma serpente tem haver com tudo isso?** Blog Tribuna Virtual. Disponível em: http://kuruferrari.blogspot.com.br/2010/12/lendas-e-contos.html. Acessado em: 16 de maio de 2014.

CONCEIÇÃO, Nossa Senhora Imaculada. 2015. Disponível em: http://www.franciscanos.org.br/?p=29210. Acessado em: 18 de janeiro de 2015

LIMA, Rossini Tavares de. 6 de out.1950. Comunicação feita à Comissão Nacional de Folclore. (Na fazenda São João, em Taubaté (Estado de São Paulo), uma de nossas colaboradoras do Centro Mário de Andrade recolheu, em novembro de 1948, as seguintes orações, usadas tradicionalmente pelos moradores daquela zona rural). Fontes: Acessado em : 15 de janeiro de 2015. Disponível em: http://www.jangadabrasil.com.br/agosto36/pn36080c.htm

PRAZERES, Nossa Senhora. 2015 Fonte: http://www.nossasenhoradosprazeres.com.br/santuario/nossa-senhora-dos-prazeres/. Acessado em: 18 de janeiro de 2015.

TELAROLLI, Teresa Cristina. 2013. **História de Araraquara**. Site do deputado estadual Edinho Silva (PT). Disponível em: http://araraquara.edinhosilva.com.br/historia/. Acessado em: 14 de dez. 2013.

9 ANEXOS

9.1 Cronologia sobre a história de Araraquara

Abaixo segue compilado de acontecimentos que marcam a história de Araraquara. Tal cronologia tem por objetivo localizar no tempo informações[97] que estão referidas ao longo do texto deste trabalho. Foram priorizadas informações que compõem a vida política da cidade, para tal, consta abaixo a lista completa de chefes políticos institucionais (inicialmente chamados de intendentes municipais e posteriormente denominados prefeitos)[98]. Estão inclusas ainda informações sobre o aumento populacional, ciclos econômicos e transformações do espaço urbano.

1602 - Primeiros relatos de presença de viajantes na região dos sertões de Araraquara. Buscavam metais preciosos na região.

1805 – Construção da primeira versão da Igreja Matriz de São Bento (casebre de taipa e sapé)

1817, 22 de agosto – Nesta data ocorreu a criação da Freguesia de São Bento de Araraquara, desmembrada de Piracicaba, através de alvará expedido pelo Rei Dom João VI. Neste ocorre ainda a doação de área denominada sesmaria das Cruzes.

Construção da segunda versão da Igreja Matriz

Sobre a economia local podemos citar o cultivo de milho, feijão, arroz e algodão.

Araraquara tem 336 habitantes

1832 – A então Freguesia de São Bento foi elevada para a condição de vila.

1860 - 2.800 habitantes em Araraquara

1875 – Construção da terceira versão da Igreja Matriz (demolida em 1888).

1885 - Chegada da Estrada de Ferro na cidade de Araraquara

1889 - 23 de fevereiro - Araraquara se eleva da condição de vila para cidade.
4.000 habitantes em Araraquara

1890 - A lavoura do café em Araraquara nesta época atinge níveis de sucesso e inicia sua

---

[97] Todas as fontes que colaboraram para a confecção desta cronologia foram obtidas nos arquivos municipais e seguem referenciadas na bibliografia ou citadas no interior da cronologia. Durante esta pesquisa foi possível verificar contradição entre algumas fontes sobre dados do município. Assim, a cronologia é uma síntese de tais informações, sempre se privilegiando pelo uso de dados que fossem confirmados por documentos oficiais. Todas as fontes utilizadas na elaboração desta cronologia podem ser conferidas na bibliografia deste trabalho, citamos aqui as referidas fontes: CORRÊA (2008); TELAROLLI (1977), (1997) e (2003); FERNANDES (2013); PIACENTINI (2013); MOREIRA (1995); TRUZZI;FOLLIS (2012) e TOLEDO (2013).

[98] O cargo de intendente passou a ser denominado por prefeito municipal após a aprovação da Lei nº113 de 10/07/1906, pela Câmara Municipal de Araraquara (TOLEDO, 2013, p.328)

expansão. Família de Bento de Abreu compõe grupo de famílias de grandes fazendeiros, a dos pioneiros do café.

Instituição do Código de Posturas que prevê um novo desenho urbano para a cidade, estabelecendo normas e leis para tal.

1891 - Largo de terra da Igreja Matriz é inaugurado. Neste ano também foi construída a quarta versão da Igreja Matriz. Posteriormente reformada em 1908 e demolida em 1956.

1895 – Ocorre um surto de febre amarela em Araraquara. Segundo dados do arquivo devido ao surto 800 pessoas morreram.

1896, 29 de julho – Assume como intendente municipal Manoel J. Pinto de Arruda (1896 - 1897)

O engenheiro civil Paulo Bechman, em diálogo com Joaquim Duarte Pinto Ferraz, o intendente municipal, realiza cálculos das árvores necessárias a arborização de ruas e praças de Araraquara. Calculou 5.104 plantas dando início ao planejamento de arborização no contexto da epidemia de febre amarela que assolou a cidade.

1897, 06 de fevereiro - Ocorre o assassinato dos Brito no largo da Matriz de São Bento.

Na manhã do dia 07 de fevereiro do mesmo ano o padre Antônio Cesarino profetiza praga à cidade de Araraquara enquanto recolhe os corpos dos Brito.

1898 – Assume como intendente geral João Nogueira de Camargo (1898)

1899 – 1899 - Assume como intendente geral José Infante Vieira (1899)

Foi construído o Jardim Público, também conhecido por Praça da Independência. Localizado entre as ruas Padre Duarte (4) e Voluntários da Pátria (5), no centro da cidade.

1900 - Assume como intendente geral Antônio Corrêa de Arruda (1900)

1901 - Assume como intendente geral Camilo Dantas Horta (1901)

1902 – Assume como intendente geral Antônio Corrêa de Arruda (1902)

Recenseamento do médico Adaucto Chastinet aponta 4.406 habitantes em Araraquara, deste total 1.859 eram brasileiros e 2.187 estrangeiros.

Construído o prédio da Santa Casa da Misericórdia

1903 - Assume como intendente geral C. João de Almeida Leite Moraes (1903)

1904 – Assume como intendente geral Germano Machado (1904)

Construído o prédio da Beneficência Portuguesa

1905 - Assume como intendente geral Major Pio Corrêa de Almeida Moraes (1905)

1906 - Assume como prefeito Major Pio Corrêa de Almeida Moraes (1906-1907)

1908 - Chegada do cinematógrafo em Araraquara através do Circo Martinelli

Neste ano o grupo político de Bento de Abreu Sampaio Vidal chega ao poder (compõe este grupo os filhos do coronel Antônio Joaquim de Carvalho, Dario e Plínio). Assume como prefeito Américo Daniele (1908-1910), pertencente ao grupo de Bento de Abreu.

1909 – No segundo semestre deste ano ocorre a inauguração da energia elétrica em Araraquara através de contrato com Ernesto Dias de Castro e José Cândido de Sousa.

1911 - O prefeito major Dário Alves de Carvalho manda vir do Rio de Janeiro 400 mudas de oitis para arborização das ruas 3 (São Bento) e 5 (Voluntários da Pátria). Ambas localizadas no centro da cidade.

De 1911 a 1916, Bento de Abreu Sampaio Vidal atua, por dois mandatos consecutivos, enquanto presidente da Câmara Municipal de Araraquara.

1914 Prefeito na época era o major Dario Alves de Carvalho (gestão 1911-1913 e 1914-1916)

É inaugurado o antigo Theatro Municipal de Araraquara. O prédio foi demolido em

1966 e ficava onde hoje está instalada a Prefeitura Municipal de Araraquara.

1916 - Inaugura-se o prédio do Hotel Municipal

1917 - Assume como prefeito Plínio de Carvalho por três mandatos consecutivos (1917-1930). Faz parte do grupo de Bento de Abreu.

1919 - Ocorre o ajardinamento do terreno entre o Hotel Municipal e o antigo Theatro Municipal de Araraquara. Este ajardinamento ainda existe e fica em frente ao prédio da Prefeitura de Araraquara, chamado de Esplanada das Rosas.

1923 - De 1923 a 1930 Bento de Abreu Sampaio Vidal atua, por três mandatos consecutivos, enquanto presidente da Câmara Municipal de Araraquara

1925 - Primeira experiência em Araraquara para a constituição de uma estação receptora de rádio. A partir de então o rádio, em Araraquara, passa a ser um novo elemento cultural.

Inaugura-se o prédio do Clube Araraquarense

1928 – Neste ano Araraquara apresenta 20 mil residentes na área urbana.

1930 - Assume como prefeito Dr. Augusto Freire da Silva Júnior (09.12.1930- 30.01.1931)

Após a quebra da bolsa de Nova York e o declínio do ciclo do café (ciclo em Araraquara: 1860-1930) a cidade aposta na policultura cultivando algodão e cana-de-açúcar.

1931, 04 de fevereiro – Villa Lobos se apresentou no antigo Theatro Municipal de Araraquara

Assume como prefeito Christiano Infante Vieira (30.01.1931 – 25.04.1931)

Assume como prefeito Dr. Mário Arantes de Almeida (25.04.1931 -03.07.1932)

1932, 31 de outubro - Guiomar Novaes se apresenta no Teatro de Araraquara

Assume como prefeito Francisco Vaz Filho (30.07.1932 – 03.10.1932)

Assume como prefeito Major Faustino Cândido Gomes (03.10.1932 – 13.10.1932)

Assume como prefeito Francisco Vaz Filho – (13.10.1932 – 19.12.1932)

Assume como prefeito Christiano I. Vieira (19.12.1932 – 08.01.1933)

1933 - Assume como prefeito Cândido Affonso dos Santos (08.01.1933 – 23.08.1933)

Assume como prefeito Dr. Lafayette Muller Real (23.08.1933 – 29.05.1934)

1934 - Assume como prefeito Dr. Heitor de Souza Pinheiro (29.05.1934 – 07.07.1935)

1935 - Fundada a Escola de Belas Artes de Araraquara. Foi importante espaço de formação de artistas. Atualmente não está mais em funcionamento.

Assume como prefeito José Maria Paixão (07.07.1935 – 02.05.1936)

1936 - Assume como prefeito José de Abreu Isique (02.05.1936 – 29.06.1936)

Assume como prefeito Jose Maria Paixão (29.06.1936 – 16.07.1938)

1938, 06 de fevereiro - Procópio Ferreira se apresenta no antigo Theatro Municipal de Araraquara

Assume como prefeito Antenor Borba (16.07.1938 – 22.01.1940)

1940 - Assume como prefeito o engenheiro Camilo Gavião de Souza Neves (1940-1945)

No início desta década a industrialização da cidade começa a apresentar fortes indícios. Ocorre a abertura de indústrias voltadas ao beneficiamento de algodão: Fábrica Anderson Clayton e Dianda Lopes. Com a cana-de-açúcar surgem iniciativas através da abertura de usinas: Família Zanin, Usina Tamoio, da Refinadora Paulista. A cidade contava ainda com a Fábrica de Meias Lupo e Nestlé.

Araraquara tem 67.724 habitantes

1945 - Assume como prefeito Dr. Fernando Augusto de Nogueira Cavalcanti (21.11.1945 – 19.12.1945)

Assume como prefeito Dr. Camilo Gavião de Souza Neves (19.12.1945 – 26.01.1946)

1946 - Assume como prefeito João Soares de Arruda (26.01.1946 – 01.03.1947)

1947 - Assume como prefeito Dr. Cândido de Barros (01.03.1947 – 10.04.1947)

Assume como prefeito José dos Santos (10.04.1947 – 08.05.1947)

Assume como prefeito Dr. Cândido de Barros (08.05.1947 – 30.05.1947)

Assume como prefeito Dorival Alves (05.1947 – 01.01.1948)
1948 - Assume como prefeito engenheiro José dos Santos (1948-1951)
1950 - Plinio Salgado realiza conferência no antigo Theatro Municipal de Araraquara

Araraquara tem 62.688 habitantes

Em 12 de abril foi fundada a Associação Ferroviária de Esportes (AFE)

1952 - Assume como prefeito engenheiro Antônio Tavares Pereira Lima (1952-1955)
Inauguração da Avenida Bento de Abreu. Marco do início da expansão da cidade para a região norte
1956 - Assume como prefeito o industriário Rômulo Lupo (1956-1959)
1958 – Construção da quinta versão da Igreja Matriz, atualmente em reforma.
É inaugurado o Mercado Municipal de Araraquara. Localizado ao lado do terminal municipal de ônibus, próximo centro da cidade.
1960 - Assume como prefeito o agricultor Benedito de Oliveira (1960-1963)
Jean-Paul Sartre realiza conferência no antigo Theatro de Araraquara
Nesta década a produção de laranja tem início se tornando mais tarde em um dos principais setores de produção de Araraquara e região. A Cutrale inicia suas atividades na cidade em 1967.
Araraquara tem 81.600 habitantes
1964 - Assume para o segundo mandato de prefeito o industriário Rômulo Lupo (1964-1968)
1969 – Assume como prefeito Rubens Cruz (1969-1972)
Inaugurado o Ginásio de Esportes de Araraquara (Gigantão) localizado na Avenida Bento de Abreu
No dia 2 de junho foi criado o Departamento Autônomo de Água e Esgotos (Daae)
1970 – Nesta década a produção de cana-de-açúcar se fortalece em Araraquara. Estimulada pelo lançamento do programa Pro-álcool em nível nacional. A expansão da cana demandou a utilização de mão-de-obra, gerando significativa migração para a cidade de trabalhadores da região Nordeste e do Estado de Minas Gerais. Segundo Moreira (1995, p.24) a área cultivada de cana-de-açúcar no município cresceu em 149% entre 1970 e 1985.
Araraquara tem 100.438 habitantes
Nas décadas de 70 e 80 a gestão municipal foi chefiada de forma alternada pelos políticos: Clodoaldo Medina e Waldemar De Santi. Durante este período a cidade vê expandida sua área urbana. Ocorre a abertura dos primeiros loteamentos, localizados à grande distância do centro da cidade. Como aponta Moreira (1995, p.50), o poder público municipal no período entre 1970 e 1982 triplicou o perímetro urbano da cidade, através da abertura de novos loteamentos[99].
1971 – O prefeito Rubens Cruz sanciona o primeiro Plano Diretor de Araraquara
1973 – Assume como prefeito Clodoaldo Medina (1973-1976)
1976 – Se instala na cidade a empresa Equipamentos Villares. Na época chegou a empregar 3.300 funcionários
1977 – Assume como prefeito Waldemar De Santi (1977-1982)
1980 - Araraquara tem 128.122 habitantes
1983 – Assume como prefeito Clodoaldo Medina (1983-1988)
1989 – Assume como prefeito Waldemar De Santi (1989-1992)
1990 – Araraquara tem 166.731 habitantes

[99] Segundo Moreira (1995, p.33): "Existem registrados na prefeitura do Município de Araraquara, desde 1925, 180 loteamentos. Aproximadamente, 54% desses loteamentos ocorreram de 1970-82, ou seja, uma média de 12 loteamentos por ano".

Nesta década um novo ciclo de industrialização se estabelece em Araraquara. em 1995 ocorre a abertura de unidade da cervejaria Kaiser e, em 1998, a inauguração da Sachs que produz amortecedores e embreagens.

1993 – Assume como prefeito Roberto Massafera (1993-2000)

1997 – Assume como prefeito Waldemar De Santi (1997-2000)

2000 - Araraquara tem 182.471 habitantes

Na primeira década do século XXI Araraquara amplia seu setor econômico para a área de tecnologia da informação. A prestação de serviço também é importante fonte geradora de renda para o município. Em 2005 ocorre a inauguração da fábrica de software EDS (atualmente HP).

2001 – Assume como prefeito Edson Antonio Edinho da Silva (2001- 2008)

2005 – É finalizado o segundo Plano Diretor de Araraquara.

2009 – Assume como prefeito Marcelo Barbieri (2009-2012)

2010 – Araraquara tem 208.662 habitantes

2013 – Marcelo Barbieri é reeleito para o cargo de prefeito (2013-2016)

2014 - Aprovada a revisão do Plano Diretor pela Câmara Municipal de Araraquara.

Atualmente a cidade conta com 222.036 habitantes

9.2 Breve quadro da conjuntura de forças políticas de Araraquara

Segue abaixo quadro de referência com o objetivo de sintetizar momentos significativos de transformações política de Araraquara. Tem por objetivo articular informações presentes no texto. Este quadro deve ser aprofundado até a entrega final deste trabalho.

habitantes	2.800	4.406	55.553	81.600	100.438	182.471	222.036
Economia	Café (ascensão e declínio) 1860 a 1930	Café +	Ciclo de Indústrialização – Algodão/Fábrica Anderson Clayton, Dianda Lopes, Família Zanin (1945), Usina Tamoio, Refinadora Paulista (40/50), Lupo e Nestle (1946)	Laranja – Cutrale (1967)	Produção canavieira/ Fábrica Villares (1976)/ Lançamento do Pró-Alcool (nível nacional)	Ciclo de industrialização	
Política		Grupo de 1908 (elite cafeeira		Rômulo Lupo (aliado local de		Edinho Silva (PT)	

		– Partido Republicano Paulista)		Adhemar de Barros)			
Fluxo populacional	Fluxo imigrante europeu mão de obra café	Fluxo imigrante europeu mão de obra café	Fluxo campo – cidade	Fluxo campo – cidade		Fluxo migratório	
Reforma urbana		Primeiro centro urbano		Segundo centro urbano		Aprova novo Plano Diretor e altera novamente o espaço urbano	
Mito	Surgimento do mito da serpente (Assassinato dos Brito em 1897)			Recorrência do mito da serpente em obras de literatura e história	Recorrência do mito da serpente em obras de literatura e história		Recorrência do mito da serpente
Igreja Matriz	Construção da primeira versão (1805). Quando do assassinato dos Brito a Matriz estava em sua quarta versão, construída em 1891.	Quarta versão da igreja é reforma da pelo Padre Antonio Cesarino em 1908	Demolição da quarta versão (1956)/ Construção da quinta versão que segue até hoje inacabada (1958)				Retomada das reformas para término da quinta versão

Quadro 9 - Comparativo dos períodos de recorrência do mito